



Universidade de Brasília  
Centro de Excelência em Turismo

## **HOSPITALIDADE & HOSPEDAGEM EM CIDADES HISTÓRICAS: UM ESTUDO DA CIDADE DE GOIÁS**

Evandro Mendonça da Veiga

Professora Doutora Deis Elucy Siqueira  
(orientadora)

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Docência e Pesquisa em Turismo.

Brasília, DF, janeiro de 2004

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Centro de Excelência em Turismo

Curso de Especialização em Docência e Pesquisa em Turismo

**HOSPITALIDADE & HOSPEDAGEM EM CIDADES  
HISTÓRICAS: UM ESTUDO DA CIDADE DE GOIÁS**

Evandro Mendonça da Veiga

Professora Doutora Deis Elucy Siqueira  
(orientadora)

Brasília, DF, janeiro de 2004

Evandro Mendonça da Veiga

**HOSPITALIDADE & HOSPEDAGEM EM CIDADES  
HISTÓRICAS: UM ESTUDO DA CIDADE DE GOIÁS**

---

Professora Doutora Deis Elucy Siqueira (Orientadora)

---

---

Brasília, DF, janeiro de 2004

## **Dedicatória**

Ao hospitaleiro povo goiano.

## **Agradecimentos**

Agradeço a todos os professores que durante o Curso de Especialização em Docência e Pesquisa em Turismo ajudaram com sua experiência e sabedoria na minha formação não só acadêmica como humana. Agradeço também as sábias informações do Prof. Paulo Bertran à cerca dos viajantes em Goiás no século XIX e a AGL e ao saudoso Doutor Altamiro de Moura Pacheco, pois sem o acesso à sua fascinante biblioteca, tal trabalho não teria sido concluído a contento. Um agradecimento importante tem que ser feito a meus familiares e amigos que com seu apoio contínuo me propiciaram a tranquilidade necessária para a realização dos meus estudos e a Deus que com sua presença me trouxe a paz de espírito e a capacidade para ultrapassar mais essa etapa de minha vida.

Não poderia faltar aqui também, um agradecimento especial a minha esposa e companheira Márcia Cristina que vestiu a camisa de pesquisadora e comigo percorreu todas as ruas e becos do centro histórico da Cidade de Goiás.

A todos vocês o meu muito obrigado!

## **Epígrafe**

... no momento em que a ciência moderna se estabelece, o homem volta os olhos à preservação dos monumentos do passado. (Simão, 2001)

## Resumo

VEIGA, Evandro M. **Hospitalidade e Hospedagem em Cidade Históricas: um Estudo da Cidade de Goiás**. Monografia (Especialização em Docência e Pesquisa em Turismo) – Universidade de Brasília, 2004.

O presente estudo tem como objetivo verificar a viabilidade da introdução do meio de hospedagem *Bed and Breakfast* nas cidades históricas brasileiras e em especial na Cidade de Goiás como alternativa para o desenvolvimento sustentável do turismo nestas localidades.

Partindo dos pressupostos – verificados no próprio decorrer do trabalho - de que a hospedagem em casas de parentes e amigos é uma realidade nas cidades turísticas históricas e que a hospitalidade é traço identitário do povo brasileiro e em especial do povo goiano, procura-se traçar um perfil do turismo e seus impactos às essas cidades, bem como mostrar os benefícios potenciais às mesmas resultantes da introdução de um modo de receptividade ainda novo neste país.

Palavras-chave: hospitalidade brasileira e goiana, cidades históricas, hospedagem, *Bed & Breakfast*, Cidade de Goiás.

## Abstract

VEIGA, Evandro M. **Hospitalidade e Hospedagem em Cidade Históricas: um Estudo da Cidade de Goiás**. Monografia (Especialização em Docência e Pesquisa em Turismo) – Universidade de Brasília, 2004.

The present study has as its objective to verify the viability of the introduction of Bed & Breakfast accommodations in Brazilian historic towns and most especially in the City of Goiás as an alternative to support de sustainable development of tourism in these locations.

Starting from the presuppositions - checked in the course of the work - that hosting visiting friends and relatives is a habit in touristic historic towns and that hospitality is a identity trait of the Brazilians and most specifically the *goianos*, it's sought to drawl a profile of tourism and its impacts to this kind of towns, as well as to show the potential benefits that can come towards them from the introduction of a sort of hosting manner still new in this country.

Key-words: Brazilian and *goiana* hospitality, historic towns, accommodation, Bed & Breakfast, Town of Goiás.



## Sumário

Introdução .....	14
1. Marco Teórico .....	17
1.1 Visão geral do turismo .....	17
1.2 Importância econômica do turismo .....	18
1.3 O que é turismo? .....	21
1.4 Componentes do turismo e do gerenciamento turístico .....	23
1.5 Impactos do turismo (custos e benefícios) .....	25
1.6 O turismo através dos tempos .....	28
1.6.1 Os primórdios .....	29
1.6.2 Viagens obrigatórias .....	30
1.6.3 Antecedentes do turismo moderno .....	31
1.6.4 O turismo moderno .....	32
1.6.5 Turismo contemporâneo .....	33
1.6.6 O turismo na América Latina e no Brasil .....	35
1.7 Hospitalidade .....	36
1.7.1 Histórico da Hospitalidade .....	38
2. As cidades históricas e o impacto do turismo .....	40
2.1 Cidades históricas, desenvolvimento turístico e preservação do patrimônio .....	42
2.2 O problema da hospedagem de turistas em cidades históricas ..	44
3. O meio de hospedagem <i>Bed and Breakfast</i> .....	48
3.1 Os benefícios dos <i>B&amp;Bs</i> para as cidades turísticas históricas ..	49
3.1.1 Benefícios para a preservação do patrimônio histórico cultural .....	49
3.1.2 Benefícios para a comunidade .....	54
3.1.3 Benefícios para os turistas .....	56
3.2 Quem são os fregueses dos <i>B&amp;Bs</i> .....	57
3.3 Quem são os proprietários dos <i>B&amp;Bs</i> .....	59
4. A hospitalidade brasileira .....	61
4.1 As raízes da hospitalidade brasileira .....	69
4.1.1 A explicação genética .....	69
4.1.2 A explicação situacional .....	71
4.1.3 A explicação pelas representações sociais .....	73

5. A hospitalidade goiana .....	75
5.1 Narrativas de Auguste de Saint-Hilaire .....	76
5.2 Narrativas de Johann Emanuel Pohl .....	78
5.3 Narrativas de George Gardner .....	80
5.4 Narrativas de Oscar Leal .....	84
5.5 Narrativas de Guilherme Coelho .....	86
5.6 Narrativas de Vítor Coelho de Almeida .....	89
5.7 Algumas considerações sobre a hospitalidade goiana .....	92
5.8 Visões contemporâneas da hospitalidade goiana .....	93
5.9 Considerações finais a cerca da hospitalidade brasileira e goiana .....	95
6. Pesquisa B&B na Cidade de Goiás .....	98
6.1 Definição do problema de pesquisa .....	98
6.2 Hipóteses .....	98
6.3 Objetivo primário (Experimento) .....	99
6.4 Objetivos secundários .....	99
6.5 População-alvo e abrangência .....	100
6.6 Metodologia .....	100
6.7 Amostra .....	101
6.8 Pré-teste .....	102
6.9 Plano tabular .....	102
6. 10 Resultados obtidos com a pesquisa .....	102
6.11 Conclusões da pesquisa .....	114
Considerações finais .....	117
Apêndice I - Tópico guia para entrevista em profundidade .....	119
Apêndice II - Questionário para entrevista pessoal em residência - modelos inicial e final .....	123
Referências bibliográficas .....	126

## Lista de Ilustrações

<b>Gráfico 1</b> - Hospedagem de amigos e parentes no centro histórico da Cidade de Goiás .....	102
<b>Gráfico 2</b> - Frequência anual de hospedagem de amigos e parentes no centro histórico da Cidade de Goiás .....	103
<b>Gráfico 3</b> - Predisposição à hospedagem de turistas no centro histórico da Cidade de Goiás .....	104
<b>Gráfico 4</b> - Principal motivo para a não hospedagem de turistas no centro histórico da Cidade de Goiás .....	106
<b>Tabela 1</b> - Influência da possibilidade de escolha na mudança de opinião dos moradores .....	107
<b>Tabela 2</b> - Importância da escolha do tipo de turistas para moradores favoráveis a hospedagem dos mesmos .....	108
<b>Tabela 3</b> - Influência do sexo dos moradores na hospedagem de turistas no centro histórico da Cidade de Goiás .....	109
<b>Tabela 4</b> - Influência idade dos moradores na hospedagem de turistas no centro histórico da Cidade de Goiás .....	110
<b>Tabela 5</b> - Tabulação cruzada entre a hospedagem de turistas e a escolaridade dos moradores do centro histórico da Cidade de Goiás .....	111

## Lista de Abreviaturas

**B&B** – *Bed and Breakfast*

**FICA** – Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**ICOMOS** - *International Council on Monuments and Sites*

**IPHAN** – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

**UNESCO** – *United Nations Education, Scientific and Cultural Organization*

## Introdução

O turismo é hoje uma das atividades que mais cresce no cenário mundial e sua importância já é fato indiscutível mesmo tendo sido alvo de estudos acadêmicos há relativamente pouco tempo. Abundam hoje trabalhos sobre o tema e as abordagens possíveis parecem ser infinitas.

Dentro dessa grande campo chamado turismo, o setor da hospedagem ganha destaque especial, tanto que o estudo do mesmo precedeu o próprio estudo do turismo na academia, o que de certa forma é compreensível, uma vez que turismo implica em deslocamento e estadia, e estadia implica que alguém, no caso o turista, deva ser recebido por um outro alguém, em algum lugar. Ou seja a atividade turística implica necessariamente em hospedagem.

No presente estudo abordamos a problemática da hospedagem nas cidades históricas, atrativos turísticos de grande importância num tempo em que cada vez mais as pessoas buscam a compreensão de suas raízes. Traçando um perfil do turismo nestas localidades bastante sensíveis procura-se apresentar alguns dos impactos gerados nas mesmas pelo crescimento da atividade turística que da mesma forma que processos como o da globalização não podem ser barrados. O turismo não é uma opção que se possa descartar, ele é uma realidade que, eventualmente, irá acontecer mesmo a revelia de moradores e autoridades locais. Resta então buscar maneiras para que esse desenvolvimento se dê em harmonia com o desenvolvimento local e o bem estar das populações envolvidas.

Nas cidades históricas, o turismo tem um grande potencial para trazer benefícios, da mesma forma que o tem para causar impactos negativos, sendo que o setor da hospedagem pode contribuir das duas formas. Hoje, entretanto verifica-se que esse setor representa um problema, mais do que uma solução para essas localidades, uma vez que as respostas encontradas para suprir a demanda da hospedagem, cada vez maior nos centros históricos, não parecem ser satisfatórias para os turistas e, muito menos para a população local que em sua grande maioria fica a margem da atividade turística e dos benefícios que ela pode trazer.

O presente estudo apresenta um “novo” modo de receptividade ou, como queiram, um “novo” meio de hospedagem que, como será demonstrado no decorrer do trabalho, pode vir a solucionar a questão hoje representada pela hospedagem em cidades turísticas históricas a contento. Esse “novo” meio de

hospedagem é chamado *Bed & Breakfast*, ou apenas *B&Bs*. Os *B&Bs* são seculares na Europa e vêm alcançando, nos últimos dez anos, grande popularidade também na América do Norte. No Brasil, todavia, eles são praticamente inexistentes e virtualmente desconhecidos pelo grosso da população. Nada mais são eles, no entanto, do que um modelo de hospedagem residencial, onde os turistas são recebidos pelos locais em suas próprias casas, que fornecem a eles, em geral, uma refeição matinal e uma companhia agradável.

A introdução dos *B&Bs* nas cidades históricas, como o trabalho tem a pretensão de demonstrar, traria benefícios para todos os envolvidos na atividade turística, a saber: turistas e comunidade local, porém essa introdução representa um desafio. O desafio de popularizar uma cultura ainda, de certa forma inexistente no Brasil: a de receber em nossas casas não amigos e parentes, mas turistas desconhecidos. Falta-nos a cultura do *B&B*.

Receber turistas em casa é mais do que inaugurar um novo meio de hospedagem, é algo como escolher um novo estilo de vida e isso poderia se configurar num problema. Entretanto, como constatar-se-á no presente trabalho, esse potencial problema não será um fator impeditivo para a introdução dos *B&Bs* em neste país, e mais especificamente em suas cidades históricas, pois se falta ao brasileiro a cultura do *B&Bs*, sobra a eles a cultura da hospitalidade, cantada e decantada há séculos por nativos e estrangeiros.

Como se procura esclarecer, esse traço identitário brasileiro teria o poder de ultrapassar essas barreiras culturais que impediriam a hospedagem de turistas desconhecidos nas residências históricas desse país. Na realidade ultrapassar tais barreiras representaria simplesmente na mudança de atitude que consiste em receber amigos e parentes, um hábito de longa data deste povo, para uma outra, a de receber turistas, de certa forma, desconhecidos.

Busca-se nesse trabalho, então, fornecer os subsídios necessários para avaliar a viabilidade da introdução desse “novo” modo de receptividade nas cidades turísticas históricas brasileiras.

Tal empreitada, contudo, não poderia ter início sem que antes fizéssemos um criterioso, embora sucinto estudo histórico e conceitual do turismo e da hospitalidade, o que foi realizado no Capítulo I. Passada esta etapa dedica-se o Capítulo II a avaliar o turismo, seus impactos e problemas nas cidades históricas. No Capítulo III realiza-se a introdução formal do meio de hospedagem *B&B* e são expostos os potenciais benefícios advindos de sua

introdução bem como possíveis entraves à mesma. O Capítulo IV representa um estudo de fôlego sobre a hospitalidade brasileira onde se procura comprovar a idéia geral de que essa qualidade é inerente ao povo deste país, o que, com certeza, traz grandes implicações não só para a introdução de um sistema de *B&Bs* no território brasileiro, mas também para o desenvolvimento turístico brasileiro em geral.

Não haveria, porém, como obtermos maior certeza com a relação a viabilidade da introdução desse modo de receptividade nas cidades turísticas históricas brasileiras sem que fosse eleito um município piloto que reunisse as características desejáveis e que facilitariam a introdução dessa nova cultura. Foi eleita então a Cidade de Goiás, patrimônio histórico e cultural da humanidade desde 2001 e berço dos goianos.

O Capítulo V se dedica, dessa maneira, a ratificar a hospitalidade goiana, o que justificaria de forma mais veemente a escolha da Cidade de Goiás como base para a pesquisa de campo e como um dos municípios com grande possibilidade para se configurar como um dos pioneiros no exercício dessa nova atividade turística.

O Capítulo VI é a Pesquisa de Campo em si, onde através de Entrevistas Residenciais procurou-se comprovar a hipótese inicial que previa a viabilidade da migração da hospedagem em casas de parentes e amigos para a hospedagem de turistas na Cidade de Goiás. Por fim, na conclusão traçam-se as linhas gerais do presente estudo e procura-se sintetizar os conhecimentos por ele trazidos à luz.

## 1. Marco Teórico

### 1.1 Visão geral do turismo

A história dos deslocamentos humanos pelo globo terrestre não é nova. Pelo contrário, há mais de um milhão de anos a humanidade se desloca de um lugar a outro. Mas, por quê? Para responder tal pergunta foram levantadas inúmeras teorias, mas o fato é que as motivações que levam o ser humano a "viajar" são as mais diversas possíveis.

É verdade insofismável que o ser humano é curioso por natureza, e isso por si só nos ajudaria a vislumbrar uma possível resposta para tal questão. Porém, é muito mais do que mera curiosidade o que impulsiona o homem às viagens. As pessoas, desde os tempos mais remotos, deslocam-se estimulados pela religião, comércio, guerras por conquistas de territórios, busca por víveres, saúde, status, e lazer, só para citar algumas razões, e esses deslocamentos vêm crescendo num ritmo quase que ininterrupto desde então.

Apenas esse rol de motivações aliado à curiosidade inata podem explicar por que o ser humano já viajava mesmo quando isso representava um grande risco. O desconhecimento da terra e de seus habitantes, humanos ou não, e a dificuldade de acesso e locomoção tornavam as viagens verdadeiras epopéias, repletas de perigos e aventuras. Somente com as divisões territoriais é que normas internacionais para o deslocamento foram sendo criadas e com isso facilitada a vida dos viajantes.

Hoje em dia, temos um panorama bastante diferente. As pessoas viajam cada vez mais, levadas por uma grande facilidade de locomoção, que iniciou-se com a invenção do trem e do automóvel e teve seu apogeu com a criação do avião a jato na Segunda Grande Guerra, notáveis avanços tecnológicos (sobretudo nas telecomunicações), melhores condições de acesso com a construção de pontes e estradas, conquistas trabalhistas, maior expectativa média de vida e sobretudo com os tempos de "paz". Isso fez com que o turismo se tornasse hoje um dos setores que mais gera empregos e movimenta divisas em todo o mundo, sendo objeto de culto e estudo.



## 1.2 Importância econômica do turismo

O impacto econômico do turismo, em nível mundial, vem sendo mensurado pelo *World Travel and Tourism Council* (WTTC) desde o ano de 1991, sendo que as informações colhidas apontam o turismo como um dos maiores setores econômicos do mundo além de grande gerador de empregos. Os números são impressionantes. Em 1999, de acordo com o *World Tourism Organization* (WTO) o setor turístico global gerou US\$4,5 trilhões em atividades econômicas e 231 milhões de empregos (diretos e indiretos), devendo crescer, de acordo com as projeções realizadas, até alcançar uma atividade econômica de US\$ 8 trilhões e 328 milhões de empregos em 2010 (Goeldner *et al.* 2000).

Em 1998, de acordo com o *World Travel and Tourism Council* (WTTC), o setor de viagens e turismo foi responsável por 8,2% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial, sendo a expectativa para o ano de 2010 de 8,7%.

A interpretação destes números, no entanto, requer cuidado, uma vez que um dos caracteres mais marcantes da chamada "indústria turística" é a sua grande complexidade. Complexidade esta que não se resume apenas à grande quantidade de elementos pelos quais ela é composta, mas também pelos diferentes setores econômicos do seu desenvolvimento.

Efetivamente, os gastos dos turistas não somente se limitam ao pagamento do aluguel de um quarto do hotel, mas também, destinam parte da renda disponível a uma grande variedade de serviços e bens de consumo como alimentos, transportes, entretenimentos, excursões, atividades diversas, etc., além de funcionarem como catalisador para o setor de construção e um grande receptor de verbas do governo. Em termos mundiais, espera-se que a arrecadação de impostos advinda do turismo seja da ordem de US\$ 1,8 trilhão em 2010.

Em resumo, a corrente ou fluxo de divisas em direção a área de destino que desenvolve o turismo, não só constitui uma importante fonte de entradas para aquelas empresas ou pessoas, vinculadas diretamente à atividade turística, como também beneficia os demais setores da economia pelo chamado efeito multiplicador.

O efeito multiplicador da renda é produto da interdependência existente entre os diversos setores econômicos; de maneira que o aumento na demanda dos bens ou serviços produzidos por um setor gera, por sua vez, o acréscimo na demanda de bens ou serviços procedentes de outros setores, que são

necessários para a produção dos anteriores, o que torna o turismo uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento econômico e que cada vez mais merece a atenção dos políticos em todo o mundo.

Ainda que a grande expansão do turismo mundial nas últimas décadas tenha tornado o mesmo acessível a cada vez mais pessoas em todo o globo, a importância econômica do turismo é diferente em cada uma das regiões mundiais, uma vez que o grau de desenvolvimento do turismo não seguiu o mesmo ritmo de crescimento em todas elas. Esse fato se deve fundamentalmente, à incidência de diversos fatores (Secretaria Geral de Turismo, 1990), entre os quais cabe ressaltar:

- Grau de desenvolvimento e crescimento econômico
- Renda disponível da população
- Tempo livre
- Aspectos demográficos (diferenças na idade média, na quantidade, etc.)
- Entorno político
- Costumes e crenças religiosas
- Nível geral de educação
- Grau de desenvolvimento tecnológico, etc.

Muitos desses fatores estão claramente inter-relacionados, como por exemplo, quanto maior o desenvolvimento econômico da região, maior o seu desenvolvimento tecnológico, a renda disponível do cidadão médio, seu nível de educação, seu tempo livre, etc. favorecendo o crescimento do turismo.

Por isso, pode-se considerar que os fluxos turísticos cresceram principalmente entre os países desenvolvidos e, a partir deles, incrementaram-se até os países em desenvolvimento e regiões periféricas.

As 30 mais importantes destinações turísticas mundiais, de acordo com OMT (1998), estão na tabela 01. A França é a número 1 em chegadas de turistas, com 70 milhões, seguida pela Espanha, Estados Unidos, Itália e Reino Unido. Essas cinco destinações são responsáveis por 36% do volume de fluxos turísticos do mundo. Os 10 países mais importantes são responsáveis por 51,7% dos fluxos. Embora estes números mostrem uma concentração geográfica pesada, a tendência é de uma diversificação gradual, com a emergência de novas destinações nas regiões da Ásia-Pacífico. China, Polônia e República Tcheca tiveram ganhos consideráveis em sua classificação mundial.

A participação do Brasil no cenário mundial de turismo ainda é pequena, sendo que o país ocupa um modesto 29º lugar no *ranking* mundial, com uma receita gerada em 1998 da ordem de US\$ 3,9 bilhões, receita esta muito abaixo do seu potencial, dado o grande patrimônio de recursos turísticos do país, o que apenas reflete a imaturidade do setor e o longo caminho a percorrer antes de se alcançar os níveis desejados (Goeldner *et al.* 2000).

### 1.3 O que é turismo?

O termo turismo tem sua origem na palavra francesa *tourisme*, tendo porém a língua portuguesa adotado o termo através do inglês e não diretamente da matriz francesa original. Mas, o que quer dizer turismo?

Quando se pensa em turismo, o que primeiro nos vem à mente são pessoas viajando, em férias e se divertindo, quer estejam praticando esportes, passeando, lendo ou simplesmente aproveitando o ambiente. Porém, se analisarmos o assunto com mais profundidade veremos que o turismo não está só e necessariamente ligado ao lazer, e chegaremos à conclusão de que o turismo também envolve as pessoas que viajam a negócios, participam de reuniões, convenções ou algum outro tipo de atividade empresarial ou profissional, e também aquelas que viajam por motivo de estudos ou pesquisas científicas, por exemplo. Ora, essas pessoas têm que se locomover até os seus destinos e para tanto se utilizam dos mesmos meios de locomoção das pessoas que viajam a lazer. Nos seus destinos, fazem uso de meios de hospedagem, serviços, e até mesmo de equipamentos turísticos e de entretenimento como teleféricos, clubes ou casas noturnas. Ou seja, as pessoas estão viajando e, portanto, se envolvendo com o turismo. O fato é que o conceito de turismo pode ser estudado sob diversas perspectivas e disciplinas, dada a complexidade das relações entre os elementos que o formam; e é por esse motivo e também pela relativa juventude desse fenômeno como atividade socioeconômica que ainda há uma ausência de definições claras que delimitem a atividade turística e a distingam de outros setores (Andrade, 1999).

Existe ainda hoje uma grande discussão sobre o que exatamente é o turismo, quais são os elementos que o compõem e quem deve ser considerado turista, o que gerou múltiplas definições, cada uma delas sobrelevando diferentes facetas de uma mesma atividade. É nesse sentido, então, que podemos afirmar que não existe definição correta ou incorreta, uma vez que todas contribuem de alguma maneira para aprofundar o entendimento de turismo.

A Organização Mundial de Turismo (OMT), no entanto, já levou tal conceito para além da imagem estereotipada do "sair de férias" (Goeldner *et al.* 2000), como podemos observar na definição adotada pela entidade desde 1994 e amplamente aceita internacionalmente: "O turismo compreende as

atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras".

Segundo Sancho *et al.* (1998), trata-se de uma definição ampla e flexível que concretiza as características mais importantes do turismo. São elas:

- Introdução dos possíveis elementos motivadores de viagem: lazer, negócios ou outros;
- Nota temporária do período por um ano, período realmente amplo, máximo se comparado com o tempo normal de duração dos vistos de viagem para turismo dados pelos governos – três meses – ou com a periodicidade prevista por algumas legislações para delimitar o que se considera habitual – seis meses;
- Delimitação da atividade desenvolvida antes e durante o período de estada;
- Localização da atividade turística como a atividade realizada “fora do seu entorno habitual”.

Ainda com relação a essa última característica e de maneira a precisar o que se entende por “entorno habitual”, a OMT (1995) esclarece: “O entorno habitual de uma pessoa consiste em certa área que circunda sua residência mais todos aqueles lugares que visita freqüentemente”.

## 1.4 Componentes do turismo e do gerenciamento turístico

O turismo, como já mencionado anteriormente, é um fenômeno bastante complexo, e, portanto extremamente difícil de descrever de forma concisa, porém, de acordo com Goeldner *et al.* (2000), qualquer “modelo” de turismo deve capturar a composição, ou componentes, do sistema turístico, bem como os processos e resultados fundamentais que ocorrem dentro da atividade. Esses processos e resultados incluem a própria essência do turismo, a experiência de viagem e os meios de apoio através dos quais o turismo é possível. Assim podemos dividir seus componentes em:

- Recursos e ambiente natural;
- Ambiente construído;
- Segmentos operacionais;
- Organizações catalisadoras, de planejamento, desenvolvimento e promoção.

Os recursos e o ambiente natural são a própria base do turismo e sua dimensão mais fundamental. Fazem parte dessa dimensão a fisiografia da região (a natureza e a aparência de sua paisagem), o clima (o tipo de clima que ela tem durante um determinado número de anos, ou seja, as condições de calor e frio, umidade e seca, além do vento) e as pessoas, tanto aquelas pertencentes à destinação quanto os visitantes atuais ou potenciais nesta destinação.

Da dimensão ambiente construído, ou seja, criado pelo homem, fazem parte a cultura, característica relativamente permanente de uma destinação, e que não se pode (e não se deve) mudar sob alegação de incrementar o turismo (Goeldner *et al.* 2000), a infra-estrutura, composta por elementos básicos, como estradas, rede de esgotos e de comunicação, instalações comerciais e muitos outros estabelecimentos instalados com a finalidade de atender às necessidades dos residentes locais, mas que também são importantes para os visitantes, uma vez que suas funções básicas estão relacionadas com as necessidades cotidianas dos residentes, a superestrutura turística, que inclui as instalações desenvolvidas especialmente para responder às demandas dos visitantes, como hotéis, restaurantes, centros de convenções, locadoras de automóveis e as grandes atrações, a tecnologia, que se torna cada vez mais importante moldando a natureza do produto e dos serviços turísticos, e das experiências de viagem, podendo, sob vários aspectos, ser considerada como

uma das mais específicas e poderosas características do ambiente construído desde o surgimento do turismo moderno, iniciado com o fim da II Guerra Mundial e que permeia tanto a infra-estrutura como a superestrutura turística, a informação, fator determinante para o sucesso de uma destinação e, por fim, o sistema geral de orientação dentro do qual o sistema turístico funciona. Ainda segundo Goeldner *et al.* (2000), o sistema de orientação em torno do turismo (os sistemas jurídico, político e fiscal que regulamentam o seu funcionamento) tem um profundo impacto na capacidade de uma destinação de competir no mercado internacional e, conseqüentemente, cumpre um papel importante na determinação da lucratividade de empresas individuais.

Os segmentos operacionais do setor turístico representam o que as pessoas de um modo geral percebem como sendo “turismo” e envolvem o setor de transportes, de alimentação, de atrações, de eventos, de aventura e recreação ao ar livre, de entretenimento, de comércio de viagens e de serviços turísticos, todos funcionando em conjunto para o bom desempenho do turismo.

Das Organizações catalisadoras, de planejamento, desenvolvimento e promoção fazem parte: os organismos turísticos de governos nacionais e estaduais, os departamentos turísticos de governos locais e municipais, as associações nacionais e estaduais da indústria turística e as associações turísticas locais e regionais incluindo os *convention and visitor bureaus*.

## 1.5 Impactos do turismo (custos e benefícios)

Os impactos do turismo referem-se à gama de modificações ou à seqüência de eventos provocados pelo processo de desenvolvimento turístico nas localidades receptoras (Ruschmann, 1997).

Estudos recentes mostram que o turismo apresenta efeitos econômicos, sociais, culturais e ambientais múltiplos, e que não devemos assumir que seus resultados sejam equivalentes em todas as partes e igualmente para todas as pessoas envolvidas, mesmo porque as variáveis que provocam os impactos têm natureza, intensidade, direções e magnitude diversas, além de interagirem entre si. É evidente que ocorrem implicações de desigualdade em termos de distribuição de benefícios e de custos, apesar de toda grandiosidade que a atividade propicia, além do que muitos dos custos, principalmente os sociais são difíceis ou impossíveis de mensurar e algumas áreas de benefícios ainda não receberam muita atenção em pesquisa (Goeldner *et al.* 2000).

A grande maioria dos problemas, ou impactos negativos gerados pelo turismo, no entanto, advém da falta ou do mal planejamento da atividade, o que por vezes produz um desenvolvimento não planejado ou inadequado, superdesenvolvimento ou desenvolvimento inacabado, que podem prejudicar o meio ambiente ou fazer com que as demandas turísticas entrem em conflito com as necessidades e os desejos dos residentes locais.

Dentre o rol de benefícios que podem resultar da atividade turística destacados por Goeldner *et al.* (2000) podemos citar:

- Aumento da oferta de empregos, tanto especializados quando não especializados, uma vez que o setor necessita de mão-de-obra intensiva;
- Geração de oferta de moeda estrangeira;
- Aumento da renda;
- Incremento no Produto Interno Bruto (PIB);
- Melhoras na infra-estrutura existente;
- Desenvolvimento da indústria e comércio locais;
- Diversificação da economia;
- Distribuição do desenvolvimento;
- Alto impacto multiplicador;
- Aumento na arrecadação por parte do governo;



- Ampliação dos horizontes educacionais e culturais;
  - Melhora nos sentimentos de autovalorização;
  - Melhora na qualidade de vida através de renda e padrões de vida mais altos;
  - Reforço na preservação do patrimônio e tradições;
  - Justificativa para proteção e melhorias ambientais;
  - Contribuição para a cultura;
  - Criação de instalações turísticas e recreacionais que podem ser utilizadas pela população local;
  - Diminuição de barreiras lingüísticas, socioculturais, de classe, raciais, políticas e religiosas;
  - Criação de uma imagem favorável para o destino turístico, em termos mundiais;
  - Promoção de uma comunidade global;
  - Promoção da compreensão e paz mundiais.
- Dentre os possíveis problemas temos:
- Criação de excesso de demanda por recursos;
  - Geração de dificuldades de sazonalidade;
  - Inflação;
  - Possibilidade de geração de desenvolvimento econômico desequilibrado;
  - Criação de problemas sociais;
  - Degradação e poluição do ambiente físico natural;
  - Degradação do ambiente cultural;
  - Aumento da incidência de crime, prostituição e jogo;
  - Aumento da vulnerabilidade a mudanças econômicas e políticas;
  - Ameaça à estrutura familiar;
  - Mercantilização da cultura, religião e arte;
  - Geração de desentendimentos;
  - Criação de conflitos na sociedade anfitriã;
  - Contribuição para doenças, flutuação econômica e problemas de transporte.

Analisando assim os impactos do turismo chega-se à conclusão de que ele não é nem benção, nem praga, nem panacéia, nem veneno, mas sim uma

atividade que pode trazer problemas ou benefícios, dependendo de como ela é gerenciada. É somente através do planejamento sério e profissional que os impactos negativos advindos do turismo podem ser minimizados e os positivos maximizados. No turismo, o planejamento constitui o instrumento fundamental na determinação e seleção das prioridades para a evolução harmoniosa da atividade, determinando suas dimensões ideais, para que, a partir daí, possa-se estimular ou restringir sua evolução, preservando a qualidade do meio ambiente nos destinos e a conservação dos recursos naturais e culturais.

## 1.6 O turismo através dos tempos

Viajamos por longas estradas e cruzamos águas para ver aquilo que não prestamos atenção quando está sob nossos olhos. Isso acontece porque a natureza colocou as coisas de forma que saíamos em busca do que está muito distante e permaneçamos indiferentes ao que está próximo, ou porque qualquer desejo perde sua intensidade quando é satisfeito com facilidade, ou porque deixamos para depois o que quer que possamos ver a qualquer momento, sabendo que o veremos muitas vezes. Qualquer que seja a razão, há uma série de coisas em nossa cidade e em seus arredores das quais nem ao menos ouvimos falar, muito menos vimos. Mesmo assim, se elas estivessem no Egito ou na Ásia... teríamos ouvido falar delas, lido a seu respeito, olhado para tudo o que há para ver (Plínio *apud* Casson, 1974.).

Para melhor compreender a história do turismo, é mister estabelecer a diferença entre o conceito de viagem, que implica deslocamento, e o conceito de turismo, inovação recente e palavra desconhecida na língua inglesa até o século passado (Lickorish et al. *Apud* Barreto, 1995), que implica a existência também de recursos, infra-estrutura e superestrutura turística, bem como é preciso diferenciar viagem de outros tipos de deslocamento, como por exemplo as migrações dos homens primitivos em busca de melhores condições de vida e sustento. Migrar não é o mesmo que viajar, pois viajar implica voltar e o homem primitivo, quando migrava, ficava no novo lugar desde que este lhe proporcionasse as condições que ele almejava; não era sua intenção voltar. Ficando isso estabelecido, pode-se entender porque o estilo de vida nômade de vários povos durante vários séculos, tampouco tem a ver com viagens e turismo.

### 1.6.1 Os primórdios

Os primórdios, ou a proto-história do turismo (Barreto, 1995), pode situar-se na Grécia antiga, entre os fenícios, na antiga Roma, ou até milhões de anos atrás.

Existem autores que situam o começo do turismo no século VIII a.C., na Grécia, porque as pessoas viajavam para ver os jogos olímpicos a cada quatro anos (De la Torre, 1991); outros acreditam que os primeiros viajantes foram os fenícios, por terem sido os inventores da moeda e do comércio (MacIntosh, 1972 *apud* Barreto, 1995); ainda outros dizem ter sido os sumérios, criadores da roda e da escrita cuneiforme (Goeldner et al., 2000), e é muito provável que, se fosse realizada uma pesquisa em tempos anteriores e em culturas diversas, seriam encontrados antecedentes ainda mais remotos, o que nos possibilita supor que o homem sempre viajou. As pesquisas arqueológicas revelam, por exemplo, que, há 13 mil anos, os grupos humanos habitantes da Caverna de Madasin, nos Pirineus franceses, viajavam até o mar e retornavam (Leakey, 1985 *apud* Barreto, 1995).

São também consideradas como princípios remotos do turismo as viagens romanas. Os romanos começaram a construir estradas em torno de 150 a.C. sendo que algumas destas são utilizadas até hoje dado o seu grau de elaboração. Tais estradas foram determinantes para que seus cidadãos viajassem, entre o século II a.C. e o século II d.C., mais intensamente que na Europa do século XVIII (Barreto, 1995). De Roma, saíam contingentes importantes para o campo, o mar, as águas termais, os templos e os festivais. Os turistas romanos faziam tais passeios da mesma forma com que os fazemos hoje. Eles utilizavam guias de viagem, contratavam guias profissionais, deixavam grafites em toda a parte e compravam lembranças, podendo ser considerados como os primeiros povos a viajar por prazer.

### 1.6.2 Viagens obrigatórias (séculos II-X d.C.)

Por volta do século V, os invasores visigodos, ostrogodos, vândalos e burgúndios, conhecidos como “povos bárbaros”, tinham conseguido dominar a maior parte das terras do Império Romano, que se dividiu em dois. Destes séculos de lutas, período que recebe o nome de Idade das Trevas e que duraria até 476 d.C., início da Era Moderna, nada foi registrado sobre viagens, a não ser os deslocamentos dos próprios invasores. Mas sabe-se, por exemplo, que havia deslocamentos para festas da primavera e da colheita, em que era festejado o despertar do urso, apesar do grande perigo que os envolvia e que fazia com que somente as pessoas mais aventureiras viajassem (Barreto, 1995).

Entre os séculos II e III houve intensa peregrinação à Jerusalém, à igreja do Santo Sepulcro, construída em 326 pelo imperador Constantino o Grande em, a partir do século VI, aproximadamente, registram-se peregrinações de cristãos para Roma, chamados de romeiros. Com a descoberta no século IX da tumba de Santiago de Compostela, tiveram início as peregrinações dos chamados jacobitas ou jacobeus, que viajavam por terra e mar, sendo que em 1140 o peregrino francês Aymeric Picaud escreveu cinco volumes com as histórias do apóstolo Santiago e com um roteiro de viagem indicando como se chegar até lá a partir da França, o que teria sido o primeiro guia turístico impresso (Barreto, 1995).

As cruzadas, que tinham como intento recuperar o Santo Sepulcro, colocaram nos caminhos da Europa muitos viajantes, entre eles peregrinos, soldados e mercadores, o que propiciou a transformação das pousadas que antes tinham caráter de caridade, em atividades lucrativas com a criação, em 1282, do primeiro grêmio dos proprietários de pousadas, em Florença, acontecimento que veio a influenciar todo o sistema de hospedagens italiano, tendo começado nesta época também, o intercâmbio de professores e alunos entre as universidades européias (Barreto, 1995).

Do século XV, ainda há notícias de que em Baden-Baden, estância termal alemã existente até hoje, havia multidões de visitantes, motivados pelos “costumes licenciosos entre homens e mulheres” que aconteciam nos banhos, além, é claro, das viagens transoceânicas de descobertas, protagonizadas principalmente por espanhóis e portugueses, que vieram a mostrar a existência de um mundo novo que todos passaram a querer conhecer (Barreto, 1995).

### 1.6.3 Antecedentes do turismo moderno (séculos XVI-XVIII)

O século XVI foi marcado por um incremento nas viagens particulares ou não oficiais. Dada a escassez dos meios de comunicação (mesmo os livros não possuíam circulação maciça), a forma de conhecer o mundo, outras culturas e outras línguas era viajando. Foi neste contexto que surgiu a *Grand Tour*. A *Grand Tour* era realizada por diplomatas, empresários e estudiosos, todos do sexo masculino (uma vez que se dizia e escrevia explicitamente que as mulheres não deviam viajar), que viajavam por toda a Europa e especialmente para as cidades da França e da Itália.

A idéia era que os jovens - que depois viriam a exercer cargos na classe dirigente, civil ou militar - adquirissem experiência de vida, firmeza de caráter e preparação para a guerra (Barreto, 1995) e embora possuísse caráter educacional, foi muito criticada como tendo se degenerado em uma simples busca do prazer. Nesta época, quando o comércio passava por uma grande expansão, surgiu o primeiro hotel do mundo, o Wekalet-Al-Ghury, no Cairo (Egito), com o intuito de atender mercadores, surgiram também, na Itália, as primeiras carruagens, que tinham mais luxo do que conforto (Goeldner et al., 2000).

No século XVII houve um notável progresso no setor de transportes, tendo sido inventadas a belina, mais rápida, de duas poltronas e a diligência. Sendo a última bastante utilizada principalmente na Grã-Bretanha. Os caminhos porém ainda eram muito ruins e a sua manutenção feita, em alguns países, pelos próprios donos das terras, que cobravam pedágio. O primeiro deles foi instalado em Hertfordshire (Inglaterra), em 1663.

Os *spas* tampouco permaneceram imutáveis, uma vez que começaram a misturar turistas aos doentes, para usufruir da recreação organizada, o que, pouco a pouco, gerou o aparecimento de *spas* somente para ricos, entre eles reis e duques.

No início do século XVIII, o clima de guerra na França, com a tentativa de Luiz XIV de anexar a Espanha e, através dela, dominar também os territórios americanos, afugentou os turistas, e os jovens passaram a visitar somente a Itália, especialmente Florença e Roma. Dizia-se que quem não visitasse a Itália sentir-se-ia inferior pelo resto da vida; Roma estava cheia de

ingleses e, em Londres, fundou-se o Clube dos Dilettanti (1734), reservado só para que tivesse viajado para a Itália (Barreto, 1995).

Nesse mesmo tempo outras mudanças, estas nas relações sociais, aconteciam em função da revolução industrial e da reforma protestante, marcando o início do capitalismo organizado. O turismo então, passou a ser educativo e com interesse cultural dado o aumento da importância do poder pela diplomacia em detrimento do poder pela força. É o chamado período do "turismo neoclássico", no qual a viagem eram um aprendizado, complemento indispensável da educação (Barreto, 1995).

No final do século, com a pacificação da Europa e a volta da segurança, as mulheres, antes excluídas da atividade, passaram a viajar acompanhando os maridos. Surgiram então as pousadas, e, em 1774, o primeiro hotel familiar, inaugurado por David Low, em Covent Garden, Inglaterra.

Outra inovação que marcou tanto o final do século XVIII como todo o século XIX foi o surgimento de uma nova motivação: o prazer do descanso e da contemplação das paisagens da montanha, um turismo de contemplação que cresceu como resultado da deterioração da qualidade de vida nos grandes centros urbano-industriais e que fez com que a natureza começasse a ser vista como algo a ser preservado e desfrutado, ao contrário de domesticado.

#### **1.6.4 O turismo moderno (século XIX)**

O começo do turismo moderno se deu no século XIX, após o advento da Revolução Industrial (século XVIII), quando começaram as primeiras viagens organizadas com a intervenção de um agente de viagens.

Em 1841, um vendedor de bíblias, chamado Thomas Cook, iniciou um negócio de excursões especiais de trem, de Leicester para Loughborough (na Inglaterra), uma viagem de 12 milhas. Em 5 de julho daquele ano, o trem de Cook transportou 570 passageiros, pelo preço de 1 *shilling* por uma viagem de ida-e-volta. Acredita-se que esta tenha sido a primeira excursão de trem anunciada publicamente. Assim, Cook pode ser reconhecido como o primeiro agente de viagens ferroviárias. Suas iniciativas pioneiras acabaram por ser copiadas em diversas partes do mundo. Sua empresa cresceu rapidamente, oferecendo viagens acompanhadas ao continente e, depois, aos Estados Unidos e a todo o mundo. A companhia continua a ser uma das maiores organizações turísticas do mundo (Goeldner, 2000).

O turismo do século XIX esteve marcado pelo trem em nível nacional, e pelo navio em nível internacional. A sociedade toda esteve marcada pelas conseqüências desta melhora nos transportes nas áreas de comércio, indústria, serviços e na realocação de mão-de-obra. As pessoas deixaram de trabalhar a terra e passaram a fazê-lo nas indústrias de manufatura, depois nos transportes, especialmente na ferrovia e, finalmente, no setor terciário ligado à navegação. Apareceu a classe média que passou a ter cada vez melhores salários, podendo pagar entretenimentos como o futebol e corridas de cavalos (Barreto, 1995).

Outros fatores que também contribuíram para o desenvolvimento do turismo no século XIX foram: segurança, salubridade e alfabetização crescente. Também tendo grande importância a reivindicação dos trabalhadores por mais tempo de lazer, para a auto-realização, lazer este que normalmente traduzia-se em turismo praiano. Todos estes fatores, em conjunto, acabaram por lentamente tornar o turismo um fenômeno mundial de massas (Goeldner et al., 2000).

#### **1.6.5 Turismo contemporâneo (1945-1990)**

O turismo ficou praticamente paralisado entre 1939 e 1945, período em que ocorreu a Segunda Guerra Mundial, porém foi deste conflito que ficou patente a eficiência do transporte aéreo, principalmente com a invenção do avião a jato, e, a partir de 1945, com a criação da IATA (*International Air of Transport Association*), que regula o direito aéreo, o turismo entrou definitivamente na era do avião (Goeldner et al., 2000).

Depois de 1945, a internacionalização da economia no mundo ocidental, por meio dos investimentos feitos pelos Estados Unidos na Europa arrasada (plano Marshall e outros), assim como a generalização do fordismo como sistema de produção, trouxeram a formação de mercados de consumo de massa globais, incrementando uma série de atividades internacionais, dentre elas o sistema bancário e o turismo (Harvey, 1989).

O primeiro pacote aéreo, foi vendido em 1949, e já a partir de 1957 o turismo de cruzeiro passou a ser preterido em relação ao turismo aéreo em virtude do tempo ganho no deslocamento e também pela introdução de tarifas turísticas e econômicas para avião. Por volta de 1960 começaram a surgir as primeiras operadoras turísticas, que organizavam e ofereciam pacotes com



destinos variados, do norte da Europa, Escandinávia, Alemanha Ocidental e Reino Unido até as costas do Mediterrâneo. Na segunda metade do século, a atividade turística expandiu-se pelo mundo inteiro, tendo o número de agências de viagens aumentado em virtude, principalmente, do crescimento das companhias aéreas, que vendiam suas passagens aos varejistas, no caso, as agências, que vendiam 75% das mesmas dada a incapacidade das companhias aéreas de colocar suas próprias filiais (Goeldner et al., 2000).

Grandes mudanças também ocorreram na hotelaria, principalmente no deslocamento dos melhores hotéis, que, antigamente situados nos centros das cidades, com o crescimento do turismo automotor, sobretudo nos Estados Unidos, passaram a se situar na beiras das estradas e a contar com estacionamentos. Foi o surgimento dos *motéis*, de estrutura horizontal, e os *motor-hotels*, de estrutura vertical. Surgiram também mais unidades hoteleiras, para suprir a demanda crescente de turistas, inclusive com algumas companhias aéreas investindo na área, como a Panam, que adquiriu a cadeia Intercontinental e as escolas profissionais de hotelaria na Suíça, uma vez que a atmosfera familiar do hotel antigo, ou da hospedaria, deixou de ser do gosto dos turistas (Barreto, 1995). Despontaram assim as grandes cadeias hoteleiras, com hotéis padronizados e impessoais.

A década de 70 foi marcada pelo início, no Primeiro Mundo, da preocupação com o meio ambiente, combatendo-se a poluição por turismo, com vistas a tornar a atividade uma ferramenta de preservação.

Nesta segunda metade do século também apareceram os órgãos de turismo encarregados de dar a superestrutura organizacional, legislativa e administrativa para o fenômeno turístico (Barreto, 1995).

### 1.6.6 O turismo na América Latina e no Brasil

Os primeiros países da América Latina a desenvolver o turismo receptivo foram Chile, Argentina e Uruguai. Tratavam-se de núcleos de praia, do modelo “sol e mar”.

No Brasil, o turismo como fenômeno social começou depois de 1920. Pode-se traçar um marco com a criação da Sociedade Brasileira de Turismo, em 1923, que depois se tornaria o Touring Clube. O turismo surgiu vinculado ao lazer; nunca teve cunho de aventura ou educativo como na Europa, exceto talvez se considerarmos a vinda dos portugueses quando do descobrimento do Brasil como uma aventura. A partir de 1950, grandes contingentes passam a viajar, mas, apesar de ser principalmente um turismo de massa, nunca atingiu o total da população, acreditando inclusive, os especialistas, que apenas 30% de nossa população pode fazer turismo (Andrade, 1999).

O quadro atual do turismo no Brasil no entanto, vem se modificando ao longo dos anos, crescendo tanto em número de visitantes quanto em profissionalização do *trade* turístico. Mais investimentos têm sido realizados no setor, uma vez que governo e a sociedade começaram a entender o turismo como uma real alternativa para o desenvolvimento não só econômico como também social das comunidades.

Nos presentes dias podemos dizer que o Brasil, e porque não a América Latina, ainda estão longe de alcançar o destaque que merecem no cenário turístico mundial dado ao grande potencial que possuem, porém o atual estágio de segmentação, que implica em especialização, e o crescente interesse da academia pela área indicam que estamos no caminho correto, aquele que fará de nosso continente e em especial nosso país um destino turístico consolidado e que nos proporcionará usufruir dos benefícios que a atividade turística podem proporcionar.

## 1.7 Hospitalidade

O dono da casa, não tendo preocupação mais urgente que a de fazer irradiar sua alegria àquele que, à noite, virá comer à sua mesa e repousar sob seu teto das fadigas da estrada, não importa quem seja ele, espera com ansiedade, à soleira de sua casa, o estrangeiro que ele verá despontar no horizonte como um libertador. E logo que ele o avistar, o dono da casa se apressará a lhe gritar: "Entre rápido, pois eu tenho medo de minha felicidade" (Klossowski *apud* Montandon, 2002, pág. 135)

A hospitalidade é um dos temas mais discutidos entre as abordagens culturais do fenômeno do turismo, porém ainda assim seu estudo sofre com a confusão gerada pela visão reducionista que a confunde com a hotelaria, a hospedagem, ou o que é chamado de indústria da hospitalidade.

Se a indústria da hospitalidade é um setor que envolve hotéis, restaurantes, bares credenciados, pousadas e empresas de *catering* (Guerrier *apud* Cruz, 2002, pág. 39), a hospitalidade em si é um fenômeno muito mais amplo, que não se restringe à oferta, ao visitante, de abrigo e alimento, mas sim ao ato de acolher, considerado em toda sua amplitude (Cruz, 2002, pág. 39).

Então, o que vem a ser hospitalidade?

Baptista (2002, pág. 157) define a hospitalidade “como um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro (...)”.

Para Dias (2002, pág. 102) “a palavra hospitalidade inicialmente significa o tratamento cordial oferecido a amigos, estranhos ou estrangeiros convidados para um lar”.

Belchior & Poyares (*apud* Dias, 2002, pág. 102) a têm como:

A prestação, gratuita ou não, de serviços obtidos normalmente por uma pessoa em seu próprio lar, mas que, por não possuí-lo ou por estar dele ausente, temporariamente, não os tem à sua disposição. Basicamente, abrange leito e/ou alimentação. Quando são oferecidas acomodações para repouso ou descanso, caracteriza-se a hospedagem, quer seja ou não acompanhada de refeições. Ao oferecer apenas as refeições, existirá hospitalidade, mas não hospedagem.

A cultura anglo-saxônica limita-se a tratá-la como hospedagem acrescida de alimentação.

De acordo com o *Oxford English Dictionary*, ela significa a “recepção e o entretenimento de hóspedes, visitantes e estrangeiros”.

Para Gotman (*apud* Grinover, 2002, pág. 26), “é fundamentalmente o ato de acolher e prestar serviços a alguém que por qualquer motivo esteja fora de seu local de domicílio”.

Segundo Grinover (2002, pág. 26), é possível ainda:

ampliar a noção de hospitalidade, englobando a relação que se estabelece entre o espaço físico da cidade e seus habitantes, pois ela abrange não somente a acomodação, mas também a alimentação, o conforto e o acolhimento, proporcionando ao visitante a sensação de bem-estar.

Pode-se ainda dizer que hospitalidade seja: “Criar um ambiente agradável ou confortável.”. “Satisfazer e antecipar as necessidades dos hóspedes. “Criar uma atmosfera amigável e segura” (Chon, 2003, pág. 2). Para o estudo em questão, no entanto, nos contentaremos com uma definição mais simples, porém de forma alguma restrita: hospitalidade é o receber bem.

Quando, anteriormente procuramos separar o estudo da hospitalidade do da hotelaria, de forma alguma queríamos dizer que os dois não estão relacionados. É indiscutível a sua associação, porém, no ramo da hotelaria, as pessoas estão envolvidas na prestação de serviços aos turistas, o fazendo portanto, de maneira remunerada e não voluntariamente hospitaleira. “Sua hospitalidade está associada a uma imposição do trabalho; trata-se de uma “hospitalidade profissional”. “(Cruz, 2002, pág. 41). Não é, todavia, essa hospitalidade preparada, treinada e planejada a qual desejamos abordar no presente estudo, mas sim um tipo de hospitalidade que podemos chamar voluntária e amadora, fruto da organização socioespacial dos lugares, ato culturalmente construído, porém ainda assim intrinsecamente relacionado com o turismo. Ora, o turismo envolve o deslocamento de pessoas e sua permanência temporária em locais que não são o de sua residência habitual. Todo turista está sendo, então, de alguma forma, recebido nos lugares (Cruz, 2002, pág. 43) e participando assim de uma experiência de hospitalidade.

### 1.7.1 Histórico da hospitalidade

“A idéia de hospitalidade é tão antiga quanto à própria civilização.” (Walker, 2002, pág. 2). A sua noção, entretanto, parece provir da palavra latina *hospitalitas-atis* que pode ser traduzida como o ato de acolher, hospedar; a qualidade do hospitaleiro; boa acolhida; recepção; tratamento afável, cortês, amabilidade; gentileza. Do latim provém ainda as palavras *hospitium-i*, traduzida como hospício, lugar onde viajantes poderiam obter alimento e repouso temporariamente, e *hospitale-icum*, hospedaria ou casa de hóspedes. Ambos os termos concorrentes na Europa a partir do século XI designavam locais, à margem das antigas estradas romanas, destinados a abrigar peregrinos, oferecendo assistência variada, inclusive tratamentos médicos (Dias, 2002).

Desde os primórdios, os gestos de recepção e hospitalidade, muitas vezes sem a contrapartida do pagamento, aparecem cercados por uma aura divina, tanto que na Grécia antiga Zeus Xênios protegia o hóspede e o hospedeiro (Dias, 2002).

Nas sociedades tradicionais, a ênfase na importância da boa recepção ao estrangeiro, sempre foi muito forte, sendo que suas origens estão no antigo hábito das famílias receberem pessoas em viagem em suas residências. Para Buhdiba (*apud* Dias, 2002, pág. 100), “compartilhar a água e o sal cria vínculos místicos e a hospitalidade é uma comunhão na qual se estabelecem laços indissociáveis”, tanto que a origem da palavra companheiro, (do latim *com+pagno*), define o amigo como aquele com quem se compartilha o pão (Dias, 2002).

Antigamente, exercia-se a hospitalidade de formas diversas. Os gregos, por exemplo, ao receber um estrangeiro em sua casa, o conduziam primeiro ao banho para refrescar-se e, a seguir, o levavam para o local mais acolhedor da casa, onde se acendia o fogo, a lareira, símbolo do deus Lares, protetor do lar. Alguns textos antigos contam ainda que era sinal de boas-vindas derramar fino perfume, sobre a cabeça dos viajantes mais importantes (*L' hospitalité dans le monde grec apud* Dias, 2002).

A hospitalidade pode ser encontrada ainda em várias passagens do Bíblia, que prega o dever de ser hospitaleiro sempre, independentemente das circunstâncias. A própria história do Natal está ligada a hospitalidade, pois, de

acordo com os textos sagrados, os pais do menino Jesus teriam sido acolhidos em um presépio dada a falta de vagas nas hospedarias da região.

No Oriente, de acordo com os ditos populares, costumava-se dispensar atenção sem reservas ao estrangeiro. Costume esse que se consolidou com a proposta cristã de amor ao próximo.

De maneira geral, é lícito afirmar que através dos tempos, a hospitalidade tem envolvido os atos de acolher estranhos ou estrangeiros, oferecendo – de acordo com as necessidades dos viajantes e as posses do anfitrião – ora leito, ora pão, ora alimento ou bebida ou então o conjunto de todos os elementos (Dias, 2002) e que ao final dessa relação de hospitalidade, ambos, anfitriões e hóspedes, vêm se modificando, não sendo os mesmos de antes.

A hospitalidade muda, transforma estranhos em familiares, inimigos em amigos, proporciona uma riqueza de conhecimentos, modifica a visão do mundo e acrescenta valores inconfundíveis ao relacionamento humano (Grinover, 2002), além de apresentar-se “como experiência fundamental, constitutiva da própria subjetividade, devendo como tal se potenciada em todas as suas modalidades e em todos os contextos da vida” (Baptista, 2002, pág. 157).

## 2. As cidades históricas e o impacto do turismo

... no momento em que a ciência moderna se estabelece, o homem volta os olhos à preservação dos monumentos do passado. (Simão, 2001)

A crescente importância do turismo como forma de desenvolvimento econômico para este novo século é fato. Abundam pesquisas sobre o tema ou temas a ele relacionados. A constatação dessa realidade, nos inúmeros artigos e trabalhos acadêmicos sobre o assunto, promove, entretanto, reflexões sobre as consequências desse desenvolvimento para o meio ambiente, seja natural ou construído.

Vários são os impactos positivos do turismo que podem ser elencados, basicamente, porém, podemos dizer que eles giram em torno da geração de empregos, renda e arrecadação de impostos. Todavia, mais recentemente, ambientalistas, cientistas sociais e autoridades têm questionado os custos desses benefícios. Os impactos ambientais, o congestionamento de tráfego e pessoas, os conflitos sociais são reais exemplos dos aspectos negativos do turismo (Oliveira, 2003).

Esses impactos negativos são passíveis de ocorrer em qualquer localidade onde a atividade se estabeleça, porém a sua ocorrência é tão maior quanto a sensibilidade dessa mesma localidade. Dentre as áreas turísticas que podemos classificar como sensíveis estão, sem dúvida, as cidades históricas.

Muitas pessoas optam por viver e trabalhar nessas cidades, da mesma forma que muitos turistas optam por visitá-las, por serem aprazíveis e interessantes pelo seu aspecto histórico. Entretanto, elas não foram projetadas para as condições de vida e desenvolvimento contemporâneos. As ruas são estreitas, não há locais de estacionamento e as lojas e o comércio em geral dividem espaços com residentes e visitantes. Da mesma forma que apreciamos os edifícios antigos e o visual histórico, temos a consciência de que facilitaria muito se essas cidades fossem redesenhadas para atender às demandas decorrentes do desenvolvimento do século XXI. Entretanto, também sabemos que, se destruíssemos toda a história das cidades e varrêssemos seu passado, elas se tornariam uma local desinteressante para viver e visitar (Oliveira, 2003). Cabe aos responsáveis pelo desenvolvimento turístico, então, buscar alternativas de planejamento adaptadas a tais cidades que venham a possibilitar o estabelecimento do fenômeno turístico sem que isso implique em

destruição ou degradação do patrimônio, que é, afinal, o grande atrativo dessas localidades.

A busca por alternativas econômicas para as cidades históricas é válida e necessária, contudo é necessário que elas “considerem a especificidade da ocupação do seu território e seu acervo cultural, da cultura popular impregnada em seus hábitos e fazeres, do potencial de conhecimento e fruição” (Simão, 2001, pág. 45).

Das cidades históricas e do desenvolvimento turístico, disso discorre o presente capítulo.



## 2. 1 Cidades históricas, desenvolvimento turístico e preservação do patrimônio

Toda e qualquer atividade humana gera história, porém, somente algumas localidades possuem uma densidade de documentos que despertam o interesse de visitantes. É o que normalmente designamos por sítios históricos, parte do ambiente diário de seres humanos ao redor do mundo e que representam a presença viva do passado que as formaram. São muito diversos os parâmetros utilizados no mundo para considerar determinados edifícios, conjuntos edificados, cidades ou áreas como de “valor histórico” (Oliveira, 2003).

Uma das definições clássicas é a da Unesco<sup>1</sup>:

*Historic and architectural (including vernacular) areas shall be taken to mean any groups of buildings, structures and open spaces including archaeological and palaeontological sites, constituting human settlements in an urban or rural environment, the cohesion and value of which, from the archaeological, architectural, prehistoric, historic, aesthetic or socio-cultural point of view are recognized.*<sup>2</sup>

Já, de acordo com Arup *et al.* (*apud* Oliveira, 2003, pág. 35), considera-se histórica uma cidade que apresenta os seguintes elementos:

- a) uma malha urbana concentrada ou um padrão de ruas distinto;
- b) o domínio por um ou mais marcos históricos;
- c) uma mistura de usos e tipos de edifícios dentro da área histórica;

---

<sup>1</sup> *United Nations Education, Scientific and Cultural Organization*

<sup>2</sup> Devem ser consideradas áreas históricas e arquitetônicas (incluindo as vernaculares) qualquer grupo de edifícios, estruturas e espaços abertos incluindo sítios arqueológicos e paleontológicos, que constituam povoações humanas em ambiente urbano ou rural, cuja coesão e o valor, sob o ponto de vista arqueológico, arquitetônico, pré-histórico, histórico, estético ou sócio cultural seja reconhecido. **Recommendation concerning the safeguarding and contemporary role of historic areas.** <Disponível na Internet em: [http://www.unesco.org/culture/laws/historic/html\\_eng/page1.shtml#Recommendation](http://www.unesco.org/culture/laws/historic/html_eng/page1.shtml#Recommendation) >, acesso em 23 maio 2003.

- d) uma localização física distinta que reflete suas origens (proximidade de um rio, ou quando este a cruza, posição defensiva, morro ou montanha, costa marítima etc.);
- e) um entorno de desenvolvimento – além da malha central que dá uma sensação de cidade economicamente ativa e não apenas histórica.

São características como essas que tornam a historicidade da localidade visualmente atraente, trazendo a esses locais um sem número de visitantes e fazendo de cidades como Ouro Preto, São João Del Rei, Pirenópolis e Goiás, somente para citar alguns exemplos brasileiros, além de históricas, turísticas.

De acordo com Robinson (*apud* Oliveira, 2003, pág. 36) uma cidade turística histórica pode ser definida como:

um lugar que atrai um grande número de pessoas e que tem, em seu ambiente características especiais que fazem o turismo representar um papel muito importante em sua existência e em seu desenvolvimento. Essas características são mais específicas no ambiente construído, que é a atração principal, seguido pela paisagem natural, que o complementa. No presente, essas cidades usam o turismo para atrair investimentos e oferecem lazer e recreação aos visitantes. É então desejável valorizar esse meio ambiente para que o desenvolvimento aconteça.

A definição de Robinson nos chama a atenção para um termo em especial, que é o desenvolvimento. As cidades turísticas históricas, apesar de possuírem o *charm* e o *glamour* conferidos a elas por seus edifícios, praças, muros, castelos, casas antigas, ruas estreitas e monumentos, frutos de uma longa existência, são, todavia, em seu cerne, cidades como quaisquer outras, ou seja, são como organismos vivos, residência de pessoas, e mais, de pessoas que vivem em sociedade, portanto continuam em desenvolvimento, que não deve e não pode ser impedido. Resta então buscar um tipo de desenvolvimento que aconteça em harmonia com a proteção das qualidades que essas localidades apresentam, mesmo por que, como dissemos anteriormente são essas qualidades que atraem os visitantes em primeiro lugar.

Se o turismo é o vetor do desenvolvimento nestas cidades, se faz importante que ao seu planejamento sejam agregados, então, os valores da preservação ao patrimônio para que a malha histórica e a identidade locais sejam resguardadas para o benefício de turistas e residentes.

Mais do que isso porém, o que se verifica hoje em dia é o interesse em se fazer do turismo mais uma arma na luta pela preservação do patrimônio histórico cultural. Essa tarefa, no entanto, não é de maneira alguma simples.

Se por um lado o turismo deveria ser um dos principais preocupados com a preservação do patrimônio histórico cultural, uma vez que é esse patrimônio o fator de atração para os visitantes, por outro, muitos conflitos podem surgir como resultado da convivência espacial do turismo com o meio ambiente histórico. Danos físicos, intencionais ou não, podem ser gerados como o resultado de um excesso de visitantes. Centros históricos inteiros podem sofrer com processos que levam a estereotipização e despersonalização dos mesmos, populações nativas podem ser levadas a deixar suas residências originais e mudar para regiões mais afastadas movidas pela especulação imobiliária e a conversão de suas moradias em recursos recreacionais, isso para não falar do próprio congestionamento do tráfego, uma vez que as suas ruas estreitas deverão agora ser compartilhadas por turistas e locais.

A maioria desses conflitos acontece pelo fato de que atividade turística requer, além de atrativos, a existência de uma gama de equipamentos de apoio e infra-estrutura apropriados à atividade e que permitam a chegada e a permanência dos turistas nos locais visitados. O problema aqui é que estes equipamentos e esta infra-estrutura não devem e não podem interferir no padrão desses núcleos históricos, mas sim estar em harmonia com os mesmos.

## **2.2 O problema da hospedagem de turistas em cidades históricas**

Um dos grandes problemas enfrentados quando da introdução do turismo em cidades históricas é o que diz respeito à acomodação. Para que uma cidade receba turistas se faz necessário que ela tenha condições para hospedá-los. Atualmente nas cidades históricas brasileiras o problema da demanda cada vez maior por novos leitos para turistas tem sido solucionado de duas maneiras.

Em geral os centros históricos, área onde se localiza o grande bojo do patrimônio a ser preservado, são protegidos por tombamento, políticas de solo e planejamento do território. Tais políticas de preservação impedem, nessas áreas, a demolição de construções, a alteração das fachadas originais e mesmo a construção de novos edifícios em espaços abertos ainda que estes sigam o padrão arquitetônico dominante. Dessa maneira, ou se constroem novos hotéis e pousadas fora das áreas preservadas, ou seja, longe dos centros históricos, ou antigas residências que se localizam dentro da área de preservação devem ser modificadas, ainda que somente internamente, e adaptadas para uma nova função: a de receber turistas transformado-se em pousadas ou pequenos hotéis. Ambas as soluções, no entanto, não são totalmente satisfatórias.

Os turistas, de maneira bastante compreensível, preferem se hospedar o mais próximo possível dos centros históricos, o que além de tornar o acesso aos atrativos mais fácil - há que se lembrar que nem todos os turistas possuem meio de locomoção próprio - os colocam diretamente em contato, e realmente inseridos no ambiente que vieram visitar, de forma que a construção de hotéis e pousadas nas zonas periféricas das cidades turísticas históricas se de um lado resolve o problema da preservação do patrimônio<sup>3</sup>, de outro fica aquém de corresponder as expectativas dos turistas. Restaria então a segunda solução, a adaptação de residências dos centros históricos e a sua transformação em pequenos hotéis, ou pousadas, o que, sem sombra de dúvida, agradaria os turistas de uma forma geral, posicionando os mesmos, de certa maneira, dentro do atrativo que vieram conhecer. Tal solução, entretanto, é também insatisfatória, mas agora, por motivos relacionados à preservação do patrimônio e ao bem estar da população local.

De acordo com a Carta Internacional de Cidades Históricas, documento concebido pelo ICOMOS<sup>4</sup> em 1987 com o intuito de auxiliar na preservação dessas localidades e mais conhecido como a Carta de Washington, não somente o aspecto externo das construções, ou seja, sua fachada, deve ser

---

<sup>3</sup> Tal afirmação não é de consenso geral. A própria Unesco adverte que construções modernas em locais outros que não os centros históricos, apesar de evitarem a destruição direta dos mesmos pode afetar o ambiente e as características de áreas históricas adjacentes. Para mais informações ver o documento da Unesco "*Recommendation concerning the safeguarding and contemporary role of historic areas*", disponível no site da organização ( [www.unesco.org](http://www.unesco.org) )

<sup>4</sup> *International Council on Monuments and Sites*

preservado, mas também o interior dos edifícios, sua escala, tamanho, estilo, construção, materiais, cores e decoração.<sup>5</sup> Há que se considerar o tecido urbano como uma rede, refletindo a historicidade e a dinâmica urbana atual. A reutilização de velhos prédios e mesmo armazéns com finalidade cultural, recreativa ou de hospedagem além de levar a uma mudança da função original para a qual os edifícios foram concebidos leva também a uma valorização do local e finalmente a um processo de transformação do centro da cidade de acordo com uma cultura internacional de mercado. O processo então seria não apenas um de especulação imobiliária, mas representaria também um esforço coletivo das classes médias para apoderar-se do centro. Nas palavras da professora Margarita Barreto (2000, pág. 35):

As críticas ao processo referem-se à sorte dos moradores. Antes da revitalização, os locais eram habitados por pessoas que tinham seus empregos e/ou subempregos nas redondezas. A revalorização imobiliária leva à expulsão dessas pessoas de suas residências (geralmente alugadas), obrigando-as a procurar moradia em bairros longínquos, com o conseqüente prejuízo de tempo e custo de deslocamento e a perda dos laços e da própria história.

Ainda de acordo com Barreto (2000, pág. 43) “a manutenção do patrimônio histórico, em sentido amplo, faz parte de um processo maior ainda, que são a conservação e a recuperação da memória, graças à qual os povos mantêm sua identidade.” Dessa maneira, podemos perceber que a simples manutenção de prédios e fachadas não significa a manutenção do patrimônio em seu sentido mais amplo. Isso sem falarmos que a adaptação de antigas residências para a sua utilização como pousadas e pequenos hotéis implica em gastos quase sempre muito altos para a população em geral; para tanto basta observarmos que tais meios de hospedagem hoje existentes raramente pertencem a pessoas nativas da região sendo de propriedade de pessoas possuidoras de maior poder aquisitivo provenientes de outras cidades e até mesmo de outros países, que simplesmente adquiriram tais imóveis das mãos dos autóctones. Assim, a população local deixa de participar do turismo e da

---

<sup>5</sup> *The ICOMOS Charter on the Conservation of Historic Towns*. <Disponível na Internet em: [http://www.international.icomos.org/e\\_towns.htm](http://www.international.icomos.org/e_towns.htm) >, acesso em 29 maio 2003.

renda que ele pode gerar sendo gradativamente expulsa de suas cidades. Lembrando Krippendorf (*apud* Simão, 2001, pág. 71):

O turismo só deve ser encorajado na medida em que proporciona à população hospedeira uma vantagem de ordem econômica, antes de tudo sob a forma de lucros e empregos, que a mesma terá desejado, onde esta vantagem seja de natureza duradoura e não traga prejuízos aos outros aspectos da qualidade de vida.

Visto, então, que as duas soluções hoje utilizadas no Brasil para solucionar o problema da hospedagem de turistas nas cidades históricas não são totalmente satisfatórias, pode-se pensar que a atividade turística seja incompatível com tais ambientes, ou que pelo menos ela não possa se desenvolver, do ponto de vista da hospedagem turística, de maneira excelente em tais cidades, o que é uma idéia precipitada e equivocada. Existe uma terceira opção ainda quase que desconhecida em nosso país, que é o meio de hospedagem internacionalmente conhecido como *Bed and Breakfast* ou simplesmente *B&B*. Os *B&Bs* tem o potencial de não só resolver o problema da proteção ao patrimônio, mantendo intactos os aspectos internos, externos e funcionais das residências, como também de inserir os moradores locais na atividade do turismo e fazer da experiência turística uma muito mais rica.

É sobre esse meio de hospedagem ainda novo em nosso país, e, sobretudo em nossas cidades históricas que discorre o próximo capítulo.

### 3. O meio de hospedagem *Bed and Breakfast*

O termo *Bed and Breakfast (B&B)* nasceu na Inglaterra, onde proprietários de ricas mansões, geralmente no campo, empobrecidos, começaram a cobrar uma taxa aos seus hóspedes, como um modo de ampliar sua renda<sup>6</sup>. Aos poucos, a prática foi se ampliando e tomando a forma de um verdadeiro serviço turístico, principalmente em locais onde hospedarias não podiam ser encontradas.

Os *B&Bs* são populares na Inglaterra e Europa há muitos anos, porém somente recentemente vem ganhando larga aceitação também na América do Norte como um meio de hospedagem legítimo e popular (Taylor, 2002), sendo que nos últimos 10 anos, em parte graças a Internet, tem se transformado de tendência em realidade, tendo o número de estabelecimentos e associações crescido vertiginosamente (Davis; Craig, 2001).

Os modernos *B&Bs* fornecem basicamente o mesmo tipo de ambiente antes fornecido por seus correspondentes do passado, sendo a ênfase na hospitalidade em um cenário familiar. O visitante é recepcionado pelo anfitrião e lhe é fornecida acomodação para pernoite em um cômodo vago da residência. Pela manhã, o hóspede geralmente se une à família do anfitrião para um descontraído café da manhã acompanhado de um bom bate-papo. O menu do café da manhã varia de residência para residência, mas geralmente é oferecido aos hóspedes alimentos regionais, com qualidade e variedade. O custo é, em geral, mais acessível se comparado ao dos hotéis e pousadas e varia de acordo com as acomodações oferecidas, localização e tipo das residências.

No Brasil, os *B&Bs* são praticamente uma novidade podendo ser encontrados apenas em algumas cidades do sul e mais recentemente no Bairro de Santa Tereza na cidade do Rio de Janeiro, onde recebeu o nome de “Cama & Café”. A idéia de sua introdução em cidades históricas como alternativa para o desenvolvimento sustentável do turismo é bastante recente, mesmo em nível mundial, sendo de nosso conhecimento apenas uma iniciativa na região da Calábria, sul da Itália, que data do ano 2000. Iniciativa que ainda não encontra contrapartida no Brasil.

---

<sup>6</sup> PIMENTEL, Ana Bauberger. *Bed and Breakfast – Um projeto de desenvolvimento turístico sustentável no sul da Itália*. <Disponível na Internet em: <http://www.ivt-rj.net/caderno/anteriores/8/bed/bed1.htm> > acesso em 12 setembro 2003.

### 3.1 Os benefícios dos *B&Bs* para as cidades turísticas históricas

Vários são os benefícios da introdução dos *B&Bs* para o desenvolvimento do turismo nas cidades históricas. Para a melhor compreensão dos mesmos, neste trabalho os dividiremos em: benefícios para a preservação do patrimônio, para a comunidade e para os turistas. É importante ressaltar, no entanto, que alguns deles podem ser encontrados em mais de uma categoria, uma vez que trazem vantagens para dois ou mais participantes da atividade turística.

#### 3.1.1 Benefícios para a preservação do patrimônio histórico cultural

- **Ausência da necessidade de novas construções**

Os *B&Bs* constituem uma forma de receptividade, ou em outras palavras, um meio de hospedagem que não prevê novas construções, uma vez que são utilizadas as residências já existentes nos núcleos receptores, de maneira que a sua promoção e popularização não excedem a capacidade de carga local. É importante lembrar aqui que novas construções em cidades históricas, e de maneira especial nos centros históricos, prejudicam o patrimônio mesmo que a tipologia das mesmas reproduza a estilística da tipologia colonial existente nestas cidades.

Para ilustrar esta última afirmação podemos citar novamente o documento elaborado pela Unesco, *Recommendation concerning the safeguarding and contemporary role of historic areas*, que, em seu quarto princípio fundamental diz:

*Historic areas and their surroundings should be actively protected against damage of all kinds, particularly that resulting from unsuitable use, unnecessary additions and misguided or insensitive changes such as will impair their authenticity...<sup>7</sup>*

---

<sup>7</sup> As áreas históricas e suas cercanias devem ser ativamente protegidas contra qualquer tipo de dano, particularmente os resultantes do uso inapropriado, adições desnecessárias e mudanças equivocadas ou insensíveis como as quais prejudicam sua autenticidade... ***Recommendation concerning the safeguarding and contemporary role of historic areas***. <Disponível na



Podemos citar também o artigo *Qualities of Historic Towns to be preserved – According to the Charter and besides it* de Andrés Román (1997, pág. 13). Consoante o autor:

*In many cases it is not taken into consideration, that a new townscape element comes into existence by demolishing, in the same way as by new building up. It may appear by unpleasant bulkheads, but even by that, that such buildings up become visible closures, from long distances, that had never been planned for it. Certainly, this occurs the other way round too, when such areas become built up that traditionally used to be open and this way the characters are changed and closures are made disappear.<sup>8</sup>*

Ou ainda utilizarmos as palavras de Simão (2001, pág.38) quando ela escreve:

A necessidade de criação de novos espaços de morada, trabalho, lazer e circulação traçou diretrizes próprias na expansão urbana das cidades, criando tipologias diversas ao parcelamento do solo, implantação das edificações nos terrenos, alterando sobremaneira a configuração espacial dos núcleos tombados, mesmo com a reprodução estilística da tipologia colonial nas novas edificações.

---

Internet

em:

[http://www.unesco.org/culture/laws/historic/html\\_eng/page1.shtml#Recommendation](http://www.unesco.org/culture/laws/historic/html_eng/page1.shtml#Recommendation) >, acesso em 23 maio 2003.

<sup>8</sup> Em muitos casos não é levado em consideração que um novo elemento na paisagem urbana passa a existir com demolições da mesma forma que com construções. Podem apresentar-se como divisões desagradáveis entre as construções ou bloqueios à visão que não haviam sido antes planejados o que muda a característica do conjunto arquitetônico.

- **Manutenção da posse dos imóveis pelos habitantes locais**

Como já citamos anteriormente, um dos impactos negativos do turismo quando não corretamente planejado é a gradativa expulsão da população local das áreas onde se situam os atrativos, vítima da impossibilidade de participar ativamente da atividade turística e da especulação imobiliária que a obriga a procurar moradia em bairros longínquos.

Pode-se argumentar de maneira equivocada que tal fato não causa danos ao patrimônio histórico cultural, porém como também já discutimos no presente trabalho, esse patrimônio deve ser visto no seu sentido mais amplo que inclui não só sua parte física, mas também a memória e a identidade do seu povo. Dessa maneira, qualquer atividade que implique na remoção da população autóctone de suas residências originais estaria forçosamente trazendo danos ao patrimônio.

A introdução dos *B&Bs* nestas localidades possibilita que os nativos mantenham a posse dos seus imóveis pois eles próprios terão a possibilidade de explorá-los turisticamente dado principalmente ao baixo investimento inicial necessário ao ingresso nessa atividade, uma vez que não são necessárias mudanças estruturais nas residências.

Assim, a manutenção da posse dos imóveis pela população local concorre para a preservação do patrimônio histórico cultural das cidades.

- **Incentiva a conservação das residências históricas**

Um dos principais fatores atrativos das cidades históricas é o visual. Dos monumentos, ruas estreitas e residências antigas. Dessa maneira, uma das principais motivações que levam os turistas, já cansados de hotéis que sempre têm o mesmo aspecto a se hospedarem nos *B&Bs* é a sua aparência histórica, o seu ar distinto. Tomando conhecimento deste fato, os moradores passam a ter um cuidado redobrado com a conservação de suas residências, pois sabem que é a aparência original das mesmas é o que atrai o turista em primeiro lugar.

- **Diminuição dos problemas com o tráfego de veículos**

Como também já lembramos anteriormente, um dos problemas da atividade turística em cidades históricas é o causado pelo tráfego de veículos em suas ruas estreitas. Ora, quando o turista se hospeda em hotéis e pousadas localizados distante dos centros históricos por questões legais, ele é de certa forma obrigado a utilizar-se desses veículos para se locomover até os atrativos, o que gera um maior tráfego. Uma vez que esses visitantes têm a possibilidade de se hospedar em *B&Bs* localizados dentro dos próprios centros históricos, a necessidade pelos veículos diminui, mesmo porque os centros históricos em geral são de tamanho reduzido, o que os encoraja a explorá-los a pé.

- **Evita a aglomeração de turistas em um só local**

De acordo com Simão (2001, pág. 73):

Nos núcleos urbanos preservados, receber ao mesmo tempo em um determinado local um número excessivo de pessoas significa degradar o objeto de conhecimento e contemplação. Turistas e atrativos se beneficiam com o gerenciamento adequado do número de visitantes e o tipo de atividade a ser exercida naquele local.

É fato notório que essa aglomeração é característica inerente a hotéis e pousadas, principalmente quando esses meios de hospedagem são de maior porte. Dada a capacidade restrita de hospedagem de turistas dos *B&Bs*, que em geral possuem poucos cômodos disponíveis para recebê-los, o problema da aglomeração é evitado, o que traz benefícios para a preservação do patrimônio.

- **Evita o “engessamento” dos centros históricos**

Em busca da preservação do patrimônio cultural, os centros históricos na maioria das vezes são “engessados”, ou seja, permanecem estáticos e sem função social. De acordo Pires (1994, pág. 321):

No âmbito do planejamento urbano, é preciso buscar a dinâmica das funções sociais, sem agressão aos valores culturais; o engessamento da cidade, como normalmente ocorre para a preservação dos centros históricos, torna-os estáticos e, aos poucos, rejeitados pela sua comunidade.

Nesse cenário, a introdução dos *B&Bs* traz os turistas para dentro dos centros históricos a serem preservados sem que isso cause danos ao patrimônio histórico cultural ou aos moradores locais que permanecem em suas casas e participam do desenvolvimento da atividade turística.

- **Turistas mais engajados na preservação do patrimônio**

Os *B&Bs* funcionam como um espaço de encontro entre turistas e comunidade muito mais eficaz do que qualquer outro modo de receptividade. Visitantes e comunidade hospitaleira encontram-se em um espaço comum e laços de afetividade são criados. Os visitantes passam, então, a demonstrar uma maior preocupação com o local visitado, engajando-se na preservação dos valores os quais eles aprenderam a gostar, o que faz com que os mesmos pensem duas vezes antes de tomar qualquer atitude potencialmente danosa ao patrimônio histórico cultural da localidade.

### 3.1.2 Benefícios para a comunidade

- **Participação ativa da comunidade na atividade turística**

Como já dissemos anteriormente a prática dos *B&Bs* não prevê modificações estruturais de monta nas residências, de modo que o investimento inicial para o início da atividade é relativamente pequeno. Além disso, não existe um porte pré-determinado para os *B&Bs* sendo que mesmo as residências que possuam apenas um cômodo vago podem passar a receber turistas. Tais particularidades permitem que um amplo espectro da comunidade tome parte na atividade e se envolva diretamente na prática do turismo em suas cidades, se beneficiando das vantagens, em especial as financeiras, que ele pode trazer.

Como consequência direta disso, os locais mantêm a posse de suas residências não sendo obrigados a se mudarem para áreas periféricas das cidades.

Não custa lembrar que ou a população local participa do turismo e de seus dividendos ou será gradativamente expulsa de suas cidades.

- **Combate à evasão de divisas**

Diferentemente do que acontece em grandes empreendimentos hoteleiros, o dinheiro gasto pelos turistas em sua hospedagem vai direta e integralmente para as mãos da comunidade local.

Vale lembrar que “hoje, verifica-se que a apropriação mais significativa (da renda do turismo) se dá pelas empresas estrangeiras, sendo que apenas o equivalente a 10% vem para o Brasil para apropriação geral.” (Pires, 1994, pág. 320).

- **Compatibilidade com outros interesses e profissões**

A prática dos *B&Bs* funciona normalmente como um segundo emprego e uma fonte de renda extra para a família, geralmente administrada por um integrante da família desempregado ou aposentado, mas que não tem o papel oficial de chefe de família, dessa maneira o desenvolvimento não é unilateral e excessivamente dependente do turismo. As famílias, e mais especificamente, o

chefe delas mantém a sua atividade profissional normal, participando apenas de maneira secundária na administração do meio de hospedagem que funciona em sua casa.

De acordo com Ruschmann (1997) um dos impactos negativos do turismo nas comunidades é justamente o abandono de muitas atividades primárias pelas populações autóctones, que se lançam em busca de oportunidades de emprego em empresas turísticas.

- **Incentiva uma maior participação feminina, dos jovens e da terceira idade no ambiente familiar**

Em geral, nas cidades pequenas, e em especial nas cidades históricas, tidas como bastante tradicionalistas, o papel da mulher ainda é muito restrito aos afazeres do lar, enquanto cabe geralmente ao marido trabalhar fora e gerar o sustento da família. Como destacamos no item anterior, a administração dos *B&Bs* fica usualmente a cargo de algum integrante da família sem emprego fixo ou aposentado, dessa maneira as mulheres, os jovens que ainda não ingressaram no mercado de trabalho e até mesmo os membros da terceira idade podem chamar para si essa responsabilidade, aumentando sua participação na geração da renda familiar, e indiretamente obtendo um papel mais importante dentro desse ambiente.

- **Aumento do tempo para a família**

O fato de se trabalhar em casa recebendo turistas implica em mais tempo passado dentro dessa residência e, conseqüentemente com a família gerando um maior contato entre seus membros o que é bastante importante principalmente no caso de famílias com crianças ou pessoas que precisem de quaisquer tipos de cuidados especiais.

- **Possibilidade da escolha de fregueses**

Os proprietários de *B&Bs* têm a possibilidade de especificar o tipo de turistas que vão hospedar, diferentemente de hotéis e pousadas que se obrigam a receber qualquer um que se disponha a pagar o preço da diária. Proprietários da terceira idade podem optar por receber somente turistas de faixa etária equivalente a sua, da mesma forma que mulheres solteiras podem optar por receber apenas senhoras ou casais e assim por diante.

### **3.1.3 Benefícios para os turistas**

- **Enriquecimento da experiência turística**

Em se hospedando em um *B&B*, especialmente em uma cidade histórica, os turistas poderão experimentar realmente o estilo de vida e o clima que vieram visitar. A possibilidade de ser recebido em uma residência centenária e poder compartilhar do dia a dia de uma família nativa e suas tradições representa uma imersão no ambiente histórico e uma experiência muito mais rica do que a vivida por hóspedes de hotéis impessoais onde o maior contato se dá com os recepcionistas e o atendente da loja de *souvenirs*. Além disso, esse tipo de hospedagem faz com o que o turista se sinta como ator do cenário visitado, participante efetivo do lugar. Laços afetivos são criados nesse “espaço de encontro” gerando uma mudança de posição dos visitantes que passam a se posicionar mais respeitosamente em relação à cidade, seus habitantes, seu ambiente e sua realidade. Essa mudança de atitude pode vir, inclusive, a tornar realidade o discurso da Organização Mundial do Turismo que prega, há décadas, que o turismo será o passaporte para a paz e o entendimento entre os povos.

- **Economia**

As diárias dos *B&Bs* apesar de variarem bastante de preço de acordo com cada residência, são, em geral, mais baratas do que as diárias de hotéis e pousadas que oferecem acomodações compatíveis. Ao se hospedar em um *B&B* os turistas estariam, desse modo, economizando um capital precioso que poderia inclusive ser utilizado na própria cidade, em restaurantes, bares ou passeios por exemplo, movimentando a economia local.

- **Informação**

Os proprietários dos *B&Bs* funcionam não somente como anfitriões, mas também como fonte de informação a cerca dos locais onde estão inseridos, indicando passeios, atrativos e dando dicas valiosas aos turistas. Isso sem falar nas histórias pitorescas que os mesmos conhecem sobre a cidade e sua gente, do alto da sabedoria de famílias que já vivem ali há muito, muito tempo.

### **3.2 Quem são os fregueses dos *B&Bs***

Tendo no último item abordado os benefícios proporcionados aos turistas por se hospedarem em *B&Bs*, se faz importante traçar um perfil dos mesmos. Indagações sobre a existência de uma real demanda por esse tipo de acomodações são válidas, importantes e sem dúvida merecem uma resposta.

A atitude prevalecente na cultura ocidental nos últimos 40 anos tem sido a do “mais é melhor”. Enquanto lutávamos pelo triunfo econômico e a aquisição de bens, levados pela imagem do sucesso que a mídia nos levou a aceitar como normal, estabelecíamos para nós mesmos objetivos irrealis e, às vezes, inatingíveis. Em busca desses objetivos, esgotamos nossos recursos, poluímos nosso meio-ambiente e sacrificamos um tempo valioso que podíamos ter aproveitado com as pessoas que amamos, com nossos amigos e mesmo com nossos colegas cidadãos.

Felizmente, essas atitudes vêm mudando, muitos de nós hoje reconhecem que nossos recursos devem ser manejados, que o meio-ambiente necessita de proteção e as pessoas devem receber prioridade máxima em qualquer sociedade civilizada. Muitas pessoas hoje procuram por “qualidade de



vida” ao invés de “quantidade na vida”. Essas pessoas estão interessadas em envolvimento comunitário, a busca por suas raízes históricas e arte em geral. É desse conjunto de pessoas com uma nova perspectiva que os *B&Bs* atraem muitos de seus hóspedes.

Muitos turistas estão cansados de se hospedarem em hotéis sempre com a mesma aparência e caráter de impessoalidade. Eles procuram por uma atmosfera mais amigável, tal qual temos em casa, e estão interessados em conhecer pessoas do local e compartilhar um ambiente familiar. Em geral estão à procura de um anfitrião com interesses similares aos seus, como por exemplo, alguém interessado em antiguidades, que goste de jardinagem ou ainda que esteja envolvido com artesanato. Alguns hóspedes buscam estilos particulares de acomodação, como casas de campo e residências históricas, enquanto outros procuram a companhia de uma cultura ou língua particular. Quaisquer que sejam os interesses do viajante, eles podem ser atendido pela variedade dos proprietários dos *B&Bs* (Taylor, 2002).

De acordo com um estudo realizado em 1998 pela *YBR Marketing and the Professional Association of Innkeepers International*:

- 77% dos hóspedes possuem idade entre 25 e 54 anos;
- 92,8% possuem nível técnico ou universitário.

O tipo de hóspedes dos *B&Bs*, no entanto, vai variar de acordo com a localização dos mesmos e o tipo de acomodações oferecidas.

Ainda de acordo com a *YBR Marketing and the Professional Association of Innkeepers International* esses hóspedes, em geral, viajam em casais, as vezes com crianças e as vezes com outro casal (Davis; Craig, 2001).

Essas pesquisas, contudo, refletem o perfil dos hóspedes dos *B&Bs* na Europa e América do Norte. Uma vez que esse meio de hospedagem é ainda bastante novo no Brasil algum tempo ainda deverá se passar até que possamos obter um retrato fiel das pessoas que se hospedam em nossos *B&Bs*, todavia, não é insensato inferirmos que o perfil destes seja compatível com os de outras partes do mundo onde esse meio de receptividade já é uma realidade.

### 3.3 Quem são os proprietários dos *B&Bs*

Após abordarmos os benefícios trazidos pelos *B&Bs* e o perfil geral dos seus hóspedes, é interessante que conheçamos quem são as pessoas que se decidem pela prática desse meio de receptividade e se existe algum padrão geral no qual elas se encaixam.

A hospedagem de turistas num ambiente familiar como no caso dos *B&Bs*, onde a família permanece em sua residência e a compartilha com visitantes na sua grande maioria desconhecidos, vem acompanhada de uma desvantagem que é a relativa perda da privacidade, sendo mais difícil separar a vida pessoal da profissional. Hóspedes podem demandar assistência em horas variadas, até mesmo naquelas geralmente destinadas à família. Assim, as operações da casa e do *B&B* devem ser planejadas minuciosamente para que os conflitos sejam dirimidos. Além disso a prática desse meio de receptividade exige uma cooperação total de todos os membros da família que devem estar imbuídos no bem receber, mesmo que não participem diretamente da administração do *B&B*. Dessa maneira, existem algumas qualidades pessoais e características de personalidade que os candidatos a proprietários dos *B&Bs* devem possuir e sem as quais o sucesso dos mesmos pode ser comprometido. Em geral esse anfitriões devem ser diplomáticos, tolerantes, comunicativos e amigáveis, enfim, hospitaleiros, além de se mostrarem preocupados com a limpeza, com a informação e serem trabalhadores, já estas características relevantes para qualquer tipo de atividade e não apenas para a recepção domiciliar de turistas.

A necessidade dessa característica de hospitalidade no perfil ótimo do proprietário do *B&B* pode se constituir em um entrave para a introdução desse sistema de hospitalidade. Porém, como veremos a seguir, esse é um problema que não se aplica ao Brasil, e por conseqüência, às nossas cidades históricas.

Falta aos brasileiros a cultura do recebimento de turistas desconhecidos em suas residências, falta-nos a cultura do *B&B*. Por outro lado, entretanto, sobra-nos a cultura da hospitalidade; do bem receber. O povo brasileiro sempre foi tido como um povo hospitaleiro, de maneira que características como a diplomacia, a tolerância, a amizade e a comunicatividade sempre estiveram presentes no que se considera o senso comum da identidade nacional brasileira, o que, em tese, possibilitaria ou, pelo menos facilitaria a introdução desse “novo” meio de hospedagem em nossas cidades históricas.

Decidimo-nos, então, colocar essa hospitalidade, e a viabilidade da prática dessa forma de receptividade em teste. O que foi realizado em duas etapas. Na primeira deveríamos procurar validar a tese do senso comum sobre a hospitalidade do povo brasileiro e na segunda deveríamos escolher uma localidade histórica piloto para a introdução dos *B&Bs* onde seria realizada uma pesquisa de campo que verificaria a viabilidade de tal intento.

A escolha da cidade recaiu sobre Goiás, cidade histórica turística que recebeu no final do ano de 2001 o título de Patrimônio Histórico Cultural da Humanidade. Tal escolha se deu por dois motivos principais, o primeiro, logístico, uma vez que a Cidade de Goiás está localizada geograficamente cerca de nosso local de residência, a Cidade de Goiânia, o que facilitaria a pesquisa diminuindo os custos de locomoção. O segundo motivo foi a identidade do povo goiano. Da mesma maneira que o povo brasileiro é reconhecido fora de nosso país por sua hospitalidade o povo goiano o é dentro do território nacional sendo tal traço parte do senso comum sobre a sua identidade.

Essa “marca” de hospitalidade dos goianos que deveria aumentar as chances de sucesso da introdução dos *B&Bs* na Cidade de Goiás, antiga capital do Estado Goiano, aumentou também a abrangência de nossa primeira tarefa, pois agora além de nos dedicarmos à comprovação da hospitalidade brasileira deveríamos também ratificar a goiana, justificando assim de maneira mais veemente a escolha da Cidade de Goiás, como base para nossa pesquisa de campo e como município histórico piloto para a introdução dessa forma de receptividade.

Comprovar a hospitalidade brasileira e a goiana; é esta a tarefa a que se dedicam os próximos dois capítulos de nosso trabalho.

#### 4. A hospitalidade brasileira

Para podermos comprovar que a hospitalidade é uma característica do povo brasileiro, e que portanto a viabilidade da introdução dos *B&Bs* em nossas cidades históricas seria bastante provável, decidimo-nos por procurar no caráter nacional brasileiro tal qualidade ou características compatíveis com a mesma, tais como cordialidade, bondade, tolerância, lhanza no trato, afetividade, delicadeza, amizade entre outras.

Tal procura de maneira alguma pressupõe, de nossa parte, a busca por uma definição do que seria esse caráter nacional brasileiro, mesmo porque, os próprios cientistas sociais não concordam na natureza do caráter nacional ou nos métodos para o identificar (Freyre, 1967). Tal discordância, porém não desencorajou esses mesmos cientistas a perseguir tal definição.

O caráter nacional de um povo que deveria refletir a sua originalidade, as suas peculiaridades ou características específicas é um conceito que encontra amplo apoio acadêmico, como o de sociólogos como o ilustre alemão Norbert Elias e o célebre brasileiro Gilberto Freire; em filósofos, como Hegel, também germânico e defensor da diversidade das nações e dos povos e muitos outros antropólogos, etnólogos, psicólogos sociais e até mesmo poetas e romancistas.

Como dissemos anteriormente, não obstante as dificuldades inerentes ao conceito de caráter, vários foram os estudiosos brasileiros ou não que procuraram analisar e interpretar o nosso caráter nacional, e é na obra destes que buscaremos as características que previamente relacionamos com a hospitalidade.

Fernando de Azevedo, por exemplo, mineiro conhecido por suas iniciativas no campo da educação e por seus estudos de sociologia e pedagogia, citava, entre outras, as seguintes características psicológicas do brasileiro: altruísta, sentimental, generoso, hospitaleiro mas desconfiado e tolerante por temperamento (Leite, 1983).

Afonso Celso, também mineiro, político, poeta e ensaísta, membro fundador da Academia Brasileira de Letras, dizia que nem os "piores detratores" podiam negar ao brasileiro: a hospitalidade, a doçura, a caridade e a tolerância (Leite, 1983).

Manoel Bonfim, sergipano lembrado como um dos predecessores da Sociologia Moderna, conferia aos brasileiros o que ele chamava de "uma

afetividade passiva, uma dedicação morna, doce e instintiva..." (*apud* Leite, 1983, pág. 254).

Cassiano Ricardo, escritor e historiador paulista, em seu livro *O Homem Cordial e outros pequenos estudos brasileiros* vai ainda mais longe vendo a bondade - para ele a nossa contribuição ao mundo - como "nosso único (defeito) verdadeiramente incorrigível" (1959, pág. 39) e reconhecendo o brasileiro como eminentemente hospitaleiro, como podemos aferir pelas seguintes passagens:

Hoje o que vemos é o brasileiro que recebe a gente com carinho, no seu rancho.

Deixar de nos oferecer qualquer coisa, ou um café mesmo zurrapa ou marca três efes? capaz que um caboclo faça isso. Nunca.

A maior alegria do brasileiro é hospedar alguém, mesmo um desconhecido que lhe peça pouso, numa noite de chuva. Só quem não viajou pelo interior, onde há mais Brasil do que nas cidades, não terá observado êsse costume, próprio do brasileiro que nasceu assim e que não muda mesmo (Ricardo, 1959, pág. 24).

Mas é Nicolau Dreys quem, no século XVIII, na sua *Notícia Descritiva do Rio Grande*, nos conta o caso do sino que servia para avisar o viajante ou o desvalido da vizinhança que era hora do almôço ou do jantar; assenta-se quem quiser a essa mesa da hospitalidade. O dono, explica o autor, não deseja saber, sequer, quem é o seu hóspede (Ricardo, 1959, pág. 26).

Não foi preciso tal, pois na maior parte do interior de São Paulo (informa outro visitante) a hospitalidade é tão grande "que não nos deixaram pagar coisa alguma, parecendo que consideram isso um tributo devido ao estrangeiro que constantemente recebe as mais significativas provas de bondade e benevolência (Ricardo, 1959, pág. 26).

Como se vê, o brasileiro não hospeda apenas; dá o que tem,... (Ricardo, 1959, pág. 27).

Sérgio Buarque de Holanda, sociólogo, historiador, crítico literário e jornalista paulista, em seu livro *Raízes do Brasil*, também decanta a

hospitalidade brasileira nesta passagem célebre onde usa a expressão "cordialidade" previamente utilizada pelo escritor Ribeiro Couto:

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade - daremos ao mundo o "homem cordial". A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definitivo do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal (Holanda, 1995, pág. 146)

No que é corroborado por Daniel Piza, jornalista, tradutor e ensaísta que em um de seus artigos assevera que, "... é difícil não analisar a sociedade brasileira sem partir de seu conceito de "homem cordial", que **tantos e tantos fatos atuais reforçam.**"<sup>9</sup> (grifo meu); e por Álvaro Carvalho, também jornalista que diz, "O brasileiro tem um abertura imediata para o diálogo, é normalmente bem humorado e de boa convivência (...) porque o nosso instinto é o da convivência, não o da segregação, e porque somos **homens cordiais.**"<sup>10</sup> (grifo meu).

Gilberto Freire, ilustre sociólogo e escritor pernambucano, da mesma forma, não se absteve da discussão, e em passagens como as que veremos a seguir enaltece a hospitalidade brasileira.

*De Freycinet forgot that Brazilians needed, besides a parlor and many bed rooms, a large dining hall. They had large families and liked to have their friends for dinner. It was on the tables, over the large dishes of fat pork and black beans, of "pirão"-- a sort of unctuous pudding which Arthur de Oliveira has celebrated in his colorful prose --of cangica, fancy*

---

<sup>9</sup> PIZA, Daniel. **O intelectual brasileiro do século 20**. <Disponível na Internet em: <http://www.estado.estadao.com.br/editorias/2002/07/06/cad034.html>>, acesso em 23 maio 2003.

<sup>10</sup> CARVALHO, Alvaro R. Velloso de. **Liberalismo pouco cordial**. <Disponível na Internet em: <http://www.oindividuo.com/idiotice/idiota16.htm>> acesso em 23 maio 2003.

*bread, sweetmead cakes and frozen desserts—that the Brazilians showed the best of their patriarchal hospitality. Foreigners were delighted at the delicacies with which the Brazilians loaded their tables, specially the doces and creams of indigenous fruits like oranges, maracujás, goiabas, mangoes.*<sup>11</sup>

*Sociologically, Brazilian development viewed as a whole, may be considered as predominantly Christian. As a 'human' - in the sense of humane - expression of American culture, characterized more by the desire to enjoy life - in the appreciation of a well-cooked fish, a good cigar, fine guitar music, and in kindness and tolerance to others - than by the pursuit of material gain or highly intellectual conquests to the detriment of a slow and pleasant rhythm of existence.*<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> De Freycinet se esqueceu que os brasileiros necessitavam, além de uma sala de visitas e de muitos quartos de dormir, uma grande sala de jantar. Eles tinham grandes famílias e gostavam de receber seus amigos para jantar. Era nas mesas, sobre grandes pratos de porco gordo e feijões pretos, de pirão -- um tipo de pudim tenro que Arthur de Oliveira tem celebrado em sua prosa colorida -- de canjica, pães extravagantes, bolos doces e sobremesas congeladas -- que os brasileiro mostravam o melhor de sua hospitalidade patriarcal. Estrangeiros ficavam encantados com as iguarias com que os brasileiros enchiam suas mesas, especialmente os doces e cremes de frutas nativas como laranjas, macacujás, goiabas e mangas. FREYRE, Gilberto. ***Social life in Brazil in the middle of the nineteenth century***. <Disponível na Internet em: [http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/social\\_life.htm](http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/social_life.htm) > acesso em 17 de setembro de 2003.

<sup>12</sup> Sociologicamente, o desenvolvimento brasileiro visto como um todo, pode ser considerado com predominantemente cristão. Como expressão 'humana' - no sentido de humanitária - da cultura americana, caracterizada mais pelo desejo desfrutar a vida - na apreciação de um peixe bem feito, um bom charuto, a boa música de um violão, e em bondade e tolerância para com os outros - do que pela busca de ganho material ou grandes conquistas intelectuais em detrimento de uma existência em ritmo lento e agradável. FREYRE, Gilberto. ***Social life in Brazil in the middle of the nineteenth century***. <Disponível na Internet em: [http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/social\\_life.htm](http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/social_life.htm) > acesso em 17 de setembro de 2003.

Também João Ubaldo Ribeiro, baiano reconhecido hoje com um dos mais significantes romancistas da América Latina, em seu livro *Viva o Povo Brasileiro*, celebra a generosidade e a cortesia do brasileiro quando escreve:

... num país de fato com alguns problemas, mas tão cordial, tão pacífico, tão abundante, tão rico em oportunidades, tão generoso? (1984, pág. 626)

E mais! Um país de povo alegre, festeiro, que dribla todas as dificuldades com o célebre jeitinho, uma país feliz! E mais! Um povo que nunca enfrentou guerras, nem pestes, nem vulcões, nem terremotos, nem furacões, nem lutas fratricidas. E mais! Um povo que convive em amenidade e cortesia, um povo prestativo, de coração bondoso, em que todas as cores e raças se misturam livremente, pois desconhece o preconceito racial, visto que aqui o preconceito é econômico (Ribeiro, 1984, pág. 626).

Não fosse a cordura, a bondade inata e o sentimento de solidariedade do povo brasileiro, capaz de perdoar qualquer coisa... (Ribeiro, 1984, pág. 637)

Outros muitos observadores e analistas ainda vêm oferecendo desde os idos tempos do Brasil colônia, essas e outras tantas qualidades positivas de mesmo estilo para descrever nosso caráter nacional.

George Bernanos, escritor francês, chamou o brasileiro de "*L'homme de l'amitié*"<sup>13</sup>, o Conde de Keyserling, famoso filósofo lituano, de "o homem da delicadeza, Louis Bromfield, escritor e grande romancista americano, o atribuiu "um boa vontade quase infantil", enquanto o escritor francês Alfred Fabre-Luce aplaudiu a "*cordialité*"<sup>14</sup> e a "*gentillesse chaleureuse*"<sup>15</sup>, acrescentando a "*délicieuse tolérance*"<sup>16</sup> de nosso modo de vida.<sup>17</sup>

---

<sup>13</sup> O homem da amizade

<sup>14</sup> Cordialidade

<sup>15</sup> Gentileza calorosa

<sup>16</sup> Tolerância deliciosa

<sup>17</sup> PENNA, J. O. de Meira. **Da cordialidade ao bom-mocismo**. <Disponível na Internet em: <http://www.jt.estadao.com.br/noticias/98/08/10/ar1.htm>>, acesso em 23 maio 2003.



Os missionários americanos Kidder e Fletcher em viagem ao Brasil por volta de 1850, narrada nos dois volumes de *O Brasil e os brasileiros*, exaltam a polidez e a tolerância dos mesmos (1941) e ainda Fernão Cardim, outro missionário, só que português fica impressionado com a hospitalidade apreciada por ele nos engenhos do Recôncavo Baiano já por volta de 1600:

Os engenhos deste reconcavo são trinta e seis (LII); quasi todos vimos, com outras muitas fazendas muito para vêr. De uma coisa me maravilhei nesta jornada, e foi a grande facilidade que têm em agasalhar os hospedes, porque a qualquer hora da noite ou dia que chegavamos em brevissimo espaço nos davam de comer a cinco da Companhia (afóra os moços) todas as variedades de carnes, gallinhas, perús, patos, leitões, cabritos, e outras castas e tudo têm de sua criação, com todo o genero de pescado e mariscos de toda a sorte, dos quaes sempre têm a casa cheia, por terem deputados certos escravos pescadores para isso, e de tudo têm a casa tão cheia, que na fartura parecem uns condes, e gastam muito (Cardim, 1925, pág. 319)

É importante lembrar, no entanto, que tais características, não são as únicas atribuídas ao caráter nacional brasileiro, existem muitas outras levantadas ao longo dos anos pelos estudiosos, estas são somente, as relevantes ao trabalho em questão.

A diversidade e o número que características atribuídas ao brasileiro, leva, inclusive, alguns estudiosos, como é o caso de Dante Moreira Leite a colocar em dúvida se as mesmas tem alguma relação com a realidade e se podemos imaginar a sua correspondência com qualquer grupo brasileiro ou com os brasileiros em geral (Leite, 1983).

Não compartilhamos desta dúvida. É claro que estudiosos diferentes chegaram a conclusões também diferentes sobre o caráter nacional brasileiro, e não podemos esperar que o mesmo englobe todas as características por eles identificadas. Devemos sim procurar por intersecções entre suas deduções, aspectos comuns a todas elas, ou pelo menos a sua grande maioria, procurando reincidências que podem, senão definir esse caráter nacional, pelo menos mostrar o seu viés.

É o caso da hospitalidade. Tantas são as recorrências dessa propriedade, ou de características compatíveis com ela identificadas pelos

estudiosos do caráter nacional brasileiro, que é mais do que lícito afirmar que esta é, sim, uma das marcas de nosso povo.

Outros podem, ainda argumentar que não existe prova alguma de que um povo tenha características psicológicas inexistentes em outro (Leite, 1983), no que concordamos plenamente, mas isso, de forma alguma, tolhe ou invalida a nossa proposição, uma vez que não queremos aqui atestar que os outros povos não sejam hospitaleiros, mesmo porque não possuímos evidências nem contra, nem a favor de tal proposição. Queremos sim, comprovar que os brasileiros o são, o que fica patente por todas as evidências que aqui elencamos.

Ainda assim existe o argumento de que o caráter nacional de um povo é dinâmico, passível de mudança ao longo do tempo. Sendo assim, traços desse caráter verificados séculos atrás não representariam necessariamente a realidade dos dias atuais. O que é, sem dúvida, um argumento válido, entretanto, no caso brasileiro e, mais especificamente no caso da hospitalidade brasileira, existem evidências de que tal qual ela era verificada séculos atrás, ainda continua a ser atualmente. Para tanto basta notarmos que as opiniões que corroboram tal qualidade, utilizadas no presente estudo, perfazem um continuum através do tempo, começando por Fernão Cardim, no século XVII, passando por Kidder, Fletcher e Affonso Celso, no século XIX, Manoel Bonfim, Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Holanda e Fernando de Azevedo, entre outros, no século XX, até João Ubaldo Ribeiro, Daniel Piza e Álvaro Carvalho nos dias atuais. Não fosse esse fato o bastante, ainda poderíamos recorrer novamente a Gilberto Freire, e suas sábias palavras sobre o caráter nacional brasileiro:

*The Brazilian national character should not be considered, either on this point or on others, so static as to remain absolutely the same as it was a century and a half, a century, or half a century ago. It has changed. It is changing. However, these changes have not and should not be expected to be radical in people, who, though American, did no strike Bryce as “new people” but as mature people.<sup>18</sup>*

---

<sup>18</sup> O caráter nacional brasileiro não deve ser considerado, quer seja neste ponto ou em outros, tão estático que deva permanecer absolutamente igual era há um século e meio, um século, ou meio século atrás. Ele mudou. Ele está mudando. No entanto, essas mudanças não foram e não devem ser esperadas como radicais num

E ainda:

*In this, as in other aspects, the Brazilian national character in the twentieth century remains essentially the same as in the nineteenth century, though now as then realistically adapting itself to new circumstances, national and international, technological and political, economical, social and religious.*<sup>19</sup>

Resta, entretanto, explicar quais são as origens desse fenômeno que é a hospitalidade brasileira, e é isso que nos propomos a fazer no capítulo seguinte.

---

povo que, ainda que americano, não pareceu a Bryce um “povo novo”, mas um povo maduro. FREYRE, Gilberto. ***Brazilian national character in the twentieth century.*** <Disponível na Internet em: <http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/brazilian.htm>> acesso em 17 setembro 2003.

<sup>19</sup> Tanto neste, quanto em outros aspectos, o caráter nacional brasileiro no século XX permanece essencialmente igual ao que era no século XIX, apesar de que agora, como antes, se adaptando às novas circunstâncias, nacionais e internacionais, tecnológicas e políticas, econômicas, sociais e religiosas. FREYRE, Gilberto. ***Brazilian national character in the twentieth century.*** <Disponível na Internet em: <http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/brazilian.htm>> acesso em 17 setembro 2003.

## 4.1 As raízes da hospitalidade brasileira

São três as possíveis explicações para a presença desta qualidade no caráter nacional brasileiro, a explicação genética, a situacional e a explicação pelas representações sociais.

### 4.1.1 A explicação genética

A explicação genética, considerada como uma das duas grandes teorias para o estudo do Continente Americano (Wegner, 1999), foi uma das primeiras teorias para se explicar a diferença entre os povos. De acordo com ela, os traços de um povo são determinados pelas características, tanto raciais como culturais, dos povos que o originaram.

Segundo essa teoria, o Novo Mundo seria quase como uma folha em branco a ser preenchida com os valores do Velho, devendo ser interpretado fundamentalmente a partir das idéias e das instituições dele transportadas (Wegner, 1999).

Desta maneira, o povo brasileiro, formado principalmente pela junção das matrizes indígena, africana e européia teria, então, as características desses três povos.

Assim, teríamos, de acordo com Gilberto Freire (2001) herdado dos negros a bondade e a alegria, traços, que como discutido anteriormente, são compatíveis e que concorrem para a hospitalidade.

Outro que também atribui aos negros a bondade como característica do caráter nacional brasileiro, foi Fernando de Azevedo, no que foi seguido por Manoel Bomfim, mesmo que o último considere pequenas as influências negra e índia no Brasil (Leite, 1983).

Dos portugueses, consoante Cassiano Ricardo, recebemos um "idealismo sentimental", que ajudaria a explicar nossa bondade (1959).

De acordo com Freire<sup>20</sup>, recebemos também do luso a cordialidade, que veio, segundo Sérgio Buarque de Holanda a se firmar com a família patriarcal (Holanda, 1995).

---

<sup>20</sup> FREYRE, Gilberto. **A Propósito de relações entre raças e culturas no Brasil.**

<Disponível na Internet em:  
[http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/proposito\\_relacoes.htm](http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/proposito_relacoes.htm)>

acesso em 17 de setembro de 2003.

Há que se fazer aqui uma ressalva. Holanda afirmou mais tarde, que esse cunho cordial do caráter nacional brasileiro tenderia a desaparecer com a urbanização brasileira, o capitalismo e o fim da família patriarcal. A superação do mundo rural levaria ao colapso da família patriarcal, centro irradiador das relações cordiais. A modernidade corroeria a cordialidade. Veremos mais adiante, no entanto, que tal asserção foi revista pelo próprio Sérgio Buarque de Holanda quando o mesmo entrou em contato com as teorias situacionais.

Dos índios, que aqui já estavam muito antes dos portugueses e negros africanos, teríamos recebido segundo Cassiano Ricardo (1959), nossa "bondade natural", nosso estilo de convivência social e até mesmo nossa hospitalidade, como podemos observar pelas seguintes passagens:

Também a "bondade natural" ajudará a explicar a origem do nosso estilo de convivência social. A inocência do selvagem fazia pensar na idade do ouro e a carta de Vaz de Caminha contava coisas maravilhosas a el-rei (Ricardo, 1959, pág. 23)

Já a hospitalidade do nosso índio foi decantada por observadores astutos como Jean de Lery... (Ricardo, 1959, pág. 25)

Esse último excerto pode ainda ser confirmado pela seguinte passagem onde Fernão Cardim discorre sobre o costume dos indígenas de agasalhar os hóspedes:

Entrando-lhe algum hospede pela casa a honra e agasalho que lhe fazem é chorarem-no: entrando, pois, logo o hospede na casa o assentão na rede, e depois de assentado, sem lhe falarem, a mulher e filhas e mais amigas se assentam ao redor, com os cabelos baixos, tocando com a mão na mesma pessoa, e começam a chorar todas em altas vozes, com grande abundancia de lagrimas, e ali contão em prosas trovadas quantas cousas têm acontecido desde que se não virão até aquella hora, e outras muitas que imaginão, e trabalhos que os hospede padeceu pelo caminho, e tudo o mais que póde provocar a lastima e choro. O hospede neste tempo não fala palavra, mas depois de chorarem por bom espaço de tempo limpão as lagrimas, e ficão tão quietas, modestas, serenas e alegres que parece nunca chorárão e logo se saudão, e dão o seu *Ereiupe* e lhe trazem de

---

comer, etc.; e depois destas ceremonias contão os hospedes ao que vêm. Tambem os homens se chorão uns aos outros, mas é em casos alguns graves, como mortes, desastres de guerras, etc.; têm por grande horna agazalharem a todos e darem-lhe todo o necessário para sua sustentação, e algumas peças, como arcos, frechas, passaros, pennas e outras cousas, conforme a sua pobreza, sem algum genero de estipendio (1925, pág. 171).

E por Saint-Hilaire quando esse fala sobre os cordatos Coiapós (*sic*):

Todo os luso-brasileiros estão prontos a admitir que os Coiapós têm um temperamento muito cordato (1975, pág. 69)

E ainda:

A cordatura dos Coiapós, que como já foi mostrado é uma qualidade inata nele, vem provar que as crueldades atribuídas aos seus ancestrais não passavam de atos de represália. (Saint-Hilaire, 1975, pág. 69)

#### **4.1.2 A explicação situacional**

Essa explicação, diferentemente da genética, "procura alguma dinâmica própria ao Novo Continente que possa significar a *impressão de uma marca particular* nos valores do Velho Mundo para ele transportados" (Wegner, 1999, pág. 239).

O caráter nacional de um povo seria então, mais que a soma dos caracteres que o formaram. Seria a junção dos mesmos mais as modificações causadas pelo ambiente aqui encontrado pelos colonizadores. Os padrões destes seriam ajustados, dadas as necessidades do próprio meio. Teriam tido eles que abandonar, num primeiro momento, os métodos trazidos do velho mundo, para se adaptar aos dos nativos. "Só depois, e lentamente, os padrões europeus puderam ser retomados" (Wegner, 1999, pág. 247), porém daí já modificados, americanizados.

Foi com esta teoria, que, segundo um estudo recente de Robert Wegner, Prof. Dr. em sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Holanda teria se deparado, anos após a primeira edição de

Raízes do Brasil, mudando assim seu discurso sobre a corrupção da cordialidade pela modernidade.

De acordo com Wegner (1999), já a partir da segunda edição de Raízes do Brasil, de 1948, percebe-se uma mudança de perspectiva por parte de Holanda, estimulado pelo "(...) posterior descontentamento do autor com a explicação genética." Wegner, 1999, pág. 241).

A partir de então, teria ele passado a buscar uma nova maneira de interpretar a história da sociedade brasileira, que culminaria com a adesão ao enfoque situacional (Wegner, 1999).

O advento da modernidade à luz do enfoque situacional, nos faz crer que os efeitos da mesma aqui sentidos não foram os mesmos sentidos no Velho Mundo, dada a nossa peculiaridade, a nossa situação, ao ambiente americano. De tal maneira a formar aqui uma "mentalidade compatível com o moderno capitalismo, sem contudo ocorrer um completo rompimento com valores e costumes associados a um mundo pré-burgues" (Wegner, 1999, pág. 252), no caso, os valores patriarcais que Sérgio Buarque diz serem imprescindíveis à manutenção da cordialidade. De acordo com Wegner (1999), o enfoque situacional explica como o processo de formação do brasileiro, nos conduziu a uma sociedade capitalista, porém sem o usual ascetismo e impessoalidade das suas versões mais correntes, possibilitando assim, uma revisão do argumento de que os novos tempos trazidos pela modernidade corroeriam a cordialidade brasileira.

Podemos também considerar como adeptos da explicação situacional, Vianna Moog, ao explicar assim as razões da delicadeza brasileira:

Tolhido pelas montanhas do litoral, obrigado a enfrentar a floresta insidiosa, onde os perigos estão constantemente à espreita, assim na terra como na água, assim na água como no ar, tendo de acomodar-se a um clima para o qual o branco nunca fêz qualquer aprendizado, ser-lhe-ia praticamente impossível conquistar o trópico à maneira como o anglo-saxão tem conquistado as zonas temperadas da terra. Haveria, isto sim, de desenvolver faculdades e qualidades adequadas ao nôvo meio, e entre estas a sucetibilidade e a delicadeza (Moog, 1955, pág. 118).

Cassiano Ricardo, quando cita um trecho do Diálogo das Grandezas do Brasil de Ambrosio Fernandes Brandão para explicar uma das causas da bondade brasileira:

(...) logo que o litoral recebeu os primeiros degredados, os primeiros oprimidos.

Já êstes ficaram "bons", ao contacto com o chão agreste e acolhedor. Com a riqueza foram largando de si a ruim natureza de que as necessidades e as pobrezas que padeciam no reino os faziam usar (Ricardo, 1959, pág. 23)

E Fernando de Azevedo, que observa que para a bondade brasileira deve ter contribuído também o isolamento entre núcleos povoadores, "onde a chegada de uma visita significava sempre a alegria e o contato com terras estranhas; por isso, o forasteiro era sempre bem recebido" (Leite, 1983, pág. 296).

#### **4.1.3 A explicação pelas representações sociais**

"A Teoria das Representações Sociais é uma forma sociológica de Psicologia Social, originada na Europa com a publicação, feita por Moscovici em 1961 de seu estudo *La Psychanalyse: Son image et son public.*" (Farr, 1995, pág. 31) e está hoje no centro de um debate interdisciplinar sobre a relação das construções simbólicas com a realidade social.

A utilização do que hoje denominamos representações sociais para tentar explicar a formação do caráter nacional dos povos, no entanto, não é nova. McDougall em seu livro *The Group Mind* (1920), já afirmava que os princípios da psicologia coletiva, dentre os quais se encontram as representações sociais atuam na formação desse caráter (Farr, 1995).

Porém, o que vem a ser as representações sociais?

Em síntese, podemos dizer que as representações sociais, são símbolos construídos coletivamente, de forma compartilhada por uma sociedade (Jovchelovitch, 1995). Elas constituem a capacidade de se dar às coisas uma *nova forma*, através da atividade psíquica. Nova forma esta que se torna não apenas senso comum, mas conhecimento legítimo, que exerce ação coercitiva, em maior ou menor grau, sobre as consciências individuais.



E qual seria o fenômeno ou evento que desencadeia tal processo de representação social?

De acordo com Jovchelovitch (1995, pág. 79), "os processos que engendram representações sociais estão embebidos na comunicação e nas práticas sociais: diálogo, discurso, rituais, padrões de trabalho e produção, arte, em suma, cultura." Fortes representações sociais, são ancoradas por exemplo na moral, na mídia e na religião, e é aí que se enquadra o caso da hospitalidade brasileira.

A explicação pelas representações sociais da presença dessa qualidade no caráter nacional brasileiro, passa, sem dúvida, pela tradição religiosa de nosso povo, e sobretudo pelo seu catolicismo.

Ancorada nas máximas bíblicas "amai-vos uns aos outros" e "ame a teu próximo como a tu mesmo", cria-se a representação de que não existe outra saída para um povo eminentemente católico senão a bondade, a cordialidade e a hospitalidade, mesmo porque negar essas máximas significaria a "danação eterna".

Não são poucos os estudiosos que atribuem em parte à religiosidade as características acima mencionadas do caráter nacional brasileiro. Dentre eles merecem destaque Fernando de Azevedo e Cassiano Ricardo.

Todavia, a religiosidade não é a única ancoragem para a representação em questão. Ela está, com certeza, ancorada também nos relatos dos viajantes que por aqui passaram desde os tempos do Brasil Colônia, muitos deles já citados no presente trabalho, e que sempre testemunharam a favor de nossa hospitalidade. Tais relatos, quer tenham sido impressos, quer transmitidos pela oralidade, atravessaram o tempo e criaram o mito da hospitalidade brasileira. Mito que se transformou em tradição. Tradição que se transformou em realidade. Afinal, o que é o real, "senão a interpretação que os homens atribuem à realidade. O real existe a partir das idéias, dos signos e dos símbolos que são atribuídos à realidade percebida" (Laplatine & Trindade, 2003, pág. 12).

Dessa maneira, podemos concluir que a explicação pelas representações sociais, embora seja a mais recente, contribuí em muito para que possamos entender as origens de nossa hospitalidade.

Antes de darmos por encerrado o presente capítulo, no entanto, cabem ainda algumas considerações.

## **4.2 Algumas considerações sobre a hospitalidade brasileira**

Novamente gostaríamos de lembrar que a hospitalidade está intimamente ligada a traços como a bondade, a cordialidade, a tolerância, a delicadeza, a lhanza no trato e outros que seguem essa mesma linha, e que , portanto explicando o surgimento dos mesmos estamos explicando, mesmo que indiretamente, ou de maneira fragmentada, o surgimento da hospitalidade. É importante ressaltar também que apesar de serem três as explicações plausíveis para a existência da hospitalidade no caráter nacional brasileiro, não podemos escolher uma delas como principal ou mais importante em detrimento das outras. O mais correto seria afirmar que as três juntas concorrem para fornecer o embasamento teórico necessário para que possamos compreender o viés de hospitalidade de nosso caráter nacional.

## 5. A hospitalidade goiana

Aqui é a pensão de

Dona Aurora - manda quem é de fora. (MOTA, 1974, pág. 140) <sup>21</sup>

No meu terreiro - o outro primeiro. (MOTA, 1974, pág. 140)<sup>22</sup>

No início do presente estudo afirmamos que os goianos são um povo hospitaleiro. Porque são goianos, mas primeiramente porque são brasileiros. De maneira que qualquer tentativa de comprovar essa qualidade e explicar o seu surgimento deveria passar necessariamente pela explicação da mesma para o povo brasileiro em geral. Proposta que cremos ter concluído a contento no último capítulo. Cabe a nós agora legitimar a hospitalidade goiana, justificando assim a escolha da Cidade de Goiás como município piloto para a introdução desse “novo” modo de receptividade chamado *B&B* e como base para a realização de nossa pesquisa de campo, tarefa que executaremos de maneira diversa. Se para comprovarmos a brasileira utilizamos a teoria do caráter nacional, para comprovarmos a goiana lançaremos mão de uma pesquisa histórica, nos baseando nos depoimentos de alguns dos viajantes que por Goiás passaram ao longo do século XIX e início do século XX, a saber: Auguste de Saint-Hilaire, Johann Emanuel Pohl, George Gardner, Oscar Leal, Guilherme Coelho e Vítor Coelho de Almeida. Tal escolha se deve a dois motivos. O primeiro deles é a inexistência de obras, autores ou , até mesmo, teorias que abordem o caráter regional de um povo, no caso o caráter dos goianos e o segundo é que nos utilizando desses relatos temos a pretensão de dar ao trabalho do presente capítulo uma orientação mais empírica em contraste como uma mais teórica utilizada por nós no capítulo anterior. Antes, porém, se faz importante que tenhamos algumas considerações sobre o contexto da época em que estes viajantes por aqui circularam.

De acordo com José Carlos Barreiro:

---

<sup>21</sup> Provérbio goiano

<sup>22</sup> Provérbio goiano

O novo quadro histórico inaugurado em fins do século XVIII, decorrente da descolonização, do rompimento com a metrópole e da formação do Estado Nacional, suscita uma espécie de redescoberta e revisitação do Brasil pelos viajantes. Esse movimento é particularmente intenso a partir de inícios do século XIX. Procedentes de muitas regiões, eles percorrem todas as províncias do Brasil ao longo do século XIX, deixando registros minuciosos sobre aspectos múltiplos da vida social, econômica e política do país (2002, pág. 9).

Como pudemos inferir pelas palavras de Barreiro, o estudo dos relatos desses viajantes pode contribuir para ampliar o conhecimento e a compreensão de vários fenômenos ocorridos no Brasil durante o período que por aqui estiveram, entretanto, no caso específico da hospitalidade, seus registros são especialmente importantes, uma vez que raras eram as hospedarias existentes no Brasil, e principalmente em Goiás, de modo que esses viajantes necessitavam sempre de pouso a ser conseguido junto aos habitantes locais. Precisavam fatalmente usufruir a sua hospitalidade.

As narrativas desses viajantes tinham, de maneira geral, a forma de diários que eram escritos ao longo de suas jornadas. Estes diários continham o seu dia-a-dia de maneira pormenorizada, de forma que não faltam referências aos pousos feitos e aos anfitriões que os recebiam. Abundam também impressões pessoais, fatos históricos e situações inusitadas por eles vividas.

O presente capítulo é composto por estas narrativas, lembrando sempre que foram selecionados apenas os trechos que diziam respeito à hospitalidade e características afins, e que os mesmos são aqui reproduzidos tal qual foram escritos pelos autores, ou seja, obedecendo ao estilo e aos padrões gramaticais da época em que foram escritos.

Foram por nós adicionadas apenas algumas informações acerca dos autores, do período em que essas narrativas foram escritas e, sempre que possível, o local, onde aconteceu a experiência, lembrando sempre que todas as aqui descritas deram-se no Estado de Goiás e podem ser consideradas como retratos da hospitalidade do povo goiano.

## 5.1 Narrativas de Auguste de Saint-Hilaire

De todos os viajantes que por Goiás passaram, talvez o mais conhecido seja Auguste de Saint-Hilaire, sábio francês que na primeira metade do século XIX, visitou demoradamente nosso país. Tendo vindo sob influência do Conde de Luxemburgo, em 1816, permaneceu até 1822. Viajou, durante estes seis anos, pelo Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sendo que os relatos de suas viagens se encontram relatados em diversos volumes.

Em Viagem à província de Goiás, várias são as passagens onde Saint-Hilaire se refere à hospitalidade, cortesia, prestimosidade e cordialidade dos goianos. Eis aqui alguns exemplos:

### Da prestimosidade dos goianos

A proprietária de uma fazenda ofereceu-me gentilmente o seu filho como guia. Aceitei o seu oferecimento, e sem a ajuda do rapaz eu provavelmente me teria perdido. Merece menção o fato de que, no interior do Brasil, onde se vêem poucos estrangeiros e onde as pessoas são naturalmente prestimosas, esses pequenos serviços são prestados sem que haja a menor esperança de retribuição. (1975, pág. 47)

### Da sua hospitalidade

Durante o tempo que passei em Vila Boa o povo do lugar me cumulou de gentilezas, e minha permanência ali foi muito agradável. (Saint-Hilaire, 1975, pág. 59)

\*\*\*

Deixando Mandinga, fui dormir em Monjolinho, um dos casebres que mencionei mais acima. O proprietário dessa miserável habitação estava vestido de farrapos, mais recebeu-me com uma cortesia extraordinária. (Saint-Hilaire, 1975, pág. 96)

\*\*\*

Deixei a fazenda cheio de gratidão pela excelente acolhida que me deu o seu proprietário e me dirigi a Meia-Ponte, distante dali uma légua. (Saint-Hilaire, 1975, pág. 100)

### **Da cortesia, polidez e bondade goianas**

Os homens mostram-se bem mais corteses. Tinham um ar simplório e rústico. De um modo geral, entretanto, devo dizer que encontrei muito mais polidez e bondade entre os habitantes da Província de Goiás do que em toda parte ocidental de Minas Gerais, tão diferente da população de Tijuco e de Vila Rica (Diamantina, Ouro Preto). (Saint-Hilaire, 1975,pág. 46)

### **Da cordialidade**

Apesar dos defeitos que deve a circunstâncias deploráveis e a uma administração corrupta, o povo de Goiás me pareceu de boa índole e de maneiras cordatas. (1975, pág. 188)

Saint-Hilaire ao longo do diário de suas viagens ainda faz menção a diversos casos onde, possuidor de alguma carta de recomendação, foi também amavelmente recebido. Optamos porém, por excluir tais registros do presente trabalho, uma vez que esse tipo de hospitalidade apresenta um viés de obrigação e não de espontaneidade.

## 5.2 Narrativas de Johann Emanuel Pohl

Outro ilustre viajante que por Goiás passou no século XIX foi o austríaco Johann Emanuel Pohl.

Médico, mineralogista e botânico, esse renomado cientista esteve no Brasil entre 1817 e 1821, por ocasião do casamento do Príncipe Dom Pedro com a Arquiduquesa Leopoldina e relatou suas viagens no livro *Viagem no interior do Brasil*.

Pohl, apesar de considerar os brasileiros preguiçosos e dos mesmos dizer que só querem dinheiro fácil e nada de trabalho não se furtou de reconhecer a hospitalidade goiana.

Os trechos a seguir fazem parte de uma viagem por ele empreendida entre a cidade de Goiás e o Arraial de Traíras.

### **Chegando à fazenda de um tal Capitão Rodrigues**

Ao chegarmos levou-nos à sua nova fazenda, Retiro, que consistia num grande alpendre. A casa ainda não fora construída. Ele pretendia abandonar a fazenda velha, situada três léguas ao Norte, pois a nova estava em terreno mais fértil. Insistiu amavelmente para que me apossasse de sua própria rede no alpendre, mas recusei e mandei armar a minha tenda no vizinho Riacho Retiro. Forneceu-nos, entretanto, víveres que aceitamos de boa vontade. (1976, pág. 178)

### **Saindo de Pilar**

Légua e meia adiante, chegamos a uma plantação de milho chamada Manuel Francisco, cercada por três pobres cabanas; depois, por fim ao grande engenho de açúcar do Capitão Vicente, de propriedade de um português. Para aqui estava marcada a nossa dormida e o proprietário recebeu-nos muito gentilmente. Deu-nos para pousada o engenho e desculpou-se de não nos dar melhor agasalho pela sua pobreza, tendo observado que a parte central da capitania era desolada e pobre. (...) Fomos generosamente provisionados de víveres. Trouxeram-nos peixe fresco, galinhas, arroz, hortaliças, etc. Foi-nos também fornecido milho para os nossos burros, tudo de graça, aliás. (...)

O meu atencioso hospedeiro visitou-me logo que despertei e trouxe-me outro presente: peixes, que eu deveria levar como provisão de viagem. Depois que lhe agradei de coração sua amável hospitalidade magnânima (pois não consentiu em receber qualquer pagamento por tudo o que me fornecera), reencetamos a viagem. (Pohl, 1976, pág. 190)

### **Perto de Traíras**

(...) cheguei ao Engenho de Antônio Gonçalves de Almeida, povoado que constava de umas pobres cabanas à margem do Córrego Candonga. Era já noite e o dono do engenho, que acabava de chegar de São José com 6 filhos e 2 cunhados, estava alegremente com a família à mesa de jantar. A nossa recepção, aqui, foi muito acolhedora e cordial. Deram-nos as boas-vindas com muita amabilidade e generosamente nos oferecem tudo o que pudesse tornar agradável a nossa estada. Serviram-nos uma boa ceia, conforme o costume do país, e as primeiras horas da noite se passaram muito agradavelmente, em conversação e convivência com essa distinta família. (Pohl, 1976, pág. 197)

### **Saindo de São Félix**

Passamos o Córrego da Ponte e depois atingimos a Fazenda São Miguel, cujos moradores nos saudaram com muita cordialidade e nos queriam obrigar a aceitar três galinhas de presente. Recusei e pedi que antes me cedessem algum milho para os meus debilitados animais e, como eu não podia demorar-me, que me enviassem depois. Prometeram e cumpriram a palavra: ainda nessa tarde, trouxe-me o colono o prometido milho. Eu queria pagar e agradecer, mas ele nada quis aceitar, mas a minha gente me assegurou que era esse o costume deste colono; ele hospedava gratuitamente todos os viajantes." (Pohl, 1976, pág. 216)

\*\*\*

Marchamos, então, vagarosamente, pela planície, mas meia légua, até ao Engenho Santana, onde já estavam reservados 2 grandes quartos para receber-nos. A nossa acolhedora hospedeira, uma mulata, pusera laranjas à mesa para nosso aperitivo e mandara preparar uma nutritiva refeição. (...)



Na manhã de 9 de julho foi-nos servido um bom almoço. A atenciosa dona da casa apresentou-se, pedindo mil desculpas por não poder obsequiar-nos com mais fartura e luzimento, o que não fizera em razão de sua pobreza. (...)

Contentes com a amável acolhida que aqui nos foi dispensada, prosseguimos a viagem. (Pohl, 1976, pág. 217)

\*\*\*

Depois de andarmos três léguas e meia, atingimos o Sítio Cambaúba, constando de quatro pobres cabanas abandonadas e ermas, e logo depois o Sítio São Jorge, antigo povoado que se encontrava nas mesmas condições, e subimos a serra, que aqui se estende de norte para sul. Pouco depois, entramos no engenho de açúcar de Dona Feliciano e arranchamo-nos na casa do engenho. Hoje de novo tínhamos feito quatro léguas e meia. A dona do engenho recebeu-nos com muita benevolência e quis ceder-nos seu próprio quarto; nós, porém, não podíamos abusar de sua bondade e satisfizemo-nos com a casa do engenho. (...)

Imediatamente após a nossa chegada, fui presenteado com várias frutas, inclusive cachos de saborosas uvas - uma raridade nesta região. Pouco depois, a dona da casa me fez a sua visita de boas-vindas. Ela tomara a amável providência de mandar, durante a noite, a uma fazenda vizinha, pôr milho para os meus burros. Quando, na manhã seguinte, repetiu a visita e eu, com toda a gratidão, tentei indenizar a despesa de todas essas atenções, nada quis em troca. Além disso, ainda nos deu um guia para acompanhar-nos por duas léguas, porque, segundo afirmava, a trilha era tão irreconhecível, que facilmente poderíamos perder-nos. Com o mais vivo sentimento de gratidão nos separamos dessa amável senhora. (Pohl, 1976, pág. 222)

\*\*\*

Depois de quatro léguas de caminho atingimos o Engenho São Procópio, distante apenas meia légua do Rio Maranhão e pertencente ao Capitão Luiz Furtado. O estabelecimento consta da casa do engenho, da residência e de 14 cabanas de negros. A situação do lugar é bastante propícia tanto à pecuária quanto à agricultura, donde ser ali muito afamado. O dono do engenho, um mulato de uns sessenta anos, ofereceu-nos hospedagem, em sua própria residência. Recusei, porém, e alojei-me

numa pequena casa vizinha. Em tudo recebeu-nos esse homem muito cordialmente, obsequiou-me com um ponche frio e providenciou uma boa refeição. (...)

A nossa partida no dia seguinte não se deu muito cedo. O Capitão Furtado oferecera-se para acompanhar-nos e demorou muito até que o seu cavalo ficasse preparado. A seu mandado, os meus burros receberam considerável carga de mantimentos, farinha de milho, ovos, vinte galinhas, etc. que ele insistiu para que eu aceitasse como presente, convidando-me repetidas vezes para, quando de regresso, hospedar-me em sua espaçosa casa em Carmo. (Pohl, 1976, pág. 227)

Polh, apesar de reconhecer a hospitalidade goiana e brasileira, faz uma ressalva., dizendo que uma das peculiaridades dos brasileiros seria a de travar relações de amizade com os estrangeiros apenas como pretexto para deles extrair favores (Pohl, 1976). Tal afirmação no entanto foi refutada por Saint-Hilaire. De acordo com ele, Pohl foi injusto, devendo até mesmo ser censurado, pois essa não é uma peculiaridade do brasileiro, e muito menos uma regra deste país. Em suas próprias palavras:

Não duvido de que Pohl tenha lidado com gente assim em Goiás, pois esse tipos são encontrados em todos os países, mas não me lembro de me ter acontecido nada semelhante durante os seis anos que levei percorrendo o Brasil. De um modo geral só encontrei a mais generosa hospitalidade, e não creio que haja nada no caráter do brasileiros que possa justificar a acusação que o autor austríaco faz contra os goianos. (Hilaire, 1975, pág. 55)

Ademais, as várias passagens em que o próprio autor menciona que seus hospedeiros nada aceitaram em troca de sua hospitalidade parecem contradizer as palavras do austríaco.

### 5.3 Narrativas de George Gardner

Também o eminente botânico inglês George Gardner, tendo chegado ao Brasil em 1837, se aventurou pelo cerrado goiano. Aventura que narrou no livro *Viagem ao interior do Brasil*, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante os anos de 1836-1841, onde, tal como Saint-Hilaire e Pohl, registrou várias passagens que ilustram a hospitalidade que aqui encontrou.

Sobre sua chegada a Morrinhos, então uma “pequena aldeia”, hoje um município com mais de 34000 habitantes, situado na vertente goiana do rio Paranaíba, diz Gardner:

Fizemos alto neste lugar até depois do meio-dia; e outra caminhada de três léguas levou-nos a uma pequena aldeia chamada Morrinhos. O dono da casa onde nos alojamos por essa noite voltou das matas pouco depois de nossa chegada, trazendo grande quantidade de mel silvestre, do que nos deu bondosamente uma parte e o achamos excelente, é produto de uma abelha pequena, muito numerosa nesta parte do Brasil. Era a estação em que a gente vai para as matas à procura de mel. É este um costume tão generalizado, que, da vila de Duro em diante, nos foi oferecida uma porção de mel quase em todas as casas onde paramos. (1975, pág. 152)

Gardner ainda pôde experienciar a hospitalidade do negro goiano, ao passar pela região de Posse:

No dia seguinte apenas viajamos légua e meia; passamos a tarde e a noite na fazenda S. Antônio, de propriedade de um preto muito hospitaleiro. (Gardner, 1975, pág. 177)

E do índio quando de passagem por campinhos:

Meia légua adiante paramos durante o dia na casa de um índio, em um lugar chamado Pascoada. Quando chegamos, o homem estava fora trabalhando na roça, mas sua mulher nos recebeu com grande hospitalidade, mandando imediatamente um de seus filhos levar-nos

grande cesto de laranjas e outro de batatas-doces e uns ovos... (Gardner, 1975, pág. 181)

Importante e também representativo, apesar de não se referir especificamente ao Estado de Goiás, é o seguinte trecho, onde Gardner cita Darwin e decanta a hospitalidade brasileira:

Darwin, em seu Diário, menciona que há poucas casas no Chile onde um viajante não seja recebido para pousar à noite, mas dele se espera uma gratificação pela manhã e que mesmo um rico aceitará dois outrês xelins. No Brasil é muito diferente: no caminho, ora muito freqüentado, do Rio de Janeiro até a zona de mineração, sempre se encontram casas que fazem as vezes de estalagem e em que se espera pagamento do viajante; mas, se ele se hospeda em qualquer das grandes fazendas, deixam-no comer gratuitamente à mesa, só pagando as rações necessárias aos animais. Nas partes mais distantes do país sempre encontrei a mais ilimitada hospitalidade mesmo das classes menos favorecidas, e muitas vezes a tênue recompensa que essa pobre gente aceitava era um pouco de pólvora ou sal, artigos que muitas vezes não se obtém por preço algum. (Gardner, 1975, pág. 137)

## 5.4 Narrativas de Oscar Leal

Outro viajante que por Goiás passou no século XIX foi o português Oscar Leal. Tendo por aqui viajado pelo período de um ano e dez meses a partir de 1889<sup>23</sup>, deixou o registro dessa viagem, ilustrado a mão por ele próprio, no livro Viagem as terras goyanas: (Brazil Central).

Nas narrativas de Leal, também não são poucas as referências à hospitalidade que em Goiás encontrou, como podemos conferir pelas seguintes passagens:

### **Ao entrar em Goiás, vindo de Uberaba-MG**

Depois de uma marcha de sete leguas chegamos aos sitio do Teixeira outras seis aquem de Morrinhos. Teixeira não se achava em casa, mas sem dificuldade obtivemos pousada. (1892, pág. 34)

### **Em Morrinhos<sup>24</sup>**

Felizmente Manuel Affonso, homem affeito a bem servir os seus hospedes, não se demorou em nos chamar, e às sete horas da tarde considerava-me pois almoçado, jantado, ceiado e prompto a fazer o kilo, como se diz na giria sertaneja. (Leal, 1892, pág. 40)

### **Em Piracanjuba**

O João Elias sempre franco e amigo de servir, só nos deixou continuar a viagem no dia seguinte depois de nos offerecer um magnífico almoço, no qual ficou demonstrada a proficiencia do habil cosinheiro que o preparou. (Leal, 1892, pág. 45)

---

<sup>23</sup> Oscar Leal, porém, já havia visitado Goiás em ocasião anterior a esta data.

<sup>24</sup> Sobre Morrinhos, ver também os relatos de Gardner.

## **Após sair de Bella Vista, Oscar Leal enaltece a hospitalidade da classe média goiana**

Mais uma vez tive ocasião de conhecer quanto é hospitaleira a classe média no estado de Goyaz. Estes humildes sitiantes, nem pobres nem ricos, têm sempre o coração aberto para receberem o visitante com agrado, dispensando-lhe tudo que está em seu alcance e muitas vezes sem aceitarem remuneração. Sentem prazer de nos receber à sombra de seu tecto por algumas horas, proporcionando-nos valiosos favores.

Assim é que este bom velho cujo nome me não acode à memória, offereceu-me em poucos instantes um magnifico almoço, mandou dar milho aos nossos animaes, e encheu-nos de doces e rapaduras, sem querer aceitar a gratificação que expontaneamente lhe offerecemos.

Saudosos continuamos a viagem. (Leal, 1892, pág. 48)

\*\*\*

Vencendo assim sete leguas, chegámos ás cinco horas da tarde ao sitio do Marcos, outro velho bom e hospitaleiro. (Leal, 1892, pág. 49)

### **Em Luziânia**

O povo luziano é agradável e hospitaleiro, sabendo tratar o hospede com respeito, amizade e acatamento, sem prevenção e estultos escrupulos como em outras localidades. (Leal, 1892, pág. 140)

### **De passagem por Bonfim**

O povo do lugar é bom, agradável e distingue com affabilidade os forasteiros que o procuram. (Leal, 1892, pág. 156)

### **Nas cercanias de Rio Verde**

Uma das cousas que mais prende a atenção do viajante é sem duvida o agrado d'um rancheiro ou do dono da casa onde se acha pouzo. (Leal, 1892, pág. 176)

### **Em Jataí**

O povo de Jatahy é alegre, hospitaleiro e agradável e d'elle só conservo saudosa lembrança. (Leal, 1892, pág. 194)

## 5.5 Narrativas de Guilherme Coelho

Guilherme Coelho, visitou Goiás já no início do século XX e narrou suas experiências no livro Expedição histórica nos sertões de Goiás: São José do Duro, onde também não faltam passagens onde fica patente a hospitalidade por ele aqui encontrada.

Passando pela região de Roncador, então última estação da Estrada de Ferro Goyas, diz Coelho:

Preciso é dizer: o desconforto que experimentavam os viajantes era suavizado pela bondade dos habitantes, quer urbanos quer ruraes, que os recebiam com a alegria espontânea caracterizadora dessa gente. (1937, pág. 23)

E, mais tarde, ao sair da cidade de Itaberaí:

O alvorecer do dia immediato já nos achou de pé e, horas depois deixavamos a cidade hospitaleira e a alguns kilometros della alcançavamos a estrada de penetração para a longinqua região demandada. (Coelho, 1937, pág. 39)

### **Do pouso no sitio de um tal Senhor Mario Felix nos arredores da vila de São José do Tocantins, após Itaberaí**

Deixando o velho sertanejo os afazeres nos veio encontrar e do favôr que lhe solicitamos, para o descanso, naquella noite, promptamente nos attendeu, dizendo lamentar tão somente do mau agasalho que iríamos encontrar.

Inveridicas foram as suas expressões: um quarto confortavel e limpo nos foi posto á disposição, bôa refeição preparada e succulento leite servido ao deitarmos. (Coelho, 1937, pág. 44)



## **5.6 Narrativas de Vitor Coelho de Almeida**

Último dos viajantes por nós abordados no presente trabalho. Dr. Vitor Coelho de Almeida era membro da Academia Goiana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Goiaz. Foi também deputado à Constituinte Estadual e era Catedrático de Filosofia; membro correspondente da Academia Carioca de Letras e doutor em Filosofia e Teologia.

Tendo viajado por Goiás em dois períodos, de 1892 a 96 e de 1929 a 44, Almeida narrou suas experiências no livro Goiaz: usos, costumes, riquezas naturais, onde exalta, de maneira veemente a hospitalidade goiana.

### **Da povo da região de Rio Verde**

Gente boa e hospitaleira. (1944, pág.9)

### **De Vila-Boa, hoje cidade de Goiás**

Os goianos são atenciosos, ordeiros e amáveis no trato. (Almeida, 1944, pág. 22)

### **Sobre a o lar na roça goiana**

A família, na roça, leva vida um tanto diversa da das cidades. Contudo, a lhanza do trato, a bondade e a hospitalidade, inatas no goiano, não faltam nunca no lar dos roceiros. (Almeida, 1944, pág. 31)

Porém, o trecho mais representativo da hospitalidade goiana deixado por Vitor Coelho de Almeida, é, sem sombra de dúvida este, em que ele celebra a hospitalidade que os viajantes experienciam no que ele chama de sertão goiano:

Quem quiser viajar pelo interior da Asia, se não levar consigo uma boa escolta, perece. Em outros lugares da Europa e da América registram-se continuamente assaltos e roubos aos viajantes... Em Goiaz, porém, até hoje e enquanto não se introduzirem elementos estranhos, quem quiser percorrer o Estado inteiro, de Norte a Sul, levando com-sigo grandes

quantias ou o que bem entender, póde fazê-lo confiantemente, sem receio de ser roubado nos pousos, ou assaltado pelas estradas.

Aquele que viaja sem ofender, não será ofendido.

Não se pode desejar melhor prova da superioridade de carater e nobreza de alma dos goianos. A coragem e o brio, nêles, se aliam perfeitamente à honestidade, e ao respeito à vida e aos bens do seu semelhante. Os goianos são sinceramente religiosos e tementes a Deus. Além destes predicados, têm êles o da hospitalidade franca e generosa. Rico, pobre, ou miserável, o lar goiano, nos sertões, não nega abrigo ao viajor. O alimento que houver é repartido; e, de ordinário, sem cobrança das despesas do hóspede.

Fizemos diversas longas viagens, de centenas de léguas, e, dando o balanço depois de trinta, sessenta ou mais dias de jornada no sertão, ficámos pasmo da insignificância das despesas; porque os sertanejos dão abrigo, agasalho e mesa, fazendo questão de nada receber por êsses deve de hospitalidade. (Almeida, 1944, pág. 35)

## 5.7 Algumas considerações sobre a hospitalidade goiana

Como podemos averiguar, não são poucas as passagens nas quais os viajantes dão sua testemunha acerca da hospitalidade goiana, repetem-se ao longo das narrativas dos viajantes, predicados como prestimosidade, cortesia, polidez, bondade, cordialidade, generosidade, afabilidade e lhanza no trato, além do próprio termo hospitalidade. É interessante ressaltar também que de acordo com os trechos acima reproduzidos, tal hospitalidade independe da região onde se encontravam os viajantes, várias são as contidas nas narrativas, e tampouco da classe social do povo. Mais uma vez utilizando as palavras de Vitor Coelho de Almeida: “rico, pobre, ou miserável, o lar goiano, nos sertões, não nega abrigo ao viajor” (1944, pág. 35).

Não é demais rememorar também que o presente trabalho não tem por função negar que tais qualidades sejam encontradas em outras regiões do Brasil. Como poderia, se aqui mesmo afirmamos que a hospitalidade é inata ao brasileiro. O objetivo desse estudo não é outro senão o de ratificar no goiano essa característica presente no caráter nacional do brasileiro e justificar a escolha da Cidade de Goiás como base para nossa pesquisa de campo e município piloto para a introdução dos *B&Bs*, mesmo porque no Estado de Goiás, estiveram presentes todas as condições que propusemos anteriormente como as explicativas desse viés no nosso caráter nacional, a saber: forte presença negra, índia e lusa, o que corrobora a explicação genética; condições iniciais muito precárias à sobrevivência, o que fortalece a explicação situacional e uma forte religiosidade, o que valida a explicação pelas representações sociais.

Dessa maneira, ao chegarmos no fim do presente capítulo, cremos ser lícito afirmar que a hospitalidade goiana é fato e não uma mera hipótese.

## 5.8 Visões contemporâneas da hospitalidade goiana

Como já dito na introdução do presente trabalho, e como o leitor com certeza percebeu ao longo do mesmo. O estudo por nós realizado é eminentemente histórico. Todavia, achamos por bem acrescentar aqui algumas visões contemporâneas sobre o assunto, ainda que breves e superficiais, não podendo, portanto ser consideradas representativas de um universo, mas apenas como indicativas de um viés, o que ressalta a necessidade de se continuar o estudo com a realização de uma pesquisa em profundidade, sem dúvida um projeto para o futuro.

Com esse intuito foi realizada uma entrevista pessoal em profundidade com um estudioso da cultura goiana, sendo autor de vários títulos sobre o assunto, o Prof. Bariani Ortêncio, paulista de nascimento mais radicado em Goiás desde 1938<sup>25</sup>.

Na entrevista em questão, Ortêncio corroborou argumentos aqui citados, como a explicação situacional para a origem da hospitalidade goiana e ressaltou outros fatos por nós olvidados. De acordo com ele, o goiano, apesar de desconfiado, revela-se por inteiro e apresenta uma hospitalidade genuína a partir do momento em que passa a conhecer um pouco melhor o visitante. Fato que comprova tal asserção é a hospitalidade irrestrita oferecida aos amigos e parentes.

Outro discurso por nós selecionado para ilustrar a hospitalidade goiana nos dias de hoje é o do escritor, jornalista e cronista esportivo Armando Nogueira, que, em recente passagem por Goiânia quando do lançamento de seu livro *A Ginga e o Jogo pôde experimentar a hospitalidade do povo de Goiás*, sobre a qual escreveu no jornal *O Popular* de 19 de novembro de 2003:

Acabo de passar dois dias em Goiânia. Bela e jovem cidade que acaba de fazer 70 anos de idade mas que já dá lições de qualidade de vida a muita metrópole brasileira metida a histórica.

Ao chegar, fui avisado de que iria sentir muito calor. Senti, de fato, mas nada que me sufocasse.

Goiânia pode ser calorenta, mas sua gente é calorosa. E nada melhor pra refrescar a alma do que calor humano. Se o amigo leitor anda meio de crista baixa, faça como eu: pegue um avião e vá espairecer em

---

<sup>25</sup> O tópico guia para a realização da entrevista se encontra no Apêndice I

Goiânia, uma cidade que transpira otimismo e afeto. A impressão que me deu é que, em Goiânia, não existe casa alheia: toda casa é sua também.

## **5.9 Considerações finais a cerca da hospitalidade brasileira e goiana**

Os dois últimos capítulos, a saber: a hospitalidade brasileira e a hospitalidade goiana tiveram como objetivo fornecer embasamento para as afirmações de que os brasileiros e, em especial, os goianos são hospitaleiros, o que facilitaria, em tese, a introdução do meio de hospedagem *B&B* em nossas cidades históricas e justificaria a escolha da Cidade de Goiás para a realização da pesquisa de campo com o intuito de verificar a viabilidade de tal intento, ao mesmo tempo em que defende também a escolha da referida cidade como município histórico piloto para o estabelecimento dos primeiros *B&Bs*.

Isso porém não é tudo. A comprovação de que o brasileiro e, especialmente, o goiano é de fato hospitaleiros. Que a hospitalidade nos é uma qualidade inata traz fortes implicações para o desenvolvimento do turismo no Estado, uma vez que a presença de um povo hospitaleiro fortalece no turista o desejo da visita, da mesma forma que cria nesse mesmo turista o impulso de aqui retornar no futuro.

Para tanto escolhemos um caminho, que inicialmente pode ter parecido duvidoso, uma vez que nos utilizamos de uma teoria sobre a qual ainda hoje existem algumas reservas. Reservas, todavia, das quais não compartilhamos. No que somos acompanhados por estudiosos da envergadura de Gilberto Freire, Norbert Elias e Euclides da Cunha. Escolhemos o caminho do caráter nacional brasileiro.

Escolha simples, no entanto, se considerarmos que os goianos não são um povo assim tão diferente dos que o rodeiam. Porque, antes de sermos goianos, somos brasileiros. E qualquer traço de nosso caráter deveria obrigatoriamente refletir, ao menos em parte, traços do povo do qual fazemos parte. Assim, qualquer tentativa de comprovar a hospitalidade goiana, haveria, necessariamente de passar pela comprovação da brasileira.

Demos início então a uma pesquisa de fôlego junto aos trabalhos da maioria dos estudiosos, brasileiros ou não, que procuraram definir esse caráter. Estudiosos como Sérgio Buarque de Holanda, Cassiano Ricardo, Fernando de Azevedo e, é claro Gilberto Freire. Nos trabalhos destes, procuramos então identificar senão a própria qualidade denominada hospitalidade, traços compatíveis com a mesma e que concorrem para a sua formação, como a cordialidade, a bondade, a tolerância, a afetividade, a delicadeza, a lhanza no

trato, a amizade, entre outras. Há que ser dito aqui que tal tarefa não foi difícil, pois tais características abundam nos estudos de todos eles, o que na nossa opinião é mais do que o bastante para asseverarmos que a hospitalidade faz sim, parte de nosso caráter nacional.

Restava ainda, porém, explicar o surgimento dessa qualidade. O porquê de sua presença no caráter nacional brasileiro. Para tanto, apresentamos três explicações sócio-antropológicas. A explicação genética, a situacional e a das representações sociais, bem como os adeptos de cada uma delas, sendo que a explicação final ao nosso ver, no entanto, ficaria a cargo das três em conjunto e não de alguma delas separadamente.

Outra etapa se iniciava então. Validada a hospitalidade como qualidade do brasileiro e explanada as suas origens, tínhamos então que associa-la aos goianos. Demonstrar que esse viés do nosso caráter nacional também se aplicava às pessoas do Estado de Goiás.

Desta feita, optamos por uma abordagem diferente. Nos utilizamos de uma pesquisa histórica, nos baseando nos depoimentos de alguns dos viajantes que por Goiás passaram ao longo do século XIX e início do século XX. Tal escolha se deveu a dois motivos. O primeiro deles é a inexistência de obras, autores ou, até mesmo, teorias que abordem o caráter regional de um povo, no caso o caráter dos goianos e o segundo é que nos utilizando desses relatos pudemos de dar ao presente trabalho uma orientação mais empírica em contraste como uma mais teórica utilizada por nós anteriormente.

Nesta etapa reproduzimos inúmeras passagens onde esses viajantes enaltecem a hospitalidade do povo de Goiás ao narrar eventos que os mesmos presenciaram durante mais de um século de aventuras no cerrado goiano e que, nos permitiram confirmar a nossa hipótese inicial de que tanto os goianos, como os brasileiros, são, sim hospitaleiros.

Na tentativa de oferecer uma visão contemporânea do assunto, agregamos ao final do capítulo em questão duas opiniões atuais, que se não podem ser consideradas representativas de um universo, devem, ao menos, ser encaradas como um indicativo de que a qualidade denominada hospitalidade ainda se encontra entre os goianos.

É claro que reconhecemos que a presente pesquisa, embora conclusiva não é definitiva, outras mais poderiam agregar conhecimentos valiosos à mesma, principalmente no que se refere aos tempos modernos e mudanças, que, ainda que sutis possam ter ocorrido na cultura dos goianos e no caráter

nacional brasileiro. Esperamos então, que no futuro, tais pesquisas possam ser realizadas e que o presente trabalho funcione como um princípio motivador, e, por quê não, orientador para as mesmas.

Resta ainda, que a confirmação da hospitalidade goiana seja eficientemente utilizada em prol do desenvolvimento do turismo em nossa região, que, apesar de rica em belezas naturais e diversidade cultural ainda dá os primeiros passos em direção ao turismo responsável e profissional.

No primeiro objetivo, porém, podemos dizer ter sido plenamente alcançado. A confirmação dessa característica de hospitalidade dos brasileiros, bem como, de maneira especial nos goianos nos deixa bastante confiantes para a realização da pesquisa de campo na Cidade de Goiás, confiantes, me primeiro lugar, que seremos bem recebidos e, em segundo lugar, que poderemos concluir pela viabilidade da introdução dos *B&Bs* na localidade e, por conseqüência nas demais cidades históricas de nosso país.



## 6. Pesquisa *B&B* na Cidade de Goiás

### 6.1 Definição do problema de pesquisa

Nas cidades históricas existe hoje uma profusão de novos meios de hospedagem, em sua maioria hotéis e pousadas, que dia a dia vão sendo construídos para atender a demanda cada vez maior de visitantes. Tais meios de hospedagem acabam por impactar negativamente essas localidades, não obstante terem sido bem planejados, devido à grande sensibilidade das mesmas. Além desse impacto ambiental porém, existe o fato de que tais hotéis e pousadas pouco ou nada beneficiam a comunidade local uma vez que seus proprietários além de pertencerem a uma minoria mais abastada, quase sempre são provenientes, ou residem em outras localidades.

Tendo isso em mente e baseando-se na hipótese de que a hospedagem em casa de parentes e amigos é uma realidade em cidades históricas, propõe-se a introdução nas mesmas do meio de hospedagem *Bed & Breakfast* com o intuito de diminuir a necessidade por novos leitos, freando a construção de novos hotéis e pousadas e tornando possível à comunidade em geral participar mais ativamente do turismo, usufruindo de maneira mais direta das receitas que a atividade pode gerar.

Faz-se necessário então verificar a validade da hipótese acima descrita, bem como a disposição dos moradores das cidades históricas, aqui representados pelos moradores do centro histórico da Cidade de Goiás, Patrimônio Cultural da Humanidade, de receberem em suas casas não apenas amigos e parentes, mas também, turistas.

### 6.2 Hipóteses

- A hospedagem em casa de parentes e amigos é uma realidade na Cidade de Goiás;
- Os habitantes do centro histórico da Cidade de Goiás estariam dispostos a receber turistas em suas casas.

### **6.3 Objetivo primário (Experimento)**

Verificar a viabilidade da migração do modelo de hospedagem em casa de parentes e amigos para o meio de hospedagem *Bed & Breakfast* no centro histórico da Cidade de Goiás.

### **6.4 Objetivos secundários**

Verificar:

#### **❖ Sobre a hospedagem de amigos e parentes**

- Ocorrência da hospedagem de amigos e parentes nas residências do centro histórico da Cidade de Goiás;
- Frequência média anual da hospedagem de amigos e parentes caso ela ocorra.

#### **❖ Sobre a hospedagem de turistas**

- Disposição dos moradores para hospedar turistas em suas residências;
- Em caso de não disposição dos moradores para hospedar turistas em suas residências, qual o principal motivo que leva a tal atitude;
- A possibilidade de mudança de opinião dos moradores não dispostos a receber turistas em suas residências caso pudessem escolher previamente esses turistas;
- A importância da possibilidade de escolha prévia dos turistas para os moradores dispostos a recebê-los em suas residências.

#### **❖ Sobre o perfil dos entrevistados**

- Sexo dos entrevistados;
- Faixa etária dos entrevistados;
- Nível de escolaridade dos entrevistados.

## **6.5 População-alvo e abrangência**

Moradores do centro histórico da Cidade de Goiás.

## **6.6 Metodologia**

Decidiu-se pela realização de pesquisa social quantitativa através da aplicação de entrevistas pessoais em residência com a utilização de questionário. Tal escolha se deu pela necessidade de levantamento de dados numéricos e opinião a cerca da hospedagem de amigos, parentes e turistas nas cidades históricas, bem como pelo tamanho relativamente pequeno da amostra, uma vez que o método de entrevistas pessoais em residência se torna menos viável, e mais custoso, em caso de amostras grandes.

Para a abordagem e motivação dos entrevistados, foi utilizada a estratégia “pé-na-porta”, que procura obter participação através do uso de solicitações seqüenciais, consistindo em começar a entrevista com uma solicitação relativamente pequena, tal como “Pode dispor de cinco minutos para responder cinco questões?”, à qual a maioria das pessoas não criará oposição. Essa pequena solicitação é seguida por solicitações maiores, as solicitações críticas, que pedem participação na pesquisa ou experimento (Malhotra, 2001, pág. 334).

O questionário foi elaborado utilizando-se de linguagem clara, objetiva e de fácil compreensão sendo composto por perguntas estruturadas dicotômicas, de múltipla escolha e escalonadas.

As perguntas foram também formuladas em ordem lógica, ou seja, todas as questões relacionadas com determinado tópico eram esgotadas antes que um novo tópico fosse iniciado. Preocupou-se também com a extensão do questionário, que deveria ser conciso, uma vez que se extenso praticamente inviabilizaria o método de entrevistas proposto e com a colocação das perguntas, sendo que as relativas a informações indiscretas, basicamente as relacionadas ao perfil do entrevistado, foram propositalmente colocadas no final do questionário, quando a desconfiança inicial já estivesse superada.

## 6.7 Amostra

Tendo sido realizada pesquisa junto ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) pudemos obter as dimensões e abrangência do centro histórico da Cidade de Goiás. De posse de tais informações, foi procurado o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que nos forneceu todos os dados relativos ao município em questão obtidos no Censo de 2000, inclusive os mapas dos setores censitários. Pudemos então selecionar os setores que abrangiam o centro histórico da cidade e parte da chamada zona tampão (área limítrofe entre o centro histórico e o restante do município definida pelo IPHAN) o que nos deu um universo de 750 residências.

Dado ao tamanho reduzido do universo, optou-se pelo cálculo do tamanho da amostra através da Fração de Amostragem. Arbitrou-se a Fração de Amostragem igual a 25% (sendo que  $F \geq 5\%$  já representaria uma amostra grande) a fim de melhorar a qualidade das estimativas reduzindo o erro, o que nos deu uma amostra  $n = 187$  residências.

Os 187 domicílios entrevistados foram selecionados utilizando um coeficiente aleatório de sistematização para entrevista calculado da seguinte maneira.

Depois de selecionados os setores censitários de interesse da pesquisa, verificou-se o número de domicílios de cada setor e a sua participação relativa na amostra para a determinação do número de domicílios a serem pesquisados em cada um deles. O coeficiente aleatório de sistematização foi então calculado dividindo o total de domicílios do setor pelo número dos domicílios a serem pesquisados no mesmo. De posse assim de um ponto geográfico dentro de cada setor foi realizada a cobertura do mesmo utilizando-se tal fator para o sorteio das residências obtendo-se dessa maneira uma amostra probabilística.

## **6.8 Pré-teste**

Após o cálculo do tamanho da amostra foi realizado o pré-teste que possibilitou aperfeiçoar o planejamento da pesquisa, por meio do ajuste de alguns itens do questionário, da verificação das variáveis definidas e do ensaio da tabulação, bem como estimar o tempo médio de cada entrevista em 5 minutos.

A maioria das mudanças no questionário, porém, disseram respeito apenas ao enunciado de algumas questões visando maior clareza e simplicidade, uma vez que uma parte razoável dos entrevistados possuía nível de escolaridade bastante baixo, e alguns deles sequer qualquer tipo de estudo.

As duas versões do questionário podem ser encontradas no Apêndice II.

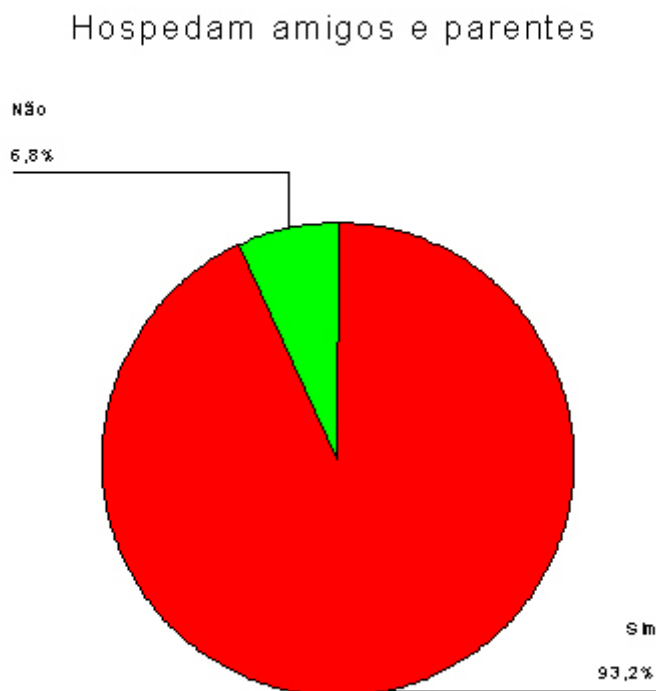
## **6.9 Plano tabular**

A tabulação trabalhou com questões fechadas e estruturadas dos tipos dicotômicas, de múltipla escolha e escalonadas. Todas foram tabuladas utilizando-se o programa SPSS 11.0 que possibilitou o cálculo das freqüências absolutas e relativas das respostas, bem como a tabulação cruzada de algumas questões.

## **6. 10 Resultados obtidos com a pesquisa**

A primeira parte do questionário de entrevista dizia respeito à hospedagem de amigos e parentes nas residências do centro histórico da Cidade de Goiás. A hospedagem de amigos e parentes é um fenômeno pouco estudado dentro do turismo, apesar de sua fácil verificação. Pouco se sabe sobre a natureza do mesmo e tampouco dos impactos por ele causados. A hospedagem em casa de amigos e parentes na Cidade de Goiás, no entanto, é de amplo conhecimento, sendo basicamente, senso comum, de forma que mais que validar uma hipótese sobre sua existência, tal pergunta visava mensurar o seu alcance.

Se a confirmação desse fenômeno já era esperada, os resultados sobre sua abrangência são de certa forma surpreendentes, como podemos conferir ao analisarmos os gráficos seguintes.

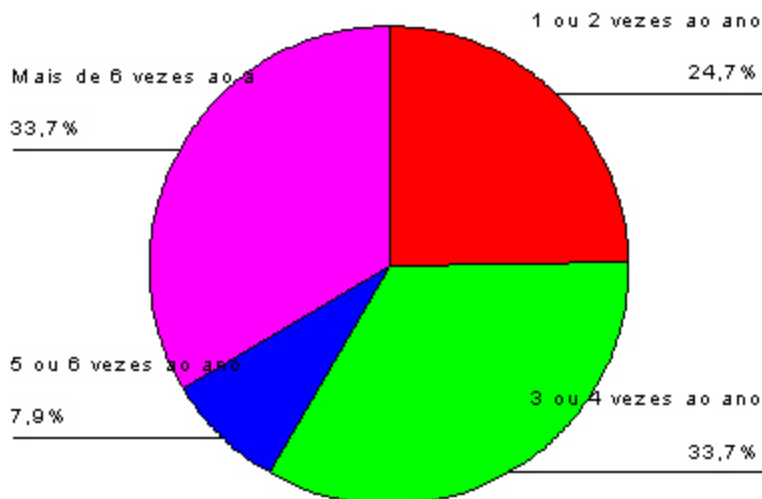


(Gráfico 1 – Hospedagem de amigos e parentes no centro histórico da Cidade de Goiás)

Altos valores positivos com relação à hospedagem de amigos e parentes em cidades turísticas são sempre esperados, ainda mais em se falando de Brasil, onde o turismo e principalmente a hospedagem hoteleira não são acessíveis a grande parte da população que busca então alternativas para viajar e se hospedar, porém uma resposta afirmativa de 93,2% da população merece destaque, pois indica, de certa forma, uma característica cultural da localidade em questão, o seu viés de hospitalidade.

Era ainda importante, no entanto, tomar conhecimento da frequência média anual dessa hospedagem para que pudéssemos realmente confirmar nossa primeira hipótese. Os resultados obtidos com relação a essa frequência podem ser vistos no gráfico 2.

## Frequência anual de hospedagem de amigos e parentes

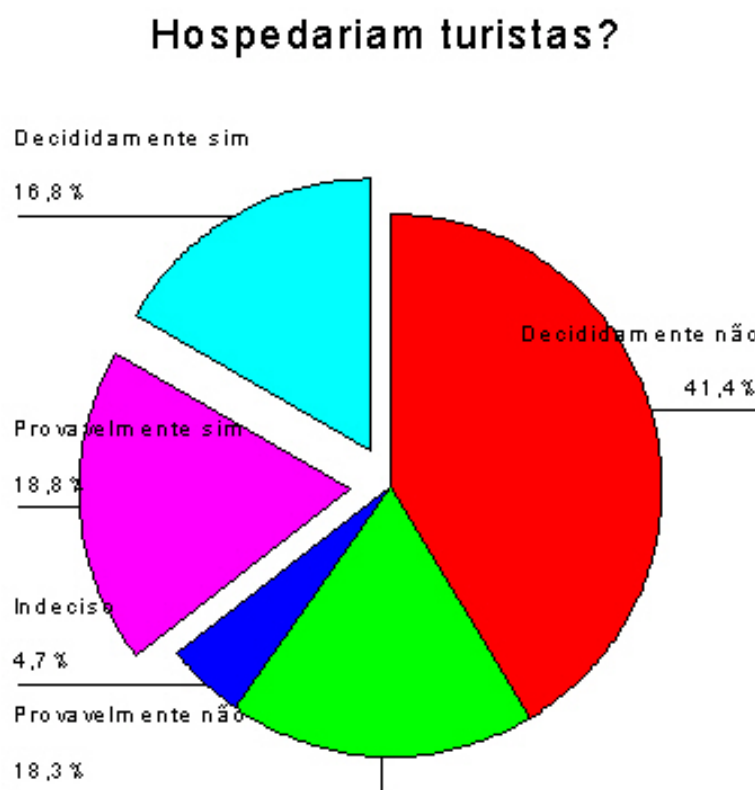


(Gráfico 2 – Frequência anual de hospedagem de amigos e parentes no centro histórico da Cidade de Goiás)

A análise do gráfico acima ratifica as conclusões obtidas com relação ao viés de hospitalidade dos moradores e confirma definitivamente o fenômeno da hospedagem em casa de parentes e amigos no centro histórico da Cidade de Goiás, uma vez que 75,3% deles hospeda esses parentes e amigos em suas residências pelo menos 3 vezes ao ano. Considerando, porém que os períodos de alta temporada na Cidade de Goiás são três, correspondendo aos feriados do Carnaval, da Semana Santa e aos dias da realização do FICA (Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental) é de se esperar que os locais recebam visitantes nessas ocasiões o que já contabilizaria 3 visitas anuais. Mais importante então foi constatar que 41,6% deles recebem esses visitantes ao menos 5 vezes ao ano e 33,7% em mais de 6 ocasiões anuais o que indica que recebem esses parentes e amigos em oportunidades outras que as de alta temporada, podendo apontar assim para uma maior pré-disposição para a hospitalidade.

Confirmada a nossa primeira hipótese, restava ainda testar a segunda. Estariam os moradores do centro histórico da Cidade de Goiás dispostos a receber em suas casas, não parentes e amigos, mas turistas?

A Cidade de Goiás é conhecida pelo seu tradicionalismo e os goianos em geral, apesar de reconhecidamente hospitaleiros, como pudemos constatar nesse mesmo trabalho, são tidos como “desconfiados” com relação aos forasteiros desconhecidos, portanto uma resposta negativa à questão acima não poderia ser considerada como surpreendente. No entanto não foi essa a constatação de nossa pesquisa, como podemos conferir no gráfico abaixo.



(Gráfico 3 – Predisposição à hospedagem de turistas no centro histórico da Cidade de Goiás)

A pergunta relativa à predisposição para a hospedagem de turistas foi do tipo escalonada o que além de fornecer um número maior de opções ao entrevistado pôde nos revelar os diferentes graus de intenção dos moradores.

O percentual total de entrevistados não dispostos a receber turistas em suas residências foi de 59,7%, sendo que 41,4% desse total se posicionou decididamente contra e 18,3% provavelmente contra, o que, como ressaltamos



a pouco não pode ser considerado um resultado negativo dada a pouca tradição do hábito de se receber turistas em residências particulares na região pesquisada e, até mesmo em todo o nosso país. Em se tratando de uma cidade histórica extremamente tradicionalista como a Cidade de Goiás era de se esperar, até mesmo, uma aversão a essa atividade.

Surpreendente, então, foi o percentual de entrevistados inclinados a receber esses turistas em sua casa. 35,6% do total dos entrevistados responderam que estão dispostos a hospedar turistas em suas casas, sendo 16,8% decididamente a favor e 18,8% provavelmente a favor. No entanto, podemos dizer que tais valores confirmam a nossa segunda hipótese?

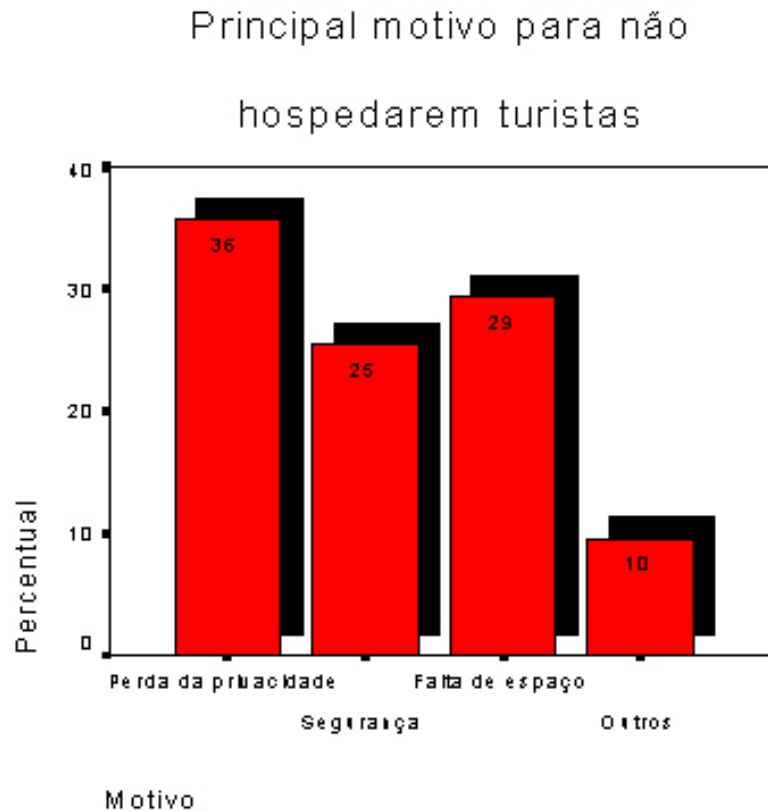
Antes que responder a essa pergunta, devemos nos lembrar do objetivo do estudo em questão: a introdução do meio de hospedagem *B&B* nas cidades históricas. Assim, para comprovarmos nossa segunda hipótese, o percentual de moradores dispostos a receber turistas em suas residências deveria ser tal que tornasse possível o surgimento desse “novo” meio de hospedagem. Para tanto alguns cálculos se fazem necessários.

Em um universo de 750 residências, 16,8% representam 126. Imaginando que cada uma dessas residências, decididamente dispostas a receber turistas, disponha de apenas um cômodo para tal atividade e que esse cômodo conte com apenas dois leitos já teríamos 252 novos leitos somente no centro histórico da Cidade de Goiás, o que já, senão supera, ao menos equivale ao número de leitos destinados a turistas referentes às pousadas e hotéis no centro histórico. Se considerarmos também os provavelmente dispostos, teríamos 534 leitos, isso desconsiderando 4,7% de indecisos constatados na pesquisa.

Dessa maneira, na nossa análise, podemos considerar que a hipótese segunda foi, sim, comprovada e que a introdução do meio de hospedagem *B&B* no centro histórico da Cidade de Goiás é viável e pode contribuir em muito para a sustentabilidade do turismo na região.

A pesquisa, entretanto, não se deu por concluída com a confirmação de nossas hipóteses. Restava ainda tomar conhecimento dos motivos que levam ao não recebimento de turistas nas residências, a possibilidade da mudança de atitude dos moradores mediante a possibilidade da escolha dos turistas a serem hospedados e a influência de fatores como o sexo, idade e escolaridade na atitude dos habitantes do centro histórico da Cidade de Goiás.

Foi perguntado aos entrevistados que se posicionaram contra ou indecisos com relação à idéia de hospedar turistas qual seria o principal motivo que os levava a tal opinião. Os resultados podem ser vistos no gráfico abaixo.



(Gráfico 4 – Principal motivo para a não hospedagem de turistas no centro histórico da Cidade de Goiás)

Não surpreendentemente, o principal motivo apontado pelos entrevistados foi a perda da privacidade decorrente da hospedagem de estranhos, fato que realmente acontece quando da implantação de um *B&B* em uma residência, seguido da falta de espaço, preocupações com a segurança e outros fatores como problemas de saúde e desinteresse. É importante aqui ressaltar o motivo falta de espaço, que representou 29% das respostas. De acordo com os entrevistados essa falta de espaço acontece principalmente pela própria hospedagem de parentes e amigos nos períodos de alta temporada, ou seja a hospedagem dessas pessoas tornaria inviável a de turistas. O que os entrevistados não conseguiram compreender de maneira exata foi que a hospedagem de turistas não se resumiria apenas à essas datas, mas aconteceria ao longo de todo o ano, de maneira que a coexistência da hospedagem de parentes e amigos e a de turistas é totalmente viável e não

mutuamente excludente como os entrevistados, em sua maioria, parecem ter inferido. Assim, através de um trabalho de informação sobre o funcionamento dos *B&Bs* acreditamos que um número ainda maior de pessoas poderia assumir uma posição favorável ao recebimento de turistas.

A pergunta seguinte dizia respeito exatamente a eventualidade da mudança de opinião dessas pessoas. Foi perguntado, aos que se mostraram contrários à hospedagem de turistas, se a possibilidade da escolha prévia, via contato telefônico, agenciamento ou algo do gênero, do tipo de turistas poderia fazer com que os moradores se tornassem favoráveis ao recebimento dos mesmos em suas casas. Os resultados são apresentados na tabela a seguir.

### **Influência da possibilidade de escolha na mudança de opinião dos moradores**

		<b>Escolha mudaria a opinião?</b>		
		<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Talvez</b>
<b>Hospedaria turistas?</b>	<b>Decididamente não</b>	12,7%	78,5%	8,9%
	<b>Provavelmente não</b>	28,6%	31,4%	40%
	<b>Indeciso</b>	33,3%	44,4%	22,2%
<b>Total</b>		18,7%	62,6%	18,7%

(Tabela 1 – Influência da possibilidade de escolha na mudança de opinião dos moradores)

Como podemos ver, tal escolha poderia mudar certamente mudar a opinião de 12,7% dos decididamente contra, de 28,6% dos provavelmente contra e de 33,3% dos indecisos, o que representa 18,7% do total dos que não se mostraram favoráveis, em primeira instância, à hospedagem de turistas. Aqui, novamente, alguns cálculos se fazem interessantes. Do total de entrevistados, 64,4% não se mostraram a favor de receber turistas em suas casas, o que num universo de 750 residências corresponde a 483. 18,7% dessas 483 residências seriam então 90. Mantendo a nossa idéia anterior de apenas 2 leitos por residência, teríamos aqui mais 180 leitos para o centro histórico da Cidade de Goiás, a serem somados aos já prováveis 534, resultando num total de 714 leitos. Uma capacidade de hospedagem que não

pode ser desprezada. Além disso o fato de que moradores que inicialmente se disseram decididamente não dispostos a hospedar turistas mudarem de opinião nos indica que talvez os mesmos não tenham respondido de acordo com suas reais convicções. Podendo os mesmo terem optado por provavelmente não ou até mesmo indecisos.

Da mesma maneira perguntamos aos moradores já favoráveis à hospedagem de turistas se a possibilidade da escolha prévia dos mesmos seria importante. Obtivemos os seguintes resultados:

### Importância da escolha do tipo de turistas

		Escolha seria importante?	
		Sim	Não
Hospedaria turistas?	Provavelmente sim	77,8%	22,2%
	Decididamente sim	75%	25%

(Tabela 2 – Importância da escolha do tipo de turistas para moradores favoráveis a hospedagem dos mesmos)

Como fica claro pelas duas tabelas anteriores a possibilidade da escolha prévia do tipo de turistas seja ela por sexo, idade, composição familiar, motivação, entre outros, é um fator de suma importância para os moradores do centro histórico da Cidade de Goiás. Fator esse que poderia ajudar a solucionar os problemas relacionados principalmente à perda da privacidade e segurança, mas também aos de afinidade hospedeiro-hóspede, sendo assim fundamental para o sucesso da introdução de tal meio de hospedagem na região pesquisada.

As tabelas seguintes foram todas confeccionadas através de tabulação cruzada no interesse de identificar a influência de fatores como o sexo, a idade e a escolaridade na disposição dos entrevistados em receber ou não turistas em suas casas.

O intuito dessa busca já é o de estabelecer futuras estratégias para a introdução do meio de hospedagem *B&B* na região pesquisada, definindo público-alvo e meios de abordagem.

### Influência do sexo dos moradores na hospedagem de turistas

		Sexo	
		Masc.	Fem.
Hospedaria turistas?	Decididamente não	48,3%	38,3%
	Provavelmente não	8,6%	22,6%
	Indeciso	1,7%	6%
	Provavelmente sim	19%	18,8%
	Decididamente sim	22,4%	14,3%
Total		100%	100%

(Tabela 3 – Influência do sexo dos moradores na hospedagem de turistas no centro histórico da Cidade de Goiás)

Como podemos ver na Tabela 3 não existem diferenças significativas entre os entrevistados dos sexos masculino e feminino no que diz respeito à sua disposição para hospedar turistas, sendo assim, qualquer campanha de incentivo a introdução do meio de hospedagem *B&B* na região não deve priorizar qualquer um dos sexos em detrimento do outro.

Da mesma forma como veremos a seguir, não foram identificadas diferenças significativas influenciadas pela idade e/ou escolaridade dos moradores.

### Influência da idade dos moradores na hospedagem de turistas

		Faixa etária (em anos)					
		Até 20	De 20 a 30	De 30 a 40	De 40 a 50	De 50 a 60	Mais de 60
Hospedaria turistas?	<b>Decididamente não</b>	--	40%	21,2%	43,2%	42,9%	54,2%
	<b>Provavelmente não</b>	--	33,3%	33,3%	18,9%	16,7%	8,5%
	<b>Indeciso</b>	<b>40%</b>	--	6,1%	--	4,8%	5,1%
	<b>Provavelmente sim</b>	<b>40%</b>	6,7%	27,3%	24,3%	21,4%	10,2%
	<b>Decididamente sim</b>	<b>20%</b>	20%	12,1%	13,5%	14,3%	22%
<b>Total</b>		100%	100%	100%	100%	100%	100%

(Tabela 4 - Influência idade dos moradores na hospedagem de turistas no centro histórico da Cidade de Goiás)

Na Tabela 4, o único dado que salta aos olhos e que merece distinção é o do alto percentual de moradores com até 20 anos que são favoráveis à hospedagem de turistas, 60% dos mesmos. Tal dado é importante principalmente porque tais pessoas, se hoje ainda não são proprietários das residências com poder de decisão, já possuem influência nas decisões domésticas e mais tarde serão eles próprios proprietários e possíveis facilitadores do processo de introdução do meio de hospedagem *B&B* em sua localidade.

A tabela a seguir representa a tabulação cruzada em dois sentidos entre a hospedagem de turistas e o nível de escolaridade dos entrevistados.

Em preto temos o percentual dos níveis de escolaridade dentro da intenção de receber turistas, já em azul temos o percentual da intenção de receber turistas dentro de cada nível de escolaridade. Exemplificando, na primeira linha de resultados temos, em preto, a distribuição dos entrevistados que responderam decididamente não à pergunta sobre a possibilidade de hospedar turistas por nível de escolaridade, assim: 1,3% dos mesmos não tinham instrução, 17,7% tinham o 1º grau incompleto, 13,9% o 1º grau completo e assim por diante. Já na primeira coluna de resultados temos, em azul, a distribuição dos entrevistados que não possuíam qualquer instrução dentro da pergunta sobre a hospedagem de turistas, assim: 25% dos sem

instrução responderam decididamente não, 0% provavelmente não, 25% estão indecisos e assim por diante.

### Tabulação cruzada entre a hospedagem de turistas e a escolaridade

		Nível de escolaridade							total	
		Sem instr.	1º g. incom.	1º g. comp.	2º g. incom.	2º g. comp.	Sup. Incom.	Sup. Comp.		
Hosp. turistas?	Decididamente não	1,3%	17,7%	13,9%	2,5%	36,7%	6,3%	21,5%	100%	
		25%	40%	55%	22,2%	42%	45,5%	39,5%	41,4%	
	Provavelmente não	--	11,4%	5,7%	2,9%	40%	8,6%	31,4%	100%	
		--	11,4%	10%	11,1%	20,3%	27,3%	25,6%	18,3%	
	Indeciso	11,1%	33,3%	--	33,3%	22,2%	--	--	100%	
		25%	8,6%	--	33,3%	2,9%	--	--	4,7%	
	Provavelmente sim	--	19,4%	13,9%	8,3%	30,6%	8,3%	19,4%	100%	
		--	20%	25%	33,3%	15,9%	27,3%	16,3%	18,8%	
	Decididamente sim	6,3%	21,9%	6,3%	--	40,6%	--	25%	100%	
		50%	20%	10%	--	18,8%	--	18,6%	16,8%	
	Total		2,1%	18,3%	10,5%	4,7%	36,1%	5,8%	22,5%	100%
			100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

(Tabela 5 – Tabulação cruzada entre a hospedagem de turistas e a escolaridade dos moradores do centro histórico da Cidade de Goiás)

Ao analisarmos a tabela acima podemos constatar que existe muito pouca influência da escolaridade na decisão de receber ou não turistas nas residências, o que de certa forma contraria nossa expectativa inicial de que maiores níveis de escolaridade implicariam numa maior disposição favorável à hospedagem de turistas. Por exemplo, apenas 18,6% dos entrevistados com nível de instrução superior completo são decididamente favoráveis, contra 50% dos analfabetos, 20% dos que possuem 1º grau incompleto, 10% dos que possuem 1º grau completo, 18,8% dos que concluíram o 2º grau e 18,6% dos que não concluíram o 3º, ou seja, da mesma forma que dissemos ser importante a escolha de uma estratégia de introdução do meio de hospedagem

*B&B* que privilegie ambos os sexos, é também importante que essa estratégia abranja todas as faixas etárias e níveis de escolaridade.

É evidente que os moradores com nível de escolaridade mais baixo com certeza terão mais dificuldade em fornecer serviços de qualidade aos turistas e também não é incorreto imaginarmos que os mesmos possuam residências mais humildes dos que os de nível superior, entretanto, devemos nos lembrar também que existem diferentes tipos de turistas, com diferentes níveis de instrução e poder aquisitivo. Turistas com menor poder aquisitivo encontrariam, portanto, nestas residências mais humildes uma opção de hospedagem mais compatível com sua condição financeira, isso para não falar em hospedeiros com os quais teriam, talvez, mais afinidade. Podemos concluir, então, que a introdução desse “novo” meio de hospedagem requer o treinamento de todo o pessoal interessado, uma vez que essas pessoas estarão entrando em num novo campo profissional, o do turismo. Não é nosso intento aqui definir como tal introdução deverá ser realizada, nem como reunir pessoas tão diferentes em prol de um objetivo comum, mas sim dar indicações importantes para que esse processo abranja um maior número de pessoas possível afim de que os benefícios da introdução dos *B&Bs* para a comunidade e o turismo possam ser não só possibilitados mas também maximizados.



## 6.11 Conclusões da pesquisa

Ao final da tabulação e análise dos dados obtidos durante a pesquisa pudemos chegar a importantes conclusões:

- A hospedagem de parentes e amigos nas residências do centro histórico da Cidade de Goiás é fato indiscutível, uma vez que ela não só acontece em mais de 90% das residências, mas também com bastante freqüência ao longo de todo o ano;
- Grande parte dos habitantes do centro histórico da Cidade de Goiás ainda não se encontra disposta a hospedar turistas em suas residências, sendo a perda da privacidade o principal motivo para tal atitude, porém um número bastante razoável de moradores é de outra opinião, sendo favorável a tal experiência;
- Boa parte dos respondentes que se disseram contra a hospedagem residencial de turistas são passíveis de mudar de opinião no futuro;
- A possibilidade de escolha prévia do tipo de turistas a ser hospedado nas residências é de suma importância para o sucesso da introdução do meio de hospedagem *B&B* na região pesquisada;
- Fatores como sexo, idade e escolaridade não possuem influência significativa na decisão de receber ou não turistas nas residências. A exceção ficando por conta dos moradores com até 20 anos, os quais são amplamente favoráveis.

Durante o último final de semana de Novembro de 2003 percorremos a totalidade das ruas, vielas e becos do centro histórico da Cidade de Goiás, cidade histórica e Patrimônio da Humanidade. Fomos brindados com tempo bom e muito calor. Calor este não apenas o de uma cidade que se situa em pleno Cerrado e entre os morros e montanhas da Serra Dourada, mas também o calor humano de um povo muito hospitaleiro, que via o lugar dos entrevistadores não na porta de casa, mas no sofá da sala de visitas; de preferência servidos de um cafezinho ou pelo menos de um copo d'água. Um

final de semana de muito trabalho, mas também de muito prazer, tanto pelo contato com o povo de Goiás como com a própria cidade, cantada e decantada nos versos de Cora Coralina e tantos outros artistas goianos. Uma pesquisa sobre hospitalidade não poderia ter se realizado de maneira mais agradável e produtiva.

Não existe imparcialidade na pesquisa acadêmica, a escolha de um tema, por si só já demonstra parcialidade. A imparcialidade que existe é em como realizar essa pesquisa sem distorcer fatos ou forçar resultados. Foi com esse espírito que iniciamos a nossa. Nosso objetivo, verificar a viabilidade da introdução do meio de hospedagem *B&B* no centro histórico da Cidade de Goiás e quiçá poder estender essa viabilidade a outras cidades históricas. Para tanto deveríamos confirmar a existência da hospedagem de parentes e amigos na região, o primeiro passo, e depois verificar a disposição dos goianos para receber em suas casas cheias de história, turistas.

A primeira tarefa nos parecia bastante simples, uma vez que hospedar parentes e amigos é senso comum em cidades turísticas, fato ao qual todos os que visitam e conhecem a Cidade de Goiás estão plenamente acostumados. Já com relação à segunda, nossos sentimentos eram bastante diferentes. Se de um lado desejávamos um amplo “sim” a nossa pergunta: “Da mesma forma que o Sr(a). recebe parentes e amigos em sua casa, o Sr(a). não estaria disposto(a) a hospedar turistas, mediante pagamento, como forma de complementar seu orçamento doméstico?”, não podíamos deixar de pensar, e temer, que devido ao jeito “desconfiado” dos goianos, o tradicionalismo da região e o próprio desconhecimento desse “novo” tipo de hospedagem de turistas, o *B&B* ou a hospedagem residencial, poderíamos receber como resposta um sonoro “não”. Mas, afinal, pesquisas são sempre assim, e nossas hipóteses nem sempre são comprovadas.

Qual não foi, então, nossa satisfação a cada “sim” que recebíamos. Satisfação essa que se tornou ainda maior quando tabulamos e analisamos os dados e pudemos concluir que a introdução dos *B&Bs* no centro histórico da Cidade de Goiás é; sim, viável e com eles viáveis também são, e com certeza serão, todos os benefícios, por nós nesse trabalho já elencados. A pesquisa, porém, não parou por aí, buscamos então, através das tabulações cruzadas com as informações sobre sexo, idade e escolaridade identificar tendências e fornecer subsídios para futuras estratégias de introdução dos *B&Bs* na região. Tal processo, com certeza não deverá ser rápido, pelo menos não tanto quanto

gostaríamos, mesmo porque envolve, como todo e qualquer processo de desenvolvimento turístico realizado de maneira profissional, a conscientização e a capacitação da comunidade, uma comunidade que se já é de certa forma acostumada ao fenômeno do turismo ainda se encontra longe de usufruir da gama de benefícios de que ele pode trazer. Acreditamos sinceramente, não apenas devido ao nosso desejo pessoal como idealizadores do projeto, mas sim mediante os dados obtidos nesta pesquisa, que a introdução dos *B&Bs* na Cidade de Goiás, e porque não nas demais cidades históricas, possa ser realizada a contento desde que se busquem mais informações a cerca da população interessada o que tornará possível traçar estratégias de sucesso, que possam trazer à cidade, os moradores e turistas a realidade desse meio de hospedagem de certa forma inovador em nosso país.

## Considerações finais

Optamos pelo termo “considerações finais” em detrimento do termo “conclusão” pois acreditamos que essa já tenha sido elaborada no capítulo anterior quando chegamos ao final de nossa pesquisa de campo e apresentamos os resultados obtidos. Afinal nosso principal intento era o de verificar a viabilidade da introdução do modo de receptividade *B&B* nas cidades históricas brasileiras, e em especial, na Cidade de Goiás. Intento que acreditamos ter realizado a contento ao longo do presente trabalho e principalmente ao fim do último capítulo.

Resta-nos, dessa maneira, sintetizar aqui o trabalho realizado durante o presente estudo.

Iniciamos nossa empreitada com um estudo minucioso, porém conciso, sobre o turismo e a hospitalidade, uma vez que se fazia mister oferecer pelo menos uma pequena explanação a cerca desses grandes campos, esclarecer algumas dúvidas conceituais e estabelecer as suas interfaces. Com tal etapa vencida pudemos realmente nos dedicar à busca por nosso objetivo primordial.

Findo o que denominamos de marco teórico abordamos as cidades históricas onde traçamos um perfil do turismo realizado em tais localidades bem como os impactos, positivos e negativos, advindos dessa atividade em áreas tão sensíveis e culminamos por abordar a problemática da hospedagem de turistas, senão a única questão a ser solucionada quando falamos de turismo histórico, uma das principais.

Pudemos levar ao conhecimento do leitor a profundidade de tal problemática que, se para alguns pode parecer insolvível, para nós se apresentou como uma oportunidade. A oportunidade de propor a introdução em tais municípios de um “novo” meio de hospedagem denominado *B&B*, quase que totalmente desconhecido do turismo brasileiro.

Procuramos explicar o funcionamento desse modo de receptividade bem como expor os motivos pelos quais ele poderia responder, ainda que em parte, os problemas relativos ao turismo e, principalmente à hospedagem de turistas nas cidades históricas. Foi também aí que traçamos um perfil dos clientes adeptos dos *B&Bs* e dos proprietários dos mesmos o que nos levou a levantar dúvidas pertinentes sobre o sucesso da introdução desses em nosso país, uma vez que isso exigia uma mudança cultural de nosso povo que ainda desconhece esse meio de hospedagem.

Ficou claro para nós, no entanto, que um certo traço da identidade nacional brasileira poderia tornar isso possível. Esse traço sendo a tão cantada hospitalidade desse povo. Encetamos então aquele que diria ter sido a parte mais trabalhosa de nossa jornada: a de comprovar teoricamente que esse viés do caráter nacional brasileiro era uma realidade e não apenas um mito, o que poderia significar a diferença entre o sucesso e o fracasso de nosso projeto. Com a ajuda de estudiosos de hoje e do passado pudemos, para nossa satisfação, concluir pela veracidade desse conhecimento que faz parte do senso comum sobre os brasileiros e inferir que as chances de êxito de nosso empreendimento eram realmente muito boas.

Restava, então, que fossemos a campo verificar a viabilidade da introdução dos *B&Bs* em nossas cidades históricas. Para tanto precisávamos eleger uma cidade histórica onde basearíamos nossa pesquisa e que pudesse servir como município piloto para uma futura introdução desse modelo de receptividade em nosso país. Foi eleita a Cidade de Goiás, cidade turística e patrimônio histórico e cultural da humanidade. Dentre os motivos que pautaram essa escolha, um dos principais foi a sua localização, geograficamente cerca de nossa residência, outro foi o fato da mesma ser o berço do povo goiano. Povo sobre o qual também existem inúmeras histórias que dão conta de sua hospitalidade. Histórias que contamos e que, cremos nós, justificou mais veementemente a nossa opção.

Na última etapa de nosso trabalho fomos às ruas e becos da Cidade de Goiás realizando entrevistas com moradores do seu centro histórico nas quais perguntávamos, entre outras coisas, da sua predisposição para receber em casa, não amigos e parentes, mas turistas desconhecidos e pudemos concluir, por todos os resultados que no capítulo anterior expusemos, ter sim o nosso projeto uma grande chance de sucesso.

A introdução dos *B&Bs* na Cidade de Goiás, e conseqüentemente nas outras cidades históricas brasileiras é, sem sombra de dúvida, viável. Desde que estratégias que venham de encontro aos anseios de suas populações sejam traçadas e um trabalho profissional e sério seja executado.

Procuramos ainda, em nosso capítulo final, fornecer alguns subsídios para a confecção de tais estratégias e esperamos, sinceramente, que o presente trabalho possa vir a fornecer um impulso inicial e acender a discussão sobre o desenvolvimento sustentável do turismo, principalmente no que diz respeito a hospedagem de turistas em cidades históricas.

**Apêndice I - Tópico guia para entrevista em profundidade**

## **Tópico guia para entrevista em profundidade**

### **Instruções**

Após cada item da entrevista constam informações e/ou indicações para o entrevistador. É importante lembrar porém que elas são indicações e não regras rígidas a serem seguidas à risca, sendo que o entrevistador deve utilizar sua própria sensibilidade na condução da entrevista, que deve ser realizada da maneira mais descontraída possível.

### **Início da entrevista**

#### **1. Pedir permissão ao entrevistado para a gravação da entrevista**

Explicar que a mesma será transcrita literalmente e que a gravação evitará a perda de detalhes.

Caso o entrevistado não permita a gravação deverão ser feitas anotações ao longo da entrevista que deverá ser transcrita logo após o seu término para evitar maiores perdas de conteúdo.

Caso o entrevistado deseje ter acesso às perguntas que irá responder de antemão, fornecer-lhe a folha em anexo da qual constam apenas as mesmas.

#### **2. Agradecer ao entrevistado**

Primeiramente eu gostaria de agradecer ao Sr. a oportunidade e o tempo dispensado concedendo essa entrevista que será, sem dúvida, de grande valia para o presente trabalho.

#### **3. Apresentação do entrevistador**

Meu nome é Evandro Mendonça da Veiga, goianiense e filho de um vilaboense com uma paulista. Sou graduando em turismo e Especialista em Gestão de Turismo e Hotelaria pela Faculdade Cambury de Goiânia, além de pós-graduando em Docência e Pesquisa em Turismo pela Universidade de Brasília, sendo que o estudo o qual agora me dedico é parte integrante dos trabalhos de conclusão de curso tanto da minha graduação como pós-graduação.

#### **4. Esclarecer da maneira mais breve possível o tema da monografia e a maneira como os trabalhos foram conduzidos**

Prof. Bariani, meu intuito é fornecer um embasamento teórico e empírico para a afirmação de que os goianos são um povo hospitaleiro, que recebem de bom grato, e bem, aqueles que os visitam, o que é uma característica de suma importância para o turismo.

Para validar essa afirmação que já faz parte do senso comum ou, como queira, da sabedoria popular brasileira, procurei primeiro atestar a hospitalidade brasileira, porque pra

mim o goiano é hospitaleiro porque é goiano, mas antes porque é brasileiro.

Para comprovar essa hospitalidade brasileira, realizei uma pesquisa junto às obras daqueles que em seus estudos procuraram definir o caráter nacional brasileiro. Estudiosos como Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freire, Cassiano Ricardo, Fernando de Azevedo, entre outros. E nesses estudos procurei identificar essa hospitalidade ou traços compatíveis com a mesma, como cordialidade, bondade, amizade, tolerância, delicadeza, generosidade, e outros traços afins.

Já para atestar a hospitalidade goiana busquei outro caminho. Realizei uma pesquisa histórica junto aos relatos dos viajantes, estrangeiros ou não, que por aqui passaram durante o século XIX e início do século XX, como Saint-Hilaire, Johann Pohl, Oscar Leal entre outros.

Nesse relatos procurei por passagens onde esses viajantes teciam comentários sobre a nossa hospitalidade. O que não foi difícil, uma vez que eles abundam em suas narrativas, mesmo porque eles dependiam dessa hospitalidade, já que na época quase que inexistiam aqui em Goiás estalagens e hospedarias.

Foram inúmeros os relatos que corroboraram a minha tese, o que me levou a concluir que a hospitalidade goiana é fato e não apenas um mito ou hipótese.

Porém, falta a este estudo, informações mais recentes que pudessem confirmar minha conclusão, ou mesmo atestar que estou errado. Preciso saber se essa é uma característica que os goianos perderam ao longo do tempo, ou uma tradição que se mantém até hoje.

Esse é o motivo da presente entrevista. Tenho certeza que o Sr. como profundo conhecedor de nossas tradições e nossa cultura poderá contribuir em muito para este trabalho.

### ***Início das questões***

#### **4. Prof. Bariani, gostaria que falasse um pouco sobre sua vida, sua história e seu trabalho.**

É importante que o entrevistado dê detalhes que o qualifiquem como profundo conhecedor das tradições goianas. Para isso o entrevistador deve conduzir o diálogo, elicitando do entrevistado fatos que confirmem tal qualificação, tais como livros publicados e premiações recebidas.

Caso necessário, podem ser utilizadas perguntas, convidando o entrevistado a aprofundar-se mais em um devido assunto. Perguntas tais como:

Poderia dizer-me algo mais sobre...?

O que faz você sentir-se assim?

Bem como outras na mesma linha.

#### **5. Prof. Bariani, de acordo com a os seus conhecimentos e a sua opinião, os goianos são um povo hospitaleiro?**

O entrevistado deve responder espontaneamente sendo que o entrevistador deve se



ater a formular perguntas que facilitem a compreensão dos fatos, ou o aprofundamento de idéias. Tais como as descritas anteriormente.

**No caso de resposta afirmativa ir para a pergunta 6. Em caso de negativa a pergunta 8.**

6. Prof. Bariani, o Sr. vê algum motivo em especial que explique essa característica dos goianos?

Idem item 5.

**7. Prof. Bariani, o Sr. teria o conhecimento ou experiência de alguma história que ilustrasse essa hospitalidade goiana?**

Idem item 6.

**Ir para o item 9.**

**8. Prof. Bariani, já que o Sr. não concorda que os goianos sejam hospitaleiros, a que se deve então o que poderíamos chamar de "mito da hospitalidade goiana"?**

Idem item 7.

**9. Prof. Bariani, há algo mais que o Sr. gostaria de me dizer à respeito da hospitalidade goiana ou do caráter dos goianos?**

Idem item 8.

**10. Encerrar a entrevista e agradecer ao entrevistado, explicar como sua entrevista será utilizada no trabalho e oferecer enviar a ele uma cópia do trabalho quando da conclusão do mesmo.**

**Apêndice II – Questionário para entrevista pessoal em residência –  
modelos inicial e final**

**1. Bom dia (tarde/noite), o(a) proprietário(a) da casa está?**

Se **sim** aguardar a presença do mesmo e passar a questão **2**, se **não** agradecer e passar para a residência imediatamente posterior (sem que isso afete a ordem pré-estabelecida para a escolha das residências).

**2. O Sr(a). poderia dispor de 5 minutos para responder seis questões?**

Se **sim**, preencher o campo **Número do Questionário** e passar a questão **3**, se **não** agradecer ao entrevistado e seguir o procedimento anterior.

**3. Meu nome é \_\_\_\_\_. Estou realizando uma pesquisa sobre a hospedagem em casas de amigos e parentes na Cidade de Goiás. O Sr(a). hospeda ou já hospedou parentes ou amigos em sua casa?**

sim  não

Se **sim** passar a questão **4**, se **não** passar a questão **5**.

**4. Em média, com que frequência o(a) Sr(a). hospeda esses amigos e parentes?**

- 1 ou 2 vezes ao ano  
 3 ou 4 vezes ao ano  
 5 ou 6 vezes ao ano  
 mais de 6 vezes ao ano

**5. O Sr(a). estaria disposto a hospedar turistas em sua casa, mediante pagamento, como forma de complementar seu orçamento doméstico?**

- Decididamente não  
 Provavelmente não  
 Indeciso  
 Provavelmente sim  
 Definitivamente sim

Se **Sim** passar a questão **6**, se **Definitivamente não**, **Provavelmente não**, ou **Indeciso**:

**Qual o principal motivo?**

- Perda da privacidade  
 Segurança

- Falta de espaço  
 Aversão aos turistas  
 Falta de necessidade de complementação de renda  
 Outros

**A possibilidade de poder escolher previamente os turistas (receber só famílias, só adultos, só mulheres, só jovens, etc.) poderia te fazer mudar de idéia?**

sim  não  talvez

Passar a questão **7**.

**6. A possibilidade de escolher previamente os turistas, seria importante para o Sr(a).?**

sim  não

**7. Sexo (o entrevistador deve apenas assinalar)**

masculino  feminino

**8. Em caso de entrevistado do sexo masculino: Qual a sua idade? (O entrevistador deve então assinalar a faixa etária de acordo com a idade do entrevistado).**

**Em caso de entrevistado do sexo feminino: Em qual dessas faixas etárias a Sra. se encontra?**

- até 20 anos  
 de 20 a 30 anos  
 de 30 a 40 anos  
 de 40 a 50 anos  
 de 50 a 60 anos  
 mais de 60 anos

**9. Qual o seu nível de escolaridade?**

- 1º grau incompleto  
 1º grau completo  
 2º grau incompleto  
 2º grau completo  
 Superior incompleto  
 Superior completo

**Agradecer ao entrevistado e encerrar a entrevista**

**1. Bom dia (tarde/noite), o(a) proprietário(a) da casa está?**

Se **sim** aguardar a presença do mesmo e passar a questão 2, se **não** agradecer e passar para a residência imediatamente posterior (sem que isso afete a ordem pré-estabelecida para a escolha das residências).

**2. O Sr(a). poderia dispor de 5 minutos para responder seis questões?**

Se **sim**, preencher o campo **Número do Questionário** e passar a questão 3, se **não** agradecer ao entrevistado e seguir o procedimento anterior.

**3. Meu nome é \_\_\_\_\_. Estou realizando uma pesquisa sobre a hospedagem em casas de amigos e parentes na Cidade de Goiás. O Sr(a). hospeda ou já hospedou parentes ou amigos em sua casa?**

sim  não

Se **sim** passar a questão 4, se **não** passar a questão 5.

**4. Em média, com que frequência o(a) Sr(a). hospeda esses amigos e parentes?**

- 1 ou 2 vezes ao ano  
 3 ou 4 vezes ao ano  
 5 ou 6 vezes ao ano  
 mais de 6 vezes ao ano

**5. Da mesma forma que o Sr(a). recebe em sua casa parentes e amigos, o Sr(a). não estaria disposto(a) a hospedar turistas, mediante pagamento, como forma de complementar seu orçamento doméstico?**

- Decididamente não  
 Provavelmente não  
 Indeciso  
 Provavelmente sim  
 Definitivamente sim

Se **Sim** passar a questão 6, se **Definitivamente não, Provavelmente não, ou Indeciso:**

**Qual o principal motivo?**

- Perda da privacidade  
 Segurança

- Falta de espaço  
 Aversão aos turistas  
 Falta de necessidade de complementação de renda  
 Outros

**A possibilidade de poder escolher previamente os turistas (receber só famílias, só adultos, só mulheres, só jovens, etc.) poderia te fazer mudar de idéia?**

sim  não  talvez

Passar a questão 7.

**6. A possibilidade de escolher previamente os turistas, seria importante para o Sr(a).?**

sim  não

**7. Sexo (o entrevistador deve apenas assinalar)**

masculino  feminino

**8. Em caso de entrevistado do sexo masculino: Qual a sua idade? (O entrevistador deve então assinalar a faixa etária de acordo com a idade do entrevistado).**

**Em caso de entrevistado do sexo feminino: Em qual dessas faixas etárias a Sra. se encontra?**

- até 20 anos  
 de 20 a 30 anos  
 de 30 a 40 anos  
 de 40 a 50 anos  
 de 50 a 60 anos  
 mais de 60 anos

**9. Qual o seu nível de estudo?**

- Sem instrução  
 1º grau incompleto  
 1º grau completo  
 2º grau incompleto  
 2º grau completo  
 Superior incompleto  
 Superior completo

**Agradecer ao entrevistado e encerrar a entrevista.**

## Referências bibliográficas

ALGREEN-USSING, Gregers; BEK, Lise; FRANDSEN, Steen Bo; HANSEN, Jens Schjerup (orgs) ***Urban space and urban conservation as an aesthetic problem: Lectures presented at the international conference in Rome 23rd-26th October 1997.*** Roma: <<L'erma>> di Bretschneider, 1997. 55pág.

ALMEIDA, Vitor Coelho de. **Goiaz: usos, costumes, riquezas naturais.** São Paulo: Empresa gráfica da Revista dos Tribunais, 1944. 216pág.

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: fundamentos e dimensões.** São Paulo: Atica, 1999. 250pág.

BAPTISTA, Isabel. Lugares de Hospitalidade. *In* DIAS, Celia Maria de Moraes (org). **Hospitalidade Reflexões e Perspectivas.** Barueri: Manole, 2002. 164pág.

BARREIRO, José Carlos. **Imaginário e viajantes do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência.** São Paulo: Editora UNESP, 2002. 243pág.

BARRETO, Margarida. **Manual de iniciação ao estudo do turismo.** Campinas: Papirus, 1995. 164pág.

BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural.** Campinas: Papirus, 2000. 96pág.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Uma manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002. 516pág.

CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil.** Rio de Janeiro: J. Leite e Cia, 1925. 435pág.

CARVALHO, Alvaro R. Velloso de. **Liberalismo pouco cordial**. <Disponível na Internet em: <http://www.oindividuo.com/idiotice/idiota16.htm>> acesso em 23 maio 2003.

CASSON, Lionel. **Travel in the Ancient World**. London: George Allen & Unwin, 1974. 423pág.

CHON, Kye-Sung; SPARROWE, Raymond T. **Hospitalidade: conceitos e aplicações**. Trad. Ana Beatriz de Miranda e Silva Ferreira. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. 393pág.

COELHO, Guilherme F. **Expedição histórica nos sertões de Goiás: São José do Duro**. Goiás: Popular, 1937. 157pág.

CRUZ, Rita de cássia Ariza da. Hospitalidade turística e fenômeno urbano no Brasil: considerações gerais . *In* DIAS, Celia Maria de Moraes (org). **Hospitalidade Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002. 164pág.

DAVIS, Park; CRAIG, Susannah. ***The complete idiot's guide to running a bed and breakfast***. USA: Alpha Books, 2001. 310pág.

DE LA TORRE, O. **El turismo, fenómeno social**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. 234pág.

DIAS, Célia Maria de Moraes. O modelo de hospitalidade do Hotel Paris Ritz: um enfoque especial sobre a qualidade . *In* DIAS, Celia Maria de Moraes (org). **Hospitalidade Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002. 164pág.

**Dossiê de Goiás: Proposição de inscrição da cidade de Goiás na lista do Patrimônio da Humanidade**. Goiás: 2001.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986. 170pág.

FARR, Robert M. Representações Sociais: a teoria e sua história . In GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995. 324pág.

FREYRE, Gilberto. ***Brazilian National Character in the Twentieth Century***. Philadelphia: [s.n.], 1967. <Disponível na Internet em: <http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/brazilian.htm> > acesso em 17 de setembro de 2003.

\_\_\_\_\_. **Human factors behind**. <Disponível na Internet em: [http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/human\\_factor.htm](http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/human_factor.htm) > acesso em 17 de setembro de 2003.

\_\_\_\_\_. **Social life in Brazil in the middle of the nineteenth century**. <Disponível na Internet em: [http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/social\\_life.htm](http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/social_life.htm) > acesso em 17 de setembro de 2003.

\_\_\_\_\_. **Casa-grande & senzala**. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 668pág.

GARDNER, George. **Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841**. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1975. 260pág.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175pág.

GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, J. R. Brent; MCINTOSH, Robert W. **Turismo: princípios, práticas e filosofias**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Bookman, 2002. 478pág.

GRINOVER, Lucio. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado .  
*In* DIAS, Celia Maria de Moraes (org). **Hospitalidade Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002. 164pág.

HARVEY, D. **The condition of post-modernity**. Oxford: Basil Blackwell, 1989. 223pág.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 220pág.

HORNBY, A. S. **Oxford advanced learner's dictionary of current English**. 18. ed. London: Oxford University Press, 1985. 1041pág.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Base de informações por setor censitário – Censo demográfico 2000 – Resultados do Universo – Goiás – Goiás**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. CD-ROM

KIDDER, D. P. ; FLETCHER, J. C. **O Brasil e os brasileiros (esboço histórico descritivo)**. Trad. Elias Dolianiti. 1o volume. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. 348pág.

LEAL, Oscar. **Viagem as terras goyanas: (Brazil Central)**. Lisboa; Typographia Minerva Central, 1892. 255pág.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1983. 339pág.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. Trad. Nivaldo Montingelli Jr. e Alfredo Alves de Farias. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 720pág.

MONTANDON, Alain. Ritos da hospitalidade erótica . *In* DIAS, Celia Maria de Moraes (org). **Hospitalidade Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002. 164pág.



MOTA, Ático Vilas Boas da. **Provérbios de Goiás - contribuição à paremiologia brasileira**. Goiânia: Oriente, 1974. 248pág.

NAVA, Luiz. **Cantando Goiás e os seus valores**. Goiânia: 1986. 8pág.

OLIVEIRA, Fernando Vicente de. **Capacidade de carga nas cidades históricas**. Campinas: Papirus, 2003. 172pág.

PENNA, J. O. de Meira. **Da cordialidade ao bom-mocismo**. <Disponível na Internet em: <http://www.jt.estadao.com.br/noticias/98/08/10/ar1.htm>>, acesso em 23 maio 2003.

PIMENTEL, Ana Bauberger. **Bed and Breakfast – Um projeto de desenvolvimento turístico sustentável no sul da Itália**. <Disponível na Internet em: <http://www.ivt-rj.net/caderno/anteriores/8/bed/bed1.htm> > acesso em 12 setembro 2003.

PIRES, Maria Coeli Simões. **Da proteção ao patrimônio cultural**. Belo Horizonte: Del Rey, 1994. 413pág.

PIZA, Daniel. **O intelectual brasileiro do século 20**. <Disponível na Internet em: <http://www.estado.estadao.com.br/editorias/2002/07/06/cad034.html>>, acesso em 23 maio 2003.

POHL, Jonhan Emanuel. **Viagem no interior do Brasil**. trad. Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976. 417pág.

**Recommendation concerning the safeguarding and contemporary role of historic areas**. <Disponível na Internet em: [http://www.unesco.org/culture/laws/historic/html\\_eng/page1.shtml#Recommendation](http://www.unesco.org/culture/laws/historic/html_eng/page1.shtml#Recommendation) >, acesso em 23 maio 2003.

RIBEIRO, Darcy. **Os brasileiros**. Petrópolis: Vozes, 1981. 442pág.

RICARDO, Cassiano. **O Homem Cordial e outros pequenos estudos brasileiros**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1959. 245pág.

ROMÁN, Andrés. *Qualities of Historic Towns to be preserved – According to the Charter and besides it*. In: ALGREEN-USSING, Gregers; BEK, Lise; FRANDSEN, Steen Bo; HANSEN, Jens Schjerup (orgs) **Urban space and urban conservation as an aesthetic problem: Lectures presented at the international conference in Rome 23rd-26th October 1997**. Roma: <<L'erma>> di Bretschneider, 1997. 55pág.

RUSCHMANN, Doris van de M.. O turismo rural e o desenvolvimento sustentável. In ALMEIDA, Joaquim Anécio; FROEHLICH, José Marco ; RIEDL, Mário (org.). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas, SP: Papyrus, 2000. 238pág.

\_\_\_\_\_. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 1997. 199pág.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à província de Goiás**. trad. Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. 158pág.

\_\_\_\_\_. **Viagem às nascentes do rio São Francisco**. trad. Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia: 1975. 190pág.

SANCHO, Amparo. **Introdução ao turismo**. Trad. Dolores Martín Rodriguez. São Paulo: Roca, 2001. 267pág.

SILVA, Antônio Moreira da. **Dossiê de Goiás - Enciclopédia Regional: um compêndio de informações sobre Goiás**. Goiânia: Máster Publicidade, 2002. 706pág.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha Simão. **Preservação do patrimônio cultural em cidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 125pág.

SOUZA, Jessé. **Identidade nacional brasileira: como articular segregação social e unidade cultural?** <Disponível na Internet em: <http://www.anpcos.org.br/encontro/2001/01st20.htm>> acesso em 18 setembro 2003.

TAYLOR, Mônica; TAYLOR, Richard. ***Start and run a profitable bed & breakfast.*** Canada:Self-counsel Press, 2002. 213pág.

**The ICOMOS Charter on the Conservation of Historic Towns.** <Disponível na Internet em: [http://www.international.icomos.org/e\\_towns.htm](http://www.international.icomos.org/e_towns.htm) >, acesso em 29 maio 2003.

WALKER, John R. **Introdução à hospitalidade.** trad. Élcio de Gusmão Verçosa Filho. Barueri: Manole, 2002. 508pág.